

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

DO LATIM AO PORTUGUÊS:
UM CONTINUUM À LUZ DE TEORIA FONOLÓGICA

ALINE NEUSCHRANK

Pelotas

2011

ALINE NEUSCHRANK

**DO LATIM AO PORTUGUÊS:
UM CONTINUUM À LUZ DE TEORIA FONOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, nível de Mestrado, da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguística Aplicada - Aquisição, Variação e Ensino

Orientadora: Prof. Dr. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Pelotas

2011

AGRADECIMENTOS

À professora Carmen Lúcia Matzenauer, minha orientadora, pela amizade, incentivo, compreensão e confiança a mim dedicados, sempre, e por suas grandiosas contribuições para esta pesquisa.

Aos demais professores do PPGL da UCPel, pelo conhecimento repassado e pela oportunidade de crescimento.

Aos colegas da XV turma do Mestrado em Letras da UCPel, em especial à Ana Cláudia e Veridiana, companhias constantes e agradabilíssimas durante o curso.

Aos professores do curso de Letras da UFPel, por proporcionarem a mim o conhecimento que deu início ao meu gosto pelos estudos linguísticos, em especial o latim.

Aos meus pais, pelo constante incentivo aos estudos e pela confiança a mim creditada.

Ao Ricardo, meu companheiro de todas as horas, pelos conselhos, pela compreensão e pelo carinho sem o qual não teria conseguido chegar até aqui.

À amiga Liliane Prestes Rodrigues, exemplo de profissional, a quem eu admiro e agradeço pela amizade verdadeira.

Ao colega Mauriccio Paz, professor de História, com quem aprendi que conversando mais com as outras áreas só temos a ganhar.

A todos que, de alguma forma, acompanharam minha caminhada.

RESUMO

A importância de estudar o latim para uma melhor compreensão de certos aspectos fonológicos da língua portuguesa vai além de apenas se considerar a língua latina como “mãe” de nossa língua materna. Através de estudos diacrônicos, é possível evidenciar a presença do latim no uso diário que fazemos do português, além de se poder compreender mais facilmente muitas regras gramaticais por meio de um olhar focado na origem das palavras que são alvo de análise. Assim, é incoerente a ideia defendida por alguns de que o latim é uma “língua morta”, já que o português, assim como o espanhol, o francês, o italiano, etc., é a sobrevivência do latim vulgar, o que mostra estar a língua latina mais do que viva (REZENDE, 2003). Logo, este trabalho objetiva a apresentação de uma descrição e análise dos fenômenos fonológicos ocorridos na evolução do sistema consonantal do latim ao português do Brasil (PB), tendo como suporte a Teoria Autossegmental, considerando os traços que formam a estrutura interna das consoantes e, ainda, a escala de sonoridade na organização dos constituintes silábicos como determinantes dos fenômenos que ocorreram na evolução da língua. Com essa abordagem, foi possível, além de identificar o comportamento dos traços hierarquicamente dispostos e constituintes do sistema de consoantes do latim e aqueles ainda presentes no PB, também verificar quais regras fonológicas se fizeram presentes na composição do sistema consonantal do português brasileiro. A partir da análise proposta, o processo de palatalização mostrou-se como o mais produtivo na diacronia da língua, em se comparando com os outros fenômenos que contribuíram para a constituição do atual sistema de consoantes do Português Brasileiro: sonorização, fricativização, degeminação, palatalização e consonantização.

Palavras-chave: sistema consonantal do PB; latim; processos fonológicos; Teoria Autossegmental

ABSTRACT

The importance of studying Latin to a better understanding of certain phonological aspects of Portuguese language goes further than just considering it as the “mother language” of our “mother tongue”. It is possible to highlight the presence of Latin in our everyday usage of Portuguese through diachronic studies. Moreover, it is easier to understand many grammar rules by focusing the origin of the words analysed here. So, it is not coherent, as some people say, that Latin is a “dead language”, because Portuguese, as well as, Spanish, French, Italian, etc, is the survival of vulgar Latin, which shows that the Latin language is alive (REZENDE, 2003). Thus, this paper intends to present a description and an analysis of the phonological phenomena along the Latin consonantal evolution system to Brazilian Portuguese, supported by the Autosegmental Theory, also considering traces that formed the internal structure of the consonants, and also the sonority scale in the organization of syllabic items structure as determinants points to the phenomenon that occurred in the evolution of language. Through this approach it is possible not only to identify the behavior of traces and the items of the Latin consonants system and those present in the Brazilian Portuguese, also to verify which phonological rules are in the consonantal composition of Brazilian Portuguese. From the proposed analysis, the process of palatalization proved to be the most productive in the diachrony of language, if compared to other phenomena that contributed to the creation of the current system of consonants of Brazilian Portuguese: sound reinforcement, fricativization, degemination, palatalization and consonantization.

Key-words: consonantal system of Brazilian Portuguese; Latin; phonological process; Autosegmental Theory

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama arbóreo	20
Figura 2: Representação de segmento simples de acordo com Clements & Hume (1995).....	21
Figura 3: Representação de segmento complexo de acordo com Clements & Hume (1995).....	21
Figura 4: Geometria de uma consoante pré-nasalizada.....	22
Figura 5: Uma raiz com ligação dupla para a camada temporal: segmentos geminados.....	23
Figura 6: Geometria de traços de segmentos que constituem uma consoante geminada, sem a operação do OCP	25
Figura 7: Representação da sílaba de acordo com Kahn (1976)	26
Figura 8: Constituição da sílaba de acordo com Selkirk (1982)	27
Figura 9: Constituição da sílaba	27
Figura 10: Sílaba - Câmara Jr (1969).....	29
Figura 11: Representação arbórea da palavra <i>grãos</i>	30
Figura 12: Molde silábico (para a sílaba subjacente) de acordo com Lopez (1981)..	31
Figura 13 : Condição Positiva do Ataque Complexo	44
Figura 14 : Condição de Coda.....	45
Figura 15 : Espraimento do traço [+son] e sonorização de consoante surda em posição intervocálica	61
Figura 16: Sequência /tj/ e espraimento	63
Figura 17 : Consoante africada alveolar surda /ts/	64

Figura 18: Geometria de traços da africada alveolar sonora /dz/	65
Figura 19 : Desligamento de borda da africada alveolar sonora /dz/ e geometria de traços da fricativa alveolar sonora /z/	66
Figura 20: Desligamento de borda do segmento /ts/ e geometria de traços de /s/....	67
Figura 21 : Processo de fricativização: b → v	68
Figura 22: Estrutura arbórea de uma geminada e desligamento da linha do tempo fonológico	70
Figura 23: Promoção da articulação secundária	75
Figura 24: Geometria de traços da africada /tʃ/.....	75
Figura 25 : Desligamento da borda esquerda do /tʃ/	76
Figura 26 : Espriamento do traço [coronal] da vogal para a consoante	77
Figura 27: Geometria de traços de /ʃ/.....	78
Figura 28: Sequência [g + vogal coronal]	80
Figura 29: Espriamento do nó Vocálico para o PC.....	81
Figura 30: Geometria de traços da consoante palatalizada /gʲ/.....	82
Figura 31: Suspensão do traço [dorsal] e realização da articulação secundária.....	83
Figura 32: Consoante palatalizada /dʲ/	84
Figura 33: Promoção da articulação secundária	85
Figura 34: Geometria de traços da consoante africada /dʒ/.....	86
Figura 35: Desligamento da borda esquerda de /dʒ/.....	87
Figura 36: Resultado do apagamento da estrutura do segmento plosivo	87

Figura 37: espraçamento do traço [coronal] da vogal seguinte para o PC da plosiva.	89
Figura 38: Geminada /ll/	92
Figura 39: Desligamento de um dos tempos fonológicos da geminada e passagem para consoante simples	93
Figura 40: Espraçamento do nó Vocálico para o PC da consoante	94
Figura 41: Líquida palatal	95
Figura 42: Sequência /kl/ e espraçamento de traço [-anterior]	97
Figura 43: Geometria de traços do segmento /ʎ/	98
Figura 44: Processo de assimilação-espraçamento do nó de raiz do /l/	100
Figura 45 : Dissimilação/mudança do traço [vocoide] e atualização do nó Vocálico	101
Figura 46 : Estrutura arbórea do segmento /j/	102
Figura 47: Espraçamento do nó vocálico de /j/ para /l/	103
Figura 48: Geometria de traços da lateral palatal /ʎ/.....	104
Figura 49: Geometria de traços da sequência /nj/.....	106
Figura 50: Espraçamento do nó Vocálico.....	107
Figura 51: Geometria de traços da consoante nasal palatal	108
Figura 52: Realização de [j] como consoante palatalizada /dʲ/	113
Figuras 53 e 54: Geometria de traços de [w] e /β/.....	115
Figuras 55 e 56: Geometria de traços das fricativas /β/ e /v/.....	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Escala de sonoridade proposta por BONET e MASCARÓ (1996)	28
Quadro 2 : Sistema consonantal latino.....	34
Quadro 3 : Manutenção e formação de consoantes geminadas latim-italiano	34
Quadro 4 : Sistema consonantal do português arcaico (primeira fase).....	39
Quadro 5 : Sistema consonantal do português arcaico (segunda fase)	40
Quadro 6 : Sistema consonantal do PB	41
Quadro 7: Sistema consonantal do PB (Monaretto, Quednau e Hora, 2005).....	42
Quadro 8: Sistema consonantal do PB a partir do latim	55
Quadro 9: Processos fonológicos ocorridos na diacronia do PB.....	57
Quadro 10: Exemplos de sonorização latim>português e português contemporâneo	61
Quadro 11: Desenvolvimento da sequência [tj], após vogal.....	62
Quadro 12: Evolução da sequência /tj/ posterior a consoante	66
Quadro 13: Esquema de evolução das sequências kl, pl e fl segundo Williams (2001)	71
Quadro 14: Esquema de evolução das sequências kl, pl e fl segundo Holt (1997) ...	72
Quadro 15: Etapas do processo de palatalização, segundo Holt (1997).....	72
Quadro 16: Sonoridade da sequência /kl/, segundo a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996).....	73
Quadro 17: Sonoridade da sequência /kj/, segundo a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996)	74

Quadro 18: Contextos de origem de /ʒ/.....	79
Quadro 19: evolução da sequência gj, segundo Williams (2001).....	79
Quadro 20: Proposta de evolução da consoante velar seguida de vogal coronal	80
Quadro 21: evolução da sequência d_i,j	88
Quadro 22: Contextos de origem do /ʎ/	91
Quadro 23: Sonoridade das sequências consonantais, de acordo com a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996)	96
Quadro 24: Exemplos de apagamento da vogal	98
Quadro 25: Resultados da evolução de kl e tl, no galego-português e no castelhano, segundo Teyssier (2007, p.13).....	105
Quadro 26: Origens da nasal palatal /ɲ/.....	105
Quadro 27: Estágios da evolução de /gn/.....	109
Quadro 28: Sonoridade das sequências /gn/ e /ɲn/, de acordo com a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996).	109
Quadro 29: Vocalização das plosivas pós-vocálicas.....	110
Quadro 30: Resultado da evolução da semivogal [j] - adaptado de Ilari (2008, p. 81)	112
Quadro 31: Evolução da semivogal [j].....	112
Quadro 32: Resultados da evolução de [w] nas línguas românicas- Ilari (2008, p. 81)	114
Quadro 33: Evolução da semivogal [w]	114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Visão diacrônica do português	15
2.1.1 Estudos diacrônicos do português – uma visão geral.....	16
2.1.2 Do latim ao português: aspectos gerais e fases	17
2.2 Suporte teórico para a análise dos dados	19
2.2.1 Teoria Autossegmental	19
2.2.2 Teoria da Sílabas – a sílabas em português	26
3 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DOS DADOS	32
3.1 Procedimentos da pesquisa e determinação do <i>corpus</i> de análise	32
3.2 Os inventários de segmentos consonantais: do latim ao português	33
3.2.1 Sistema consonantal do latim	33
3.2.2 O português arcaico: visão geral e variações do sistema consonantal.....	35
3.2.3 O sistema consonantal do português brasileiro	41
3.3 Descrição dos dados: os segmentos consonantais do latim ao português	45
3.3.1 Plosivas surdas.....	45
3.3.2 Plosivas sonoras.....	46
3.3.3 Fricativas surdas.....	49
3.3.4 Fricativas sonoras.....	50
3.3.5 Nasais.....	52
3.3.6 Laterais	53
4 ANÁLISE DOS DADOS	55
4.1 Caracterização do sistema consonantal do latim ao PB	55

4.2 Teoria Autossegmental e a visão do processo evolutivo do PB por meio de traços distintivos.....	59
4.2.1 Sonorização.....	60
4.2.2 Fricativização.....	62
4.2.3 Degeminação.....	68
4.2.4 Palatalização.....	70
4.2.4.1 O segmento fricativo palatal desvozeado /ʃ/.....	71
4.2.4.2 O segmento fricativo palatal vozeado /ʒ/.....	78
4.2.4.3 O segmento lateral palatal vozeado /ʎ/.....	90
4.2.4.4 O segmento nasal palatal vozeado /ɲ/.....	105
4.2.5 Consonantização.....	111
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
6 BIBLIOGRAFIA.....	121

INTRODUÇÃO

Estudos que tomam como base a fonologia diacrônica muito têm contribuído para um melhor entendimento da evolução das línguas naturais, bem como de seu estado em determinado momento no tempo, seja no passado ou no presente. Com o português não seria diferente, visto que análises da estrutura fonológica latina proporcionam subsídios essenciais para a compreensão de certos fenômenos observados no português brasileiro (PB) atual. Para o estudo da diacronia de uma língua, faz-se necessário considerar a existência de dois vieses: a história externa da língua, que consiste na sua evolução sociolinguística, e a história interna da língua, que trata da evolução estrutural, centrando-se em aspectos fonológicos e morfossintáticos.

Em se considerando os fenômenos estruturais, com foco no componente fonológico dos sistemas linguísticos e, de modo particular, na constituição de seus inventários fonológicos, na evolução do latim vulgar às línguas românicas muitos foram os segmentos que se mantiveram; outros, porém, sofreram drásticas mudanças ou simplesmente desapareceram por completo em algumas línguas. O italiano, por exemplo, mantém boa parte de suas características originais em relação às consoantes geminadas, que em português sofreram o processo de simplificação, salvo casos específicos que têm merecido a atenção de pesquisadores atentos às peculiaridades de segmentos como as palatais /j/ e /ç/ e também o r-forte¹.

Diante de possibilidades tão latentes de investigação, um estudo descritivo dos fenômenos que afetam os sistemas consonantais do latim e do português brasileiro se faz muito importante no sentido de caracterizar os dois sistemas e estabelecer relações entre eles, expondo o caminho evolutivo percorrido pelos segmentos que os integram. Afora esse fato, uma pesquisa fundada em uma teoria fonológica é capaz de também explicar os processos sofridos pelos segmentos que constituem os dois inventários fonológicos vinculados diacronicamente, além de permitir conhecer as motivações para as mudanças linguísticas.

¹ Na seção 2.2.1 são apresentadas algumas considerações a respeito dos estudos focados na possibilidade de haver consoantes geminadas no português.

A literatura da área registra um número significativo de obras sobre a evolução de línguas românicas e, particularmente, sobre a evolução do latim ao português. No entanto, poucos são os estudos que buscam a explicação dos fenômenos diacrônicos ligados à fonologia das línguas com base em teorias fonológicas, como por exemplo o estudo de Zágari, no qual o autor utiliza a teoria de traços para sua análise. Diante de tal realidade, a presente proposta de pesquisa vem colaborar para preencher essa lacuna, focalizando o percurso diacrônico do sistema consonantal do latim ao inventário fonológico do PB. A teoria fonológica eleita para dar suporte à abordagem analítica desta pesquisa é a Fonologia Autossegmental.

Diferentemente do que propunham Chomsky & Halle (1968), a Fonologia Autossegmental, como modelo teórico não-linear, pressupõe que haja uma hierarquização dos traços distintos na constituição da estrutura interna dos segmentos, invalidando a relação de bijetividade entre segmentos e traços e permitindo que seja possível considerar e formalizar a representação de traços funcionando isolados ou em conjunto. Através da Geometria de Traços, cuja versão aqui seguida é a proposta por Clements & Hume (1995), é possível explicitar-se não somente o tipo de relação que existe entre os segmentos fonológicos que constituíam o sistema do latim, com base na descrição e no funcionamento dos traços que formam tais segmentos, como também explicar, além de representar formalmente, a constituição do sistema fonológico do PB. Por fim, para que se atinja de forma satisfatória essa explicação diacrônica, é necessário considerarem-se todas as fases históricas por que passou o inventário fonológico em questão. Sendo os segmentos consonantais o foco do trabalho, o modelo teórico não-linear que se mostra mais adequado para a análise é a Fonologia Autossegmental, conforme já foi referido, uma vez que o seu objeto é a caracterização da estrutura interna dos segmentos das línguas.

Considerando a importância dos estudos que envolvem a diacronia das línguas, este trabalho tem, como objetivo geral, descrever e analisar fenômenos fonológicos ocorridos na evolução do sistema consonantal do Latim ao Português Brasileiro, com o suporte da Teoria Autossegmental. Os objetivos específicos são (i) identificar os traços, hierarquicamente dispostos, constituintes do sistema

consonantal latino e seu comportamento na constituição do sistema consonantal do PB; (ii) verificar regras fonológicas que se fizeram presentes na composição do sistema consonantal do PB; (iii) explicitar a evolução ocorrida com os segmentos constituintes dos inventários fonológicos vinculados diacronicamente através da Teoria Autossegmental.

Esta pesquisa foi orientada pelas seguintes questões:

- de que maneira ocorre a constituição do sistema consonantal do latim e do português, no que se refere à organização hierárquica dos traços?

- é possível identificar regras fonológicas que determinaram a constituição do sistema consonantal do PB?

- a Teoria Autossegmental é capaz de explicitar a evolução ocorrida entre os constituintes dos inventários fonológicos analisados?

A partir dos questionamentos listados e dos objetivos que norteiam a busca desta pesquisa, apresenta-se, a seguir, a fundamentação teórica que guiou este trabalho. No capítulo 3, é apresentada a metodologia do estudo, bem como a descrição dos dados e, no capítulo 4, traz-se a análise dos resultados, com o suporte da Teoria Autossegmental e da Teoria da Sílabas. As considerações finais vêm no capítulo 5 desta Dissertação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os estudos históricos das línguas mostram-se, na maior parte das vezes, complexos, em vista de exigirem, além de um conhecimento específico da teoria utilizada para a explicitação de determinado fenômeno ou comportamento da língua, também um grande domínio dos processos evolutivos presentes na sua constituição. Assim, o pesquisador que se interessa por esse tipo de trabalho necessita ter, ao seu alcance, um grande aparato teórico, a fim de tornar clara e consistente a sua pesquisa, além de conhecer os fenômenos que ocorrem na língua e são motivadores das mudanças.

Considerando tal realidade, são apresentadas a seguir duas grandes linhas teóricas que embasam o trabalho aqui proposto: a primeira parte dá conta de uma visão diacrônica do português, trazendo os principais estudos históricos dessa área, e a segunda parte é referente à teoria fonológica que dá suporte à análise dos dados focalizados neste estudo.

2.1 Visão diacrônica do português

A Linguística Moderna teve uma de suas bases nas dicotomias saussurianas, dentre as quais está *sincronia x diacronia*. Saussure preconizou a prevalência dos estudos sincrônicos como objeto dessa disciplina.

A Linguística Sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva. A Linguística Diacrônica estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar um sistema entre si. (Curso de Linguística Geral, p.116)

Como uma das consequências dessa dicotomia, os estudos sincrônicos predominaram no século XX. Porém, a importância dos estudos históricos em Linguística não deve ser descartada, uma vez que a mudança também integra a natureza das línguas naturais. O conhecimento da história da língua permite que distingamos “os caminhos” que foram e que estão sendo por ela percorridos. Os

próprios linguistas do Círculo de Praga reconheciam que uma descrição sincrônica não poderia deixar de considerar a evolução histórica, “pois em um setor considerado sincronicamente existe a consciência do estágio em vista da ausência, do estágio presente, e do estágio em formação” (Círculo Linguístico de Praga, I, p.17).

2.1.1 Estudos diacrônicos do português – uma visão geral

Uma abordagem diacrônica da Língua Portuguesa torna-se relevante não somente por demonstrar características do processo evolutivo da língua, mas também por contribuir para o maior conhecimento das propriedades dos diferentes componentes do sistema, entre os quais está a fonologia – foco do presente estudo –, possibilitando a identificação e a explicação de fenômenos que ocorrem no Português Contemporâneo.

Muitos são os trabalhos de cientistas da linguagem que se detêm no tipo de estudo diacrônico do português. Silva Neto (1956) elabora um comentário filológico do texto do *Appendix Probi*, envolvendo as transformações fonéticas ocorridas entre o latim arcaico, o latim clássico e o latim vulgar. Coutinho (1962) explica as transformações pelas quais o português passou durante a sua evolução. De acordo com o autor, tais mudanças não ocorreram ao acaso, mas obedeceram “a tendências naturais, a hábitos fonéticos espontâneos”, tendências as quais foram decorrentes das leis e princípios encontrados nas gramáticas históricas do português, facilmente observáveis em suas descrições. Williams (2001) entende que o latim, como língua viva, estava sujeito a constantes modificações que foram reconstruídas através de fragmentos históricos e, em grande parte, na base de hipóteses. Descrevendo os fenômenos fonológicos, em especial os consonânticos, mostra que as modificações sofridas por tais sons foram de caráter fonológico geral.

Ainda que o português possua uma boa documentação de sua história, existe um número pequeno de trabalhos que, utilizando essa descrição diacrônica, proporcione uma descrição adequada, cujo poder explicativo seja baseado em teorias linguísticas atuais. Através das palavras de Câmara Jr (1979, p.12), nota-se

certa desconfiança dos linguistas em adotar uma perspectiva do ponto-de-vista histórico em seus trabalhos.

Na filologia, os homens estão cômnicos de um contraste entre os traços linguísticos do passado e os traços linguísticos do presente. O contraste é, porém, visto de um modo estático. “A” é conhecido como diferente de “B” mas “A” não é visto como a causa de “B” ou “B” como a consequência de “A”. Não são imaginados como pontos relacionados numa linha de desenvolvimento.

Fica claro, então, que para um estudo da língua, além de ser construído um conhecimento em determinado momento de sua história, é necessário que haja um estudo de outras fases que abrangem todos os períodos evolutivos pelos quais essa língua passou, a fim de que a análise de determinados fenômenos se insira efetivamente em uma visão evolutiva.

2.1.2 Do latim ao português: aspectos gerais e fases

Segundo Ilari (1992, p.57), todas as línguas vivas apresentam naturalmente uma variação vertical (correspondente à estratificação da sociedade em classes), e horizontal (correspondente a diferenças geográficas). O latim, língua que teve seu uso expandido junto à série de conquistas do império Romano, também apresentava socioletos, visto que era uma sociedade altamente estratificada, o que facilitou a diversificação.

Essa diversidade é, de um modo geral, dividida em algumas categorias. O *latim clássico* é a variedade do latim ligada à criação da arte literária aristocrática, cujo auge se deu no final da República e no início do Império. Criação artificial, não apresentava um correspondente idêntico sequer na fala dos patrícios. Cabe lembrar que Cícero, em certa ocasião, escreveu a Paetus referindo as diferenças entre a própria fala e a escrita (SILVA NETO, 1975, p.30).

Se essa não era a variedade usada na fala, obviamente não seria ela a dar origem às línguas românicas, mas, sim, as variedades populares, um “proto-romance” ao qual Diez (*apud* Ilari, 1992, p.58) chamou de *latim vulgar*, no sentido de

que era expressão de camadas sociais que não tiveram acesso à cultura formal e à escrita. Tanto o latim vulgar quanto a variedade culta da mesma língua conviveram no mesmo espaço sociolinguístico. Além dessas categorias, Grandgent (*apud* SILVA NETO, 1957, p.13) reconhece, ainda, o latim dos bairros pobres e as gírias, bem como o latim dos campos. É, pois, nesse *latim vulgar* que está fundamentalmente a origem do português.

Durante o período de expansão do Império, os romanos adotaram uma política bastante aberta: impunham o direito romano, exploravam economicamente a região, mas permitiam que os povos dominados mantivessem suas práticas religiosas, bem como usassem a língua materna, pelo menos nas conversas entre si. As línguas de tais povos eram de origens bastante diversas, tal como o umbro, o osco, o grego, o fenício, entre outras, e o latim não suplantou essas línguas. De certo modo, a divisão política do império romano sob o Império Constantino marcou uma divisão que já existia do ponto de vista cultural e linguístico, tendo separado o território de fala e cultura latinas do território de fala e cultura gregas. No ocidente, a fala dos vencedores conviveu por muito tempo com as falas locais, sendo o bilinguismo uma situação típica depois da conquista. As línguas faladas na Ibéria não eram indo-europeias (ibero, vascão), exceto na região próxima à França, onde se falava o celtibero. Nessa situação de contato, o latim ia-se impondo como língua que exprimia uma cultura mais avançada e que abria melhores perspectivas de negócios e ascensão social e política.

Era, portanto, língua de prestígio, que naturalmente tenderia, então, a sobrepor suas formas às demais. Nessa situação de interação, foi submetida a um aprendizado diferenciado por parte dos falantes dessas outras línguas, gerando uma nova variante, que colocaria em curso uma futura mudança linguística. Nesse contexto, de acordo com a lição de Câmara Jr (1976), a Língua Portuguesa é dividida nos seguintes períodos:

1. Período arcaico: até o século XV;
2. Período moderno, compreendendo: (a) período moderno clássico (séculos XVI e XVII) e (b) período moderno pós-clássico (séculos subsequentes).

A Língua Portuguesa trazida para o Brasil entrou em contato com línguas indígenas. Desse contato surgiu uma língua geral de intercurso que predominou em nosso território até serem implementadas as políticas portuguesas de ensino da língua oficial, efetivadas por Marquês de Pombal, em 1758, extinguindo, assim, o bilinguismo em favor do português. Nesse mesmo século, acrescenta-se a contribuição africana, em função da importação de escravos da África (TARALLO, 1994, p. 85). Apesar da diversidade cultural e linguística, o que se verifica pela considerável incorporação de etnias nativas na sociedade branca, a Língua Portuguesa se sobrepôs e predomina no Brasil hoje.

2.2 Suporte teórico para a análise dos dados

Considerando serem as consoantes que integram os inventários fonológicos do latim e do português o foco deste trabalho, foi escolhida a Teoria Autossegmental como base para a análise dos dados da pesquisa, adotando-se a Geometria de Traços proposta por Clements & Hume (1995) como fundamento para a discussão da estrutura interna dos segmentos, bem como as alterações que neles se verificaram na evolução do latim ao PB. Ainda, cabe uma seção referente a essa teoria fonológica, bem como se faz necessária uma seção relativa à organização silábica do português, já que muitas transformações ocorridas na evolução das línguas e também em sua sincronia são determinadas pelo contexto silábico.

2.2.1 Teoria Autossegmental

A Teoria Autossegmental, modelo pós-chomskiano, tem como objeto de estudo o segmento e sua estrutura interna, caracterizando-se por integrar o conjunto de teorias fonológicas denominadas não-lineares. A Fonologia Autossegmental permite a segmentação independente de partes dos sons das línguas, pois entende que não há uma relação “bijetiva” (de um para um) entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza. Conseqüentemente, os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

Essa teoria passou, também, a defender que o segmento apresenta uma estrutura interna, isto é, que existe uma hierarquização entre os traços que compõem cada segmento das línguas, sendo possível apresentá-la através de um diagrama arbóreo organizado em camadas ou *tiers*, tal como se pode verificar no exemplo em (1):

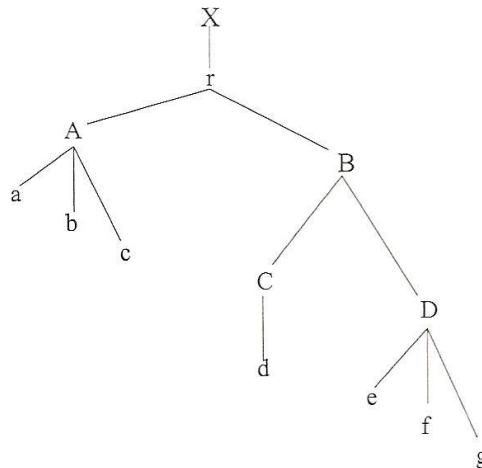


Figura 1: Diagrama arbóreo

No diagrama apresentado, **r** representa o *nó de raiz*, que corresponde ao segmento propriamente dito. Os nós **A,B,C,D** representam *nós de classe*, dominantes de grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas. Os nós **C** e **D** mantêm a mesma dependência de **B**. Os nós terminais **a,b,c,d,e,f,g** são traços fonológicos. O nó de raiz é dominado por uma unidade abstrata de tempo **X**. As linhas que ligam os nós são chamadas *linhas de associação*.

Essa estrutura é chamada de *geometria de traços*, mostrando cada traço em um *tier*, possibilitando o seu funcionamento independente, como também vinculado a nós de classe, permitindo o seu funcionamento em conjuntos solidários. Essa estrutura interna dos segmentos permite demonstrar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo. A existência de cada nó de classe e a subordinação de traços no diagrama não é aleatória, ou seja, os nós têm razão de existir quando há comprovação de que os traços que estão sob o seu domínio funcionam como uma unidade em regras fonológicas (MATZENAUER, 2005).

De acordo com os pressupostos da Fonologia Autossegmental, os segmentos deixaram de ser compreendidos como conjuntos desordenados de traços, passando a ser representados através de uma estrutura hierarquizada. Com essa concepção, é possível estabelecer a distinção entre três tipos de segmentos: segmentos simples, complexos e de contorno.

Segundo Clements e Hume (1995, p. 253), um segmento é simples ao apresentar somente um nó de raiz e ser caracterizado por, no máximo, um traço de articulação oral, como fica atestado pelas representações em (2):

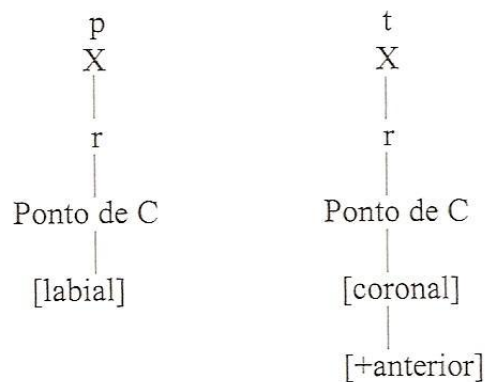


Figura 2: Representação de segmento simples de acordo com Clements & Hume (1995)

Um segmento é considerado complexo quando apresenta um nó de raiz e é caracterizado por, no mínimo, dois traços de articulação oral. Um exemplo desse tipo pode ser visualizado a partir da velar /kp/ do iorubá (CLEMENTS e HUME, 1995, p. 253), representado em (3):

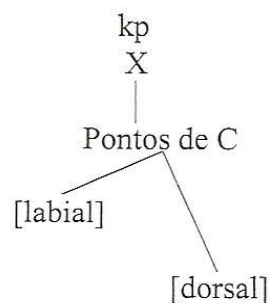


Figura 3: Representação de segmento complexo de acordo com Clements & Hume (1995)

Um segmento é considerado de contorno quando possui a sequência de valores de um mesmo traço. Há uma motivação clássica para que esse tipo de segmento seja considerado, que é a existência de efeitos fonológicos de borda, ou seja, um segmento pode ter o comportamento, em relação aos segmentos vizinhos em uma borda, conforme o valor (+) de um traço, e, em relação aos segmentos vizinhos da outra borda, pode comportar-se conforme o valor (-) do mesmo traço. As consoantes africadas e as plosivas pré e pós-nasalizadas são os candidatos naturais para apresentar essa estrutura. A geometria de uma pré-nasalizada pode ser visualizada a seguir:

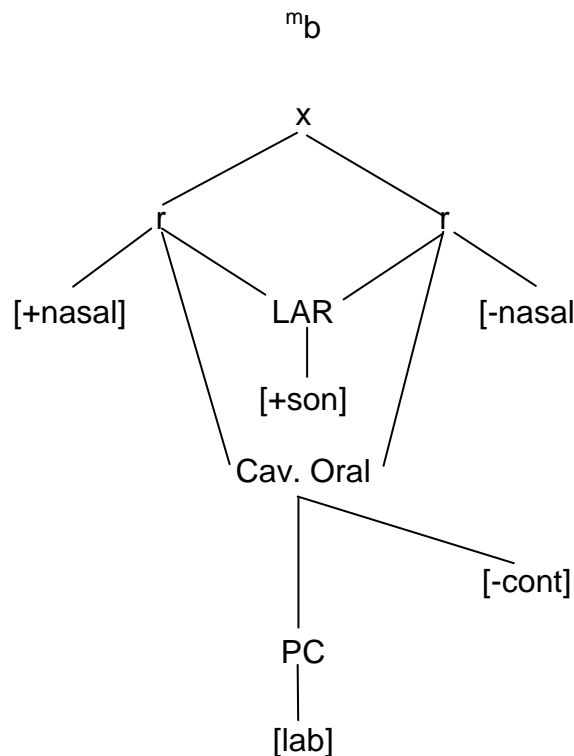


Figura 4: Geometria de uma consoante pré-nasalizada

Na Fonologia Autossegmental, há princípios que impõem limites à aplicação de regras. Dentre eles, destaca-se – pela relevância que tem para a análise dos dados deste trabalho – o Princípio do Contorno Obrigatório (*Obligatory Contour Principle* – OCP), segundo o qual elementos adjacentes idênticos são proibidos. Por esse preceito, não só segmentos adjacentes idênticos, mas também traços

adjacentes idênticos em um dado *tier*, bem como regras que possam criar violações a esse princípio são evitados. Outro princípio fundamental na teoria, que se constitui em uma condição de boa formação, é o Princípio do Não-Cruzamento de Linhas, pelo qual, em todo processo fonológico, as linhas de associação que ligam os traços, que estão representados em camadas independentes, não se podem cruzar.

Comumente, a cada segmento corresponde uma posição X na linha temporal ou esqueletal. As consoantes geminadas e as vogais longas, no entanto, ocupam duas posições nessa linha, ou seja, apresentam dois tempos. Esses segmentos, apesar das duas posições X, têm a mesma estrutura interna. Assim, por força do OCP, que proíbe sequências de segmentos idênticos adjacentes ligadas a duas unidades de raiz, os segmentos geminados são representados com um nó de raiz de ligação dupla, ou seja, ligado a duas unidades de tempo, conforme a figura em (5):

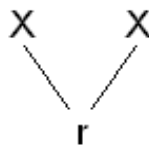


Figura 5: Uma raiz com ligação dupla para a camada temporal: segmentos geminados

A duração de dois tempos em oposição a um tempo apenas, que era fonológica em latim, tanto para vogais como para algumas consoantes, foi perdida em sua evolução para o português. De acordo com Coutinho (1973, p.120), as consoantes geminadas latinas, no interior das palavras, reduzem-se a consoantes simples em português. Zágari (1988, p.105) explica que, na evolução do latim para o português, houve um processo de desfonologização da quantidade, ou seja, com exceção do italiano e do sardo, as demais línguas românicas não mantiveram o valor do traço [±longo], segundo o modelo de Chomsky & Halle (1968). Perdeu-se no período românico, portanto, uma oposição distintiva, sendo que essa perda foi devida ao seu baixo rendimento funcional.

Para analisar a possibilidade de existência de consoantes geminadas no português, especificamente no caso da vibrante em contexto intervocálico (r-forte), Monaretto (1992,1997) apoia-se em Harris (1983) e sua pesquisa sobre a vibrante

no espanhol. Segundo a autora, há um único fonema *r* no sistema do português e a vibrante múltipla intervocálica funciona como uma geminada heterossilábica.

Na palavra *carro*, por exemplo, haveria dois *r* *fracos* que, em razão do OCP (Princípio do Contorno Obrigatório, veja-se seção 2.2.1), seriam reduzidos a um segmento, com uma ligação dupla, indicando que a vibrante ocupa duas posições temporais, característica específica das geminadas. Ainda sobre possíveis geminadas no português, Wetzels (1997) analisa as palatais /ɲ/ e /ʎ/ como geminadas argumentando que esses sons ocorrem somente entre vogais e nunca são precedidos por uma consoante ou por um ditongo. Além disso, lembra que, em empréstimos, esses segmentos em início de palavra recebem uma vogal epentética ([i]nhoque, [i]lhama) e que qualquer vogal é nasalizada diante de /ɲ/.

Tal fenômeno simplificador “já se havia operado no próprio latim vulgar. São frequentes, em inscrições, exemplos como: *mile, anus,...*” (COUTINHO, 1973). Essa simplificação reescreveu as consoantes dobradas em simples, representada no esquema seguir, como se verifica no exemplo: *ga /t/ o < ca /tt/ u*.

$C_1 C_2 \longrightarrow C_3$ onde $C_1 = C_2 = C_3$

Pela representação, é possível entender-se que a consoante resultante (C_3) é igual, em sua estrutura, às consoantes que lhe deram origem ($C_1 C_2$), fenômeno que, na Fonologia Autossegmental, vai poder ser claramente explicado a partir da representação em (6). Nela, vê-se que $C_1 C_2$ são segmentos idênticos, constituídos pelo mesmo conjunto de traços: uma só estrutura interna ligada a duas unidades de tempo.

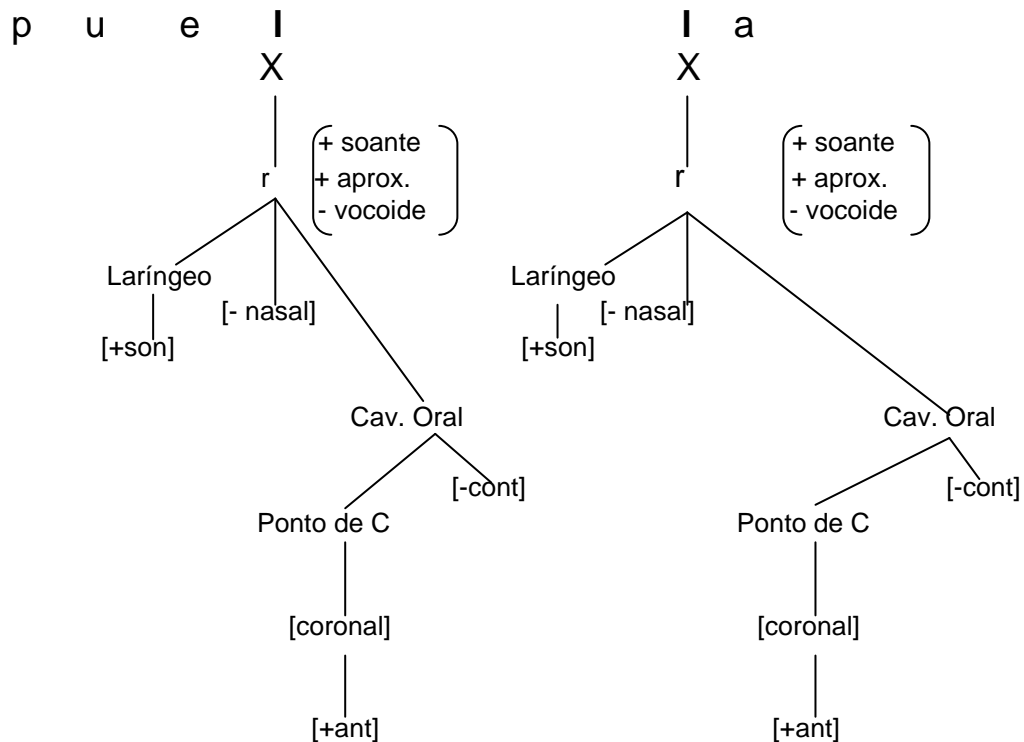


Figura 6: Geometria de traços de segmentos que constituem uma consoante geminada, sem a operação do OCP

A representação em (6) define a estrutura interna das consoantes geminadas. Por sua estrutura ser igual, viola o Princípio do Contorno Obrigatório (pois proíbe elementos adjacentes idênticos), que, então, passa a operar; o resultado é formalizado por uma ligação dupla, portanto não-linear. Dessa forma, surge a estrutura representada em (5), em que tem-se dois tempos fonológicos ligados a uma raiz, situação determinada pelo OCP. Na estrutura silábica, a primeira parte do segmento geminado ocupa a posição de coda da sílaba anterior e a segunda parte, o *onset* da sílaba seguinte².

Em face do aparato aqui exposto, reforça-se novamente a importância não somente dos estudos diacrônicos, para que se tenha um real conhecimento da língua em uso no atual estado sincrônico, como também de sua abordagem com base em um modelo teórico da fonologia capaz de explicar sua natureza e seu funcionamento. Reforça-se, assim, a ideia de que trabalhos que enfocam as

² A sílaba apresenta, em sua estrutura, segundo Clements & Keyser (1983), três constituintes: onset, núcleo e coda.

mudanças linguísticas ao longo da diacronia contribuem para demonstrar que essas transformações, muitas vezes consideradas como mero erro durante o “embate entre variantes”, na verdade não são aleatórias. Ao contrário, o dinamismo é da essência das línguas e sempre pode ser explicado teoricamente. Aquilo que ainda não foi explicado poderá sê-lo, desde que as teorias sejam suficientes para tanto.

2.2.2 Teoria da Sílabas – a sílabas em português

Os estudos fonológicos vêm demonstrando que muitos dos processos ocorridos na diacronia das línguas têm a sílabas como domínio de atuação. A sílabas é a menor unidade da hierarquia prosódica, segundo Nespor & Vogel (1986)³, e com relação a ela têm sido desenvolvidos vários estudos e propostas diversas teorias. Esta seção detém-se nas explicações de Kahn (1976) e Selkirk (1982), que propuseram diferentes teorias da sílabas, e na proposta de Câmara Jr (1969) para a representação da sílabas em português.

Em uma Teoria Autossegmental da Sílabas, Kahn (1976) propõe modelo que pressupõe camadas independentes, uma delas representando a sílabas, à qual estão ligados diretamente os segmentos. Essa proposta apresenta-se sob a representação mostrada em (7):

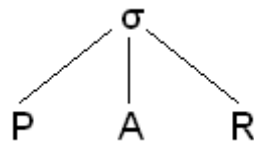


Figura 7: Representação da sílabas de acordo com Kahn (1976)

Em uma Teoria Métrica da Sílabas, Selkirk (1982) propõe diferente estrutura interna, a essa unidade fonológica, em se comparando com o modelo apresentado por Kahn. Selkirk afirma que uma sílabas consiste em um ataque e em uma rima. A

³ Com sua publicação de 1986, os autores propuseram a “fonologia prosódica”, que introduz o estudo de diferentes domínios prosódicos para a explicação de fenômenos da fonologia das línguas (sílabas, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entoacional e enunciado).

rima, por sua vez, consiste em um núcleo e uma coda. Em Português, qualquer uma dessas categorias pode ser vazia, exceto o núcleo, que, nesse sistema, é preenchido apenas pela vogal. A representação daí decorrente está em (8):

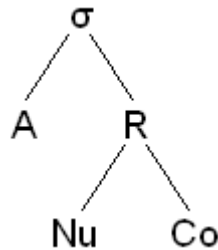


Figura 8: Constituição da sílaba de acordo com Selkirk (1982)

Comparando-se as duas posições teóricas relativamente à sílaba – Autossegmental e Métrica – depreende-se que é diferente o modo como as mesmas veem o relacionamento entre o núcleo e coda. Para a primeira (Teoria Autossegmental da Sílaba), a relação entre os dois elementos, bem como a relação deles com a posição do ataque, é igual. Para a segunda (Teoria Métrica da Sílaba), o relacionamento entre núcleo e coda é bem mais estreito do que entre a vogal do núcleo e a consoante do ataque.

A constituição da sílaba é fator determinante do peso silábico. Sílabas pesadas são constituídas por mais de um elemento sob a mesma posição, no entanto nem todas as sílabas de mais de um elemento em um mesmo constituinte são pesadas. Vejam-se as representações em (9):

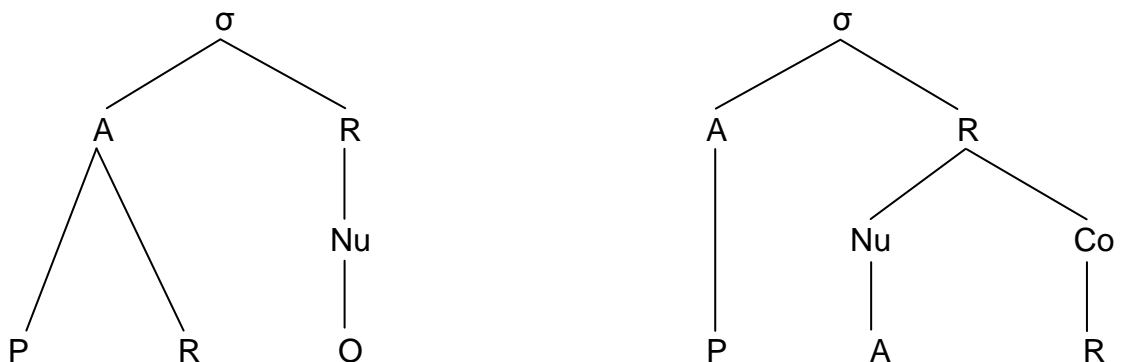


Figura 9: Constituição da sílaba

No primeiro exemplo, o ataque da sílaba é ramificado, no segundo, a rima é ramificada – somente na segunda estrutura tem-se sílaba pesada. Pode-se definir, então, com base nessas representações, a distinção entre sílabas pesadas e leves como uma distinção entre sílabas com rima ramificada e sílabas com rima não ramificada.

Além disso, a escala de sonoridade tem um papel importante na estrutura silábica, porque se pode correlacionar a sonoridade relativa de um segmento com a posição que ele ocupa no interior da sílaba. Quando há sequências de elementos dentro do ataque ou da coda, estas apresentam sonoridade crescente em direção ao núcleo (ex.: a sequência *nt*, de sonoridade decrescente, nunca pode constituir o ataque de uma sílaba, mas pode constituir a coda; já a sequência *pr* pode constituir ataque, mas não coda). Observe-se a escala de sonoridade no quadro 1:

Quadro 1: Escala de sonoridade proposta por BONET e MASCARÓ (1996)⁴

Plosivas	Fricativas/ r- forte	nasais	Líq. laterais	glides/ r-fraco	vogais
0	1	2	3	4	5

Ao falar-se na relevância da escala de sonoridade para a estruturação das sílabas e para o processo de silabação nas línguas, vale referir que, além dessa escala, mais quatro aspectos são também considerados importantes em se tratando da unidade sílaba:

a) Princípio de Sequência de Sonoridade (PSS) (SELKIRK, 1984): em qualquer sílaba, há um segmento que constitui um pico de sonoridade, que é precedido e/ou seguido por uma sequência de segmentos que progressivamente decrescem em valores de sonoridade.

⁴ Vide bibliografia.

b) Ciclo de Sonoridade (CLEMENTS, 1990): o perfil de sonoridade do tipo silábico preferido nas línguas apresenta um crescimento máximo de sonoridade do ataque para o núcleo e um decréscimo mínimo do núcleo para a coda.

c) Restrição de Distância Mínima (HARRIS, 1983): para o português, o onset complexo exige, entre as consoantes que o compõem, a distância mínima de 2 pontos na Escala de Sonoridade.

d) Lei do Contato Silábico (MURRAY & VENNEMAN, 1983): em qualquer sequência C1 \$ C2, há a preferência de que C1 exceda C2 em sonoridade.

O Português atende a todos esses aspectos na estruturação de sílabas e no processo de silabação. Assim, podem-se identificar as seguintes condições para boa formação das sílabas na língua:

- (a) É a condição de sequência de sonoridade que permite silabar corretamente *pasta* (pas.ta) e *orla* (or.la), em português;
- (b) Em qualquer sílaba, o elemento mais sonoro constitui o núcleo e é precedido / seguido por elementos de graus de sonoridade crescente / decrescente.

As línguas diferem quanto ao número e ao tipo de segmentos permitidos para cada posição da sílaba. Exprime-se essa diferença no licenciamento a partir do molde silábico, que é uma afirmação geral a respeito da estrutura possível de sílabas numa determinada língua. Para Câmara Jr (1969), a sílaba é formada de um aclave, um ápice e um declive, conforme é mostrado em (10):

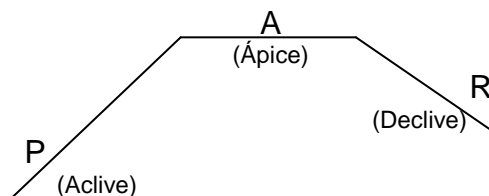


Figura 10: Sílaba - Câmara Jr (1969)

No português brasileiro, o ápice é constituído por uma vogal, o aclave é constituído por uma ou duas consoantes e o declive é constituído por uma das seguintes consoantes: /S/; /r/; /l/ ou pelas semivogais [j] e [w]). Além destas, Câmara Jr. considera a possibilidade de haver também uma consoante nasal no declive, já que interpreta as vogais nasais como sendo fonologicamente “vogal fechada por consoante nasal”.

Esse molde, porém, não tem se mostrado adequado para todas as palavras do Português. Vejamos o caso de palavras com ditongos nasais, como na palavra “grãos”, cuja representação arbórea é a que aparece em (11):

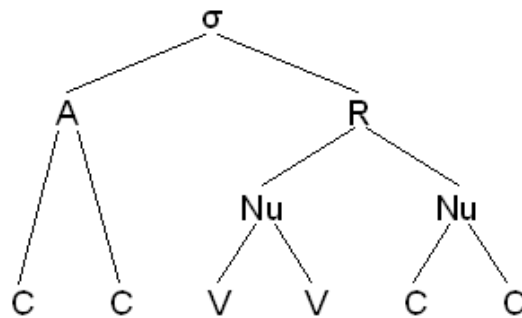


Figura 11: Representação arbórea da palavra *grãos*

Como se pode perceber, tem-se fonologicamente a sequência /grawNS/, segundo a proposta de Câmara Jr. (1969). Para o autor, os ditongos nasais são constituídos por ditongo mais consoante nasal. Porém, esse molde é inadequado, porque não há em Português sequências de ditongo e duas consoantes, como *cairs e *peuls. Seria necessário, então, que a este molde fossem acrescentadas restrições, para que essas sequências fossem evitadas. Em razão desse fato, outras propostas foram apresentadas relativamente à representação dos ditongos nasais na língua, como a de Bisol (1989), por exemplo, as quais, no entanto, não são objeto de estudo do presente trabalho. Também merece ser referido que há outras propostas para a representação do molde silábico da língua, diferente da exposta em (8), como a de Lopez (1979), por exemplo, de acordo com (12).

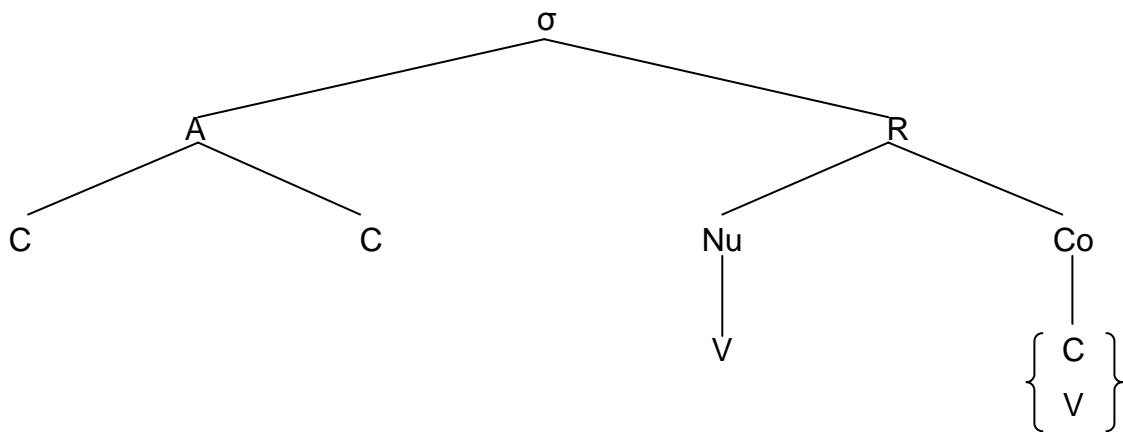


Figura 12: Molde silábico (para a sílaba subjacente) de acordo com Lopez (1981)

Este molde, porém, acaba por reduzir-se significativamente em relação ao proposto por Câmara Jr. (1969), excluindo as sílabas inexistentes e também as existentes, tornando-se restrito demais.

Por fim, é importante mencionar a existência de regras fonológicas que fazem referência à sílaba, como é o caso da velarização do //, ocorrida antes de outra consoante e em final de palavra (vo/ɫ/ta, sa/ɫ/) e, como podemos verificar, a coda é o contexto de aplicação desta regra. Há também a regra de neutralização da sibilante antes de consoante e em final de palavra, que traz como resultado a perda de distinção de sonoridade entre /s/ e /z/, bem como as palatais correspondentes.

Os conceitos apresentados neste capítulo dão conta especificamente do aparato teórico que guia a presente pesquisa. Em um primeiro momento, foram expostas as considerações necessárias a respeito da visão diacrônica do português, trazendo-se alguns dos principais estudos que possuem objetivos semelhantes aos desta pesquisa, no que se refere à evolução de constituintes da língua. Posteriormente, foi apresentada a Teoria Autossegmental, um modelo de análise que tem como objeto de estudo do segmento e sua estrutura interna e para tanto se utiliza da Geometria de Traços para explicitar sua constituição, além da Teoria da Sílaba, capaz de revelar de que maneira a sílaba pode funcionar como domínio de atuação de muitos processos fonológicos ocorridos na diacronia.

3 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DOS DADOS

3.1 Procedimentos da pesquisa e determinação do *corpus* de análise

O trabalho foi desenvolvido em cinco grandes etapas, sendo a primeira delas um levantamento dos estudos sobre a evolução histórica do português, com foco no desenvolvimento diacrônico das consoantes da língua, o que permitiu a delimitação exata do material a ser analisado nesta pesquisa. Em seguida, passou-se à identificação e construção dos quadros do sistema consonantal latino, do português arcaico e do português brasileiro. Logo, apresentou-se a análise dos processos de evolução dos segmentos consonantais nos três momentos evolutivos (latim, português arcaico e português brasileiro), com base nos pressupostos da Teoria Autossegmental, seguida de uma comparação entre os sistemas consonantais característicos do latim, do português arcaico e do português brasileiro, com fundamento na Teoria Autossegmental.

Os dados aqui analisados provieram basicamente do *Appendix Probi*, obra elaborada por um gramático latino, a qual possui grande valor para o estudo não só do latim, mas de todas as línguas românicas, já que permite observar alguns processos recorrentes no latim vulgar e que prosseguiram ao longo do tempo, transformando-o em muitos outros idiomas, dentre eles o português. Trata-se, na verdade, de uma lista contendo 227 palavras do vocabulário culto latino e suas formas correspondentes na língua popular, com a orientação expressa para que as mesmas não fossem utilizadas. Ainda, diversos outros trabalhos proporcionaram o aporte necessário para esta pesquisa no que se refere à base de dados para análise. Dentre eles, destacam-se os textos de Rosa Virgínia Mattos e Silva, *Como se estruturou a língua portuguesa*, Paul Teyssier, *História da Língua Portuguesa*, e Edwin B. Williams, *Do latim ao português*, os quais apresentam uma proposta de desenvolvimento da língua latina até a consolidação do português, permitindo a visualização dos momentos evolutivos e os elementos que compõem os sistemas aqui analisados.

3.2 Os inventários de segmentos consonantais: do latim ao português

Nesta seção, são apresentados os dados estudados nesta pesquisa, bem como as orientações teóricas selecionadas para efetuar a análise proposta. Muitos são os processos reconhecidos nos estudos linguísticos no que concerne à evolução fonológica do latim (palatalização, sonorização, síncope) e muitos deles são retomados nesta pesquisa. Porém, o olhar lançado para os mesmos diferencia-se em relação ao suporte do modelo teórico que possibilita explorar tais processos e torná-los mais explícitos.

As motivações para haver uma grande diferença entre o português europeu e o português brasileiro, hoje, aos poucos vão sendo conhecidas. Pode-se atribuir esse fato, por exemplo, à grande influência recebida pelos falantes do Brasil através do contato com membros de outras comunidades, por conseguinte usuários de diferentes idiomas, fato que ocorreu de maneira diversa com os falantes do PE, o que acabou por acionar certas variações fonéticas bastante características do PB.

Assim, em um primeiro momento, são elencados os dados apresentando-se a caracterização dos sistemas consonantais envolvidos nos processos evolutivos que deram origem às consoantes do PB. Em seguida, os elementos consonantais constituintes dos sistemas latino, arcaico e brasileiro são expostos de acordo com as classes de consoantes do PB, o que posteriormente orienta para a análise baseada no modelo teórico da Fonologia Autossegmental.

3.2.1 Sistema consonantal do latim

O sistema consonantal latino é apresentado no quadro a seguir, com base nas palavras de Câmara Jr (1979, p.50) e na apresentação de Mattos e Silva (2006):

Quadro 2 : Sistema consonantal latino

Ponto de articulação	Labial		Anterior		Posterior	
	Simples	Geminadas	Simples	Geminadas	Simples	Geminadas
Oclusivas surdas	p	b	t	d	k	g
Oclusivas sonoras		-pp- bb-		-tt- dd-		-kk- gg-
Constritivas surdas	f	-ff-	s	-ss-	-	-
Constritivas sonoras						
Nasais	m	-mm-	n	-nn-	-	-
Laterais	-	-	l	-ll-	-	-
Vibrantes	-	-	r	-rr-	-	-

Como é possível verificar, o latim caracteriza-se por uma presença consistente de consoantes geminadas em seu sistema, marcando a existência da distinção pela quantidade. Ao longo do tempo, essa diferenciação foi perdendo-se nas línguas derivadas do latim, mantendo-se como característica apenas do sardo e do italiano, língua essa que inclusive registra a formação de geminadas em contextos antes não identificados, motivada principalmente pelo processo de assimilação.

Quadro 3 : Manutenção e formação de consoantes geminadas latim-italiano

Manutenção		Formação	
Latim	Italiano	Latim	Italiano
flamma	fiamma	rupto	rotto
bucca	bocca	fragmentu	frammento

Ainda, em se comparando o sistema de consoantes do português com o do latim, vê-se que neste há a ausência das fricativas alveolar /z/, labiodental /v/, palatal surda /j/ e sonora /ʒ/, além da nasal palatal /ɲ/ e da lateral palatal /ʎ/, segmentos que foram surgindo ao longo do processo evolutivo da língua portuguesa, conforme pode ser verificado na seção sobre o sistema consonantal do português arcaico.

As consoantes geminadas do latim, as quais ocorriam sempre em posição intervocálica⁵, sofreram o processo de simplificação, dando origem às suas correspondentes simples; outros fenômenos que ocorreram no latim foram a lenização⁶, sonorização das surdas e, em alguns casos, o desaparecimento das sonoras, tanto no caso das oclusivas como das fricativas.

Ainda, em relação à ausência das fricativas no sistema latino, geralmente a fricativização ocorre em determinados contextos fonológicos, principalmente aqueles em que se fazem presentes as vogais /i,e/ após as plosivas. Podemos observar essa constituição em vocábulos como *fa[k]jo* > *faço*; *judi[k]ju* > *juízo* ; *gra[t]ia* > *graça* ; *belli[t]ia* > *beleza* ; *pla[t]ea* > *praça*.

Verifica-se ainda atuar, no sistema consonantal latino, o fenômeno da palatalização de anteriores dentais e labiais e posteriores velares, processo que resulta em constituições como *russeu* > *roxo* ; *ecclesia* > *igreja* ; *angelu* > *anjo* ; *hodie* > *hoje* ; *inflare* > *inchar* ; *flagrare* > *cheirar*. Ainda, há a palatalização de nasal e lateral anterior, percebida em palavras como *scopulu* > *iscolpu* > *escolho*; *oculu* > *oclu* > *olho*; *coagulare* > *coaglar* > *coalhar*; *filius* > *filho*, *pugnus* > *punho*, *ciconia* > *cegonha*.

Essa foi a configuração principal do sistema latino que deu início à concretização do sistema consonantal do português brasileiro. Porém, esse processo não se fez tão diretamente: há outro momento diacrônico bastante importante na composição do sistema analisado nesta pesquisa. Trata-se da constituição consonantal do português arcaico, assunto tratado a seguir.

3.2.2 O português arcaico: visão geral e variações do sistema consonantal

Os registros mais antigos do português, dos quais se tem conhecimento, surgiram no final do século XII (Testamento de Afonso II e a Notícia do Torto),

⁵ Tal posição é explicada como decorrência da silabação, uma vez que, conforme já referido, a primeira parte de uma geminada ocupa a coda de uma sílaba e a segunda, o *onset* da sílaba seguinte.

⁶ Entende-se por lenização a transformação de um som plosivo para fricativo, como é o caso do /b/ que transformou-se em /v/ (*caballu*>*cavalo*).

marcando, assim, o início histórico do português arcaico. Desde então, foram quatro séculos de intensas modificações e, embora a delimitação desse período seja mais difícil, no final do século XVI a essência da língua, por causa do desaparecimento de praticamente todas as características distintivas do português arcaico, já se equiparava à mesma de hoje em dia (WILLIAMS 2001, p 27). Assim, é possível tomar este ponto como a partida para um novo momento histórico da língua, sem necessariamente tomá-lo como referencial de término do período arcaico, pelo menos até que sejam apresentados fatos linguísticos que permitam fazê-lo.

É possível conhecer a composição do sistema consonantal do português arcaico através de uma comparação entre os sistemas do latim e do português atual, método através do qual é possível ainda uma análise de variações atuantes no momento histórico analisado, considerando, como referência, a grafia da documentação remanescente, além de pistas depreendidas através das considerações dos gramáticos do século XVI (MATTOS E SILVA, 2006). Porém, o conhecimento de um sistema anterior ao efetivamente utilizado não se esgota exclusivamente na comparação: o uso de uma teoria fonológica que dê conta dos processos evolutivos mostra-se bastante eficiente quando da organização de sistemas desse tipo, pois trabalha com hipóteses de mudança baseadas em dados concretos da língua e é exatamente este o papel da Fonologia Autossegmental nesta pesquisa.

É importante considerar que o período histórico que engloba o português arcaico pode ser dividido basicamente em duas fases (CASTRO, 1988, p 12): o galego-português (1214-1216 a 1385-1420) e o português pré-clássico (até 1536-1550). Logo, é possível apresentar um sistema consonantal que se refere a cada um dos períodos. O conhecimento dos processos responsáveis pela reestruturação do então sistema latino para a configuração do português arcaico faz-se muito importante para que haja uma perfeita compreensão das composições a serem abordadas neste estudo. Logo, é importante apresentar os processos de lenização, palatalização e consonantização⁷, ocorridos desde o latim imperial ao início do português arcaico.

⁷ Esses processos serão amplamente discutidos na seção 4.2

Através da representação gráfica do português, encontrada no início do século XIII, é possível constatar a já ocorrência de certos fenômenos como simplificação das geminadas, sonorização das surdas intervocálicas e queda das sonoras intervocálicas, que não ocorreu necessariamente de maneira categórica, como é o caso da velar sonora /g/, como podemos verificar em palavras como **negar** < *negare* e **legume** < *legumem*. Considera-se a simplificação das geminadas como a força desencadeadora das demais lenizações, ocorridas em momentos posteriores.

Em relação à consonantização, sabe-se que os fonemas /ʒ/ e /v/ provêm do [j] e [w] seguidos de vogal, no contexto de início da sílaba. Já as palatais /ʃ, ʒ, ɲ, ʎ/ e as africadas /ts, dz, tʃ, dʒ/ possuem sua origem em plosivas seguidas de vogal ou semivogal palatal /e, i/ em boa parte dos casos, ou em sequências formadas por /k/, /f/, /p/, seguidos de /l/. O fenômeno da anteriorização das velares e a posteriorização das dentais seguidas de /i/ e /e/, que resultou nas africadas /ts, dz, tʃ, dʒ/, posteriormente /s, z, ʒ/, no início e no meio da palavra, segundo Teyssier (1982, p.9-15), ocorreu no latim imperial, momento no qual é muito provável que se tenham desenvolvido também as demais palatalizações, provindas das sibilantes latinas seguidas de vogal ou semivogal palatal e de nasais e líquidas também seguidas de elemento vocálico palatal.

Já as palatalizações advindas de consoantes seguidas de /l/ são mais recentes. Entre os séculos V e VIII situa-se o surgimento de sequências /kl/ a partir do apagamento de uma vogal não-acentuada:

apicula > *apic'la* > *abe/ʎ/a*

ovicula > *ovic'la* > *ove/ʎ/a*

scopulu > *scop'lu* > *esco/ʎ/o*

As palatalizações das sequências latinas /kl/ podem ser situadas em um momento posterior ao século VIII, resultando na africada /tʃ/, depois fricativa /ʃ/, como em *flamma*>*chama* e *clamare*>*chamar*. Porém, tais sequências nem sempre

sofreram este processo: (a) houve a mudança da líquida lateral para vibrante e (b) em palavras consideradas empréstimos cultos (MATTOS e SILVA, 2006, p.82), há a permanência da sequência latina:

(a) *flaccu* > *fraco* , *clavu* > *cravo*

(b) *plenus* > *pleno* , *clarus* > *claro*

A partir dos dados apresentados, a ideia inicial de que as palatalizações não ocorreram de uma maneira simultânea entre a passagem do latim para o português confirma-se. Além disso, é importante considerar que, enquanto o surgimento das africadas e das sequências /kl/ provenientes do apagamento da vogal não acentuada ocorrem a partir de atuação de uma regra, dado o contexto favorável, a palatalização de tais segmentos é marcada pelo estatuto de que cada um faz parte do léxico da língua, ou seja, quando se apresentam em palavras consideradas eruditas, mantêm a sua apresentação original.

O quadro a seguir é apresentado por Mattos e Silva (2006, p.84), considerando a análise de C. Maia (1986, p.502) e Teyssier (1982, p.26) para o estabelecimento do sistema consonantal do português arcaico em sua primeira fase, conhecida como galego-portuguesa:

Quadro 4 : Sistema consonantal do português arcaico (primeira fase)

	Labiais	Labio-dentais	Dentais	Alveolares	Palatais	Velares
Oclusivas su	p		t			k
Oclusivas so	b		d			g
Africadas su				ts	tʃ	
Africadas so				dz	dʒ	
Constritivas su	β	f		s	ʃ	
Constritivas so				z	ʒ	
Nasais	m			n	ɲ	
Laterais				l	ʎ	
Vibrantes simp				r		
Vibrantes múlt				ʀ		

Tomando como base a distinção que pode ser feita entre o galego-português e o português atual, vê-se a presença das africadas alveolares e palatais, ausentes no sistema contemporâneo, além da presença de uma bilabial fricativa sonora e a ausência da labiodental fricativa sonora. Estas são as situações que distinguem a primeira fase do português arcaico do português utilizado atualmente (MATTOS e SILVA, 2006).

Houve sempre muita discordância em relação à existência ou não da oposição /b/ : /v/ no português arcaico. A análise de documentação da época e a observação das zonas geográficas em que se registravam tais dados permitem chegar-se à conclusão de que haveria, no português arcaico, duas áreas dialetais, sendo que o dialeto padrão prestigiado manteve a oposição em questão e fez recuar a mudança proposta pelo dialeto de menos prestígio.

Outro questionamento que pode ser levantado em relação às variantes do português arcaico dá conta da existência ou não das africadas sibilantes /ts/ e /dz/ e palatais /tʃ/ e /dʒ/. Dados históricos comprovam que à fricativa /ʃ/ opunha-se a africada / tʃ/ e esta oposição só é neutralizada após o século XVI, apesar de, em algumas variantes regionais arcaizantes, ela ainda manter-se inalterada. Já a

localização no tempo da africada palatal sonora torna-se mais complicada, pois os registros escritos não apresentam uma uniformidade em sua representação. Os poucos indícios apontam para o seu desaparecimento já no início do século XIII, sendo totalmente apagada do dialeto padrão no século XVI. Pequena também é a documentação disponível para que se possa afirmar em que momento ocorreu a perda das africadas sibilantes, embora seja possível demonstrar com segurança a existência de quatro fonemas sibilantes no período estudado, em função da existência de uma razoável sistematicidade em sua representação (Mattos e Silva, 2006, p.89).

Embora seja difícil haver uma exata determinação do momento histórico em que os processos citados tenham ocorrido, é possível propor um quadro de consoantes representativo do período final do português arcaico:

Quadro 5 : Sistema consonantal do português arcaico (segunda fase)

	Bi-labiais	Labio-dentais	Dentais	Alveolares			Palatais	Velares
Oclusivas su	p		t					k
Oclusivas so	b		d					g
Africadas su							tʃ	
Africadas so								
Constritivas su		f		ʃ̄		ʃ̄	ʃ̄	
Constritivas so		v		ʒ̄		ʒ̄	ʒ̄	
Nasais	m				n		ɲ	
Laterais					l		ʎ	
Vibrantes sim					r			
Vibrantes múl					ř			

De acordo com Mattos e Silva (2006, p. 92), em relação às consoantes do latim ao português,

(...) há aquelas que atravessam séculos e não estão concluídas no diassistema do português. É o caso da mudança de quatro para duas sibilantes e da africada palatal surda para a constrictiva correspondente. Outras consoantes permanecem durante séculos estáveis, começam então a mudar e se difundem com rapidez, como no caso da vibrante anterior múltipla para as realizações posteriorizadas e não-vibrantes.

O resultado “momentaneamente” final deste percurso de difusão e mudança dos elementos consonantais é apresentado a seguir.

3.2.3 O sistema consonantal do português brasileiro

3.2.3.1 Visão geral

Em relação ao sistema latino, o sistema consonantal do PB apresenta alguns fonemas “novos”, como as fricativas sonoras, apresentando poucas alterações se comparado ao sistema do português arcaico em sua fase final:

Quadro 6 : Sistema consonantal do PB

	Bi-labiais	Labio-dentais	Ápico-dental	Pré-dorso-alveolar	Alvéolo-palatal	Dorso-palatal	Dorso-velar	Uvular
Plosivas su	p		t				k	
Plosivas so	b		d				g	
Africadas su								
Africadas so								
Fricativas su		f		s	ʃ			
Fricativas so		v		z	ʒ			
Nasais	m		n			ɲ		
Laterais			l			ʎ		
Tepe			ɾ					
Vibrantes			r ⁸					

⁸ Esta é a representação fonológica do “r forte” no PB, cuja manifestação fonética pode ser muito variável, desde ápico-dental até uvular.

Monaretto, Quednau e Hora (2005) apresentam o sistema consonantal do PB de acordo com a proposta de Câmara Jr, elencando a posição que esses elementos poderão ocupar na palavra, mostrando que o número e o tipo de oposições encontrados no sistema consonantal do PB dependem dos contextos apresentados a seguir:

Quadro 7: Sistema consonantal do PB (Monaretto, Quednau e Hora, 2005)

Intervocálico	Pré-vocálico		Pós-vocálico
	CV	Segunda consoante CCV	
/p/ /b/ /f/ /v/ /m/	/p/ /b/ /f/ /v/ /m/		
/t/ /d/ /s/ /z/ /n/ /l/ /r/	/t/ /d/ /s/ /z/ /n/ /l/	/l/ /r/	/S/ /N/ /l/ /r/
/k/ /g/ /ʃ/ /ʒ/ /ɲ/ /ʎ/ /r/	/k/ /g/ /ʃ/ /ʒ/ /r/		

Assim como todas as línguas naturais, o português falado no Brasil possui algumas variações em seu sistema consonantal. Cabe aqui retomar as noções básicas que distinguem fonemas e alofones, segundo as quais fonemas são unidades capazes de distinguir significado entre itens lexicais de uma língua, enquanto alofones são variantes de fonemas que não alteram significado de palavras. Os alofones são reconhecidos nas gramáticas fonológicas fundamentalmente com base em dois fatores: similaridade fonética e distribuição complementar. Atendendo a esses dois requisitos, as formas de output [t] e [tʃ], [d] e [dʒ], por exemplo, são alofônicas no português brasileiro: além de as referidas plosivas coronais e africadas coronais apresentarem similaridade fonética, estão em distribuição complementar, já que as africadas são empregadas diante da vogal [i] e do glide [j], enquanto as plosivas aparecem diante de qualquer outra vogal do PB (MATZENUER e MIRANDA, 2008, p. 112-113).

De acordo com a proposta de Monaretto, Quednau e Hora (2005, p. 214), as consoantes variáveis do PB são:

- “l” pós-vocálico, que pode ser pronunciado como alveolar [l], velar [ɫ] ou vocalizado [w];
- “s” pós-vocálico, pronunciado como sibilante [s] ou chiante [ʃ] de acordo como dialeto, surdo [s] ou sonoro [z], conforme o contexto seguinte;
- “r”, pronunciado como vibrante [r], fricativa velar [x], uvular [R] e aspirada [h], como vibrante simples [r] ou ainda como som retroflexo [ɾ];
- “t” e “d” antes de “i” podem ser pronunciados como africados [tʃ], [dʒ], alveolares [t], [d] ou dentais [t̪], [d̪];
- nasal pós-vocálica, cuja pronúncia depende do contexto seguinte.

3.2.3.2 As consoantes do PB em relação à estrutura da sílaba

Para o estudo em questão, considera-se imprescindível uma abordagem que leve em consideração a estrutura silábica dos vocábulos analisados, já que, por vezes, a posição do fonema na estrutura da palavra como um todo (início, meio ou final de palavra) ou mais especificamente na constituição da sílaba (ataque ou coda) é determinante para o tipo de processo sofrido pelo segmento na evolução do sistema. Por isso, são apresentadas a seguir algumas considerações importantes a respeito da sílaba e seus constituintes, no PB.

Ao tratar da constituição silábica do PB, Bisol (1999), além de elencar os *Princípios Universais* de boa formação, apresenta ainda a necessidade de complementação dos mesmos através das *Condições de Língua Particular*, já que o português restringe a sílaba a dois constituintes, o ataque e a rima. Os segmentos que compõem o ataque possuem estreita relação fonotática entre si, assim como os elementos que compõem a rima. Por essa razão, a Condição de Ataque e a Condição de Coda surgem como dois tipos de condição de boa formação.

Em relação à estruturação da sílaba, o PB apresenta como possibilidade de presença no ataque simples todas as consoantes do sistema⁹. De acordo com a *Condição de ataque*, essa posição admite no máximo dois elementos (ataque ramificado), sendo que plosivas e fricativas labiais ocupam a primeira posição, seguidas de líquidas alveolares como segundo elemento. Em relação aos ataques silábicos /tl/, /dl/ e /vl/, Bisol (1999) classifica-os como grupos que a língua considera como abertos a empréstimos e neologismos. Os demais grupos permitidos no ataque ramificado constituem-se como /pr/, /br/, /tr/, /dr/, /kr/, /gr/, /pl/, /bl/, /tl/, /kl/, /gl/, /fl/, /fr/ e /vr/. Tal condição, que pode ser visualizada na figura abaixo, exclui todas as sequências que não atendam a seus requisitos:

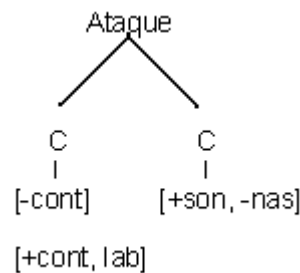


Figura 13 : Condição Positiva do Ataque Complexo

Em se tratando da constituição de coda, esta posição pode ser preenchida por elementos como /S/, /N/, /l/ e /r/ quando é simples. Apesar de haver poucas palavras no PB que apresentem esta posição com estrutura complexa, o segundo elemento só poderá fazer o preenchimento se for uma fricativa coronal, como nas palavras 'perspicaz' e 'perspectiva', por exemplo.

⁹ No português, uma restrição que pode ser observada é a ausência de /ɲ/ e /ʎ/ em início de palavra; os vocábulos que apresentam esses segmentos são empréstimos e na sua produção, o falante produz um /i/ epentético antes das referidas soantes palatais.

Logo, pode-se visualizar a condição a partir da figura abaixo:

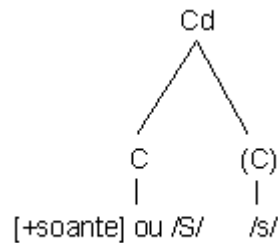


Figura 14 : Condição de Coda

A partir das considerações apresentadas neste capítulo, é possível partir para a apresentação dos elementos consonantais constituintes dos sistemas latino, arcaico e brasileiro de acordo com as classes de consoantes do PB, tornando-se perceptíveis as inserções e perdas ocorridas entre as fases evolutivas do sistema consonantal atual do PB. Sabendo-se que as fonologias das línguas funcionam com base em classes naturais de segmentos, torna-se essa uma forma de apresentação bastante adequada para a análise pretendida.

3.3 Descrição dos dados: os segmentos consonantais do latim ao português

3.3.1 Plosivas surdas

Em posição inicial de palavra (onset absoluto), o sistema consonantal latino compunha-se, além das outras consoantes, das plosivas surdas simples /p/, /t/ e /k/, como podemos observar em palavras como *patria*, *pecúnia*, *paucus*, *tristitia*, *taurus*, *tegula*, *corona*, *campus*, *carrus*. No processo evolutivo que engloba o português arcaico e o brasileiro, há a manutenção desses elementos no referido contexto, salvo raras exceções, devido ao que parece ser um processo de sonorização: *polire* > *buir*, *cattu* > *gato*.

Considerando-se a posição medial de palavra (onset interno), observa-se a ocorrência dos mesmos segmentos simples acima referidos, apresentando-se em

palavras como *copia*, *epicus*, *emporium*, *catenas*, *natam*, *veritatem*, *pacatus*, *ancora*. É importante lembrar que, no latim, para cada segmento consonantal simples havia uma consoante geminada que ocorria apenas na posição intervocálica: *appetitus*, *appendix*, *sagittam*, *vitta*, *buccam*, *siccum*. Tal configuração já não se fez mais presente no período evolutivo em que se encontra o português arcaico, no qual a distinção pela quantidade já não era mais significativa (ver seção 2.2.1).

Conforme a literatura da área, a posição medial da palavra é significativamente suscetível a propiciar mudanças entre os segmentos fonológicos que a constituem. Assim, esse contexto apresenta no português os mesmos segmentos simples existentes no sistema latino, porém, quando no latim eram segmentos simples e se encontravam no contexto intervocálico, deram lugar aos seus homólogos sonoros.

/p/ > /b/ : *ripa* > *riba* (ribanceira); *lupus* > *lobo*; *sapere* > *saber*

/t/ > /d/ : *vita* > *vida*; *rota* > *roda*; *mutus* > *mudo*

/k/ > /g/ : *pacare* > *pagar*; *acutus* > *agudo*; *focu* > *fogo*

Na classe das plosivas surdas, o processo de **sonorização** foi recorrente na evolução do inventário consonantal do latim para o do PB, com menor recorrência em onset absoluto e maior em posição medial de palavra. Além disso, houve também o processo de **degeminação**, especificamente relacionado às consoantes geminadas do latim.

3.3.2 Plosivas sonoras

O sistema consonantal latino já apresentava como constituintes do onset silábico as plosivas sonoras /b/, /d/ e /g/ no contexto inicial de palavra: /**b**/ *ucca*, /**b**/ *ene*, /**b**/ *onus*, /**d**/ *ebere*, /**d**/ *are*, /**d**/ *olorem*, /**g**/ *utta*, /**g**/ *entem*, /**g**/ *allum*. Essa classe de segmentos, assim como as demais, manteve-se praticamente inalterada nos sistemas arcaico e brasileiro.

No entanto, nem todas as plosivas sonoras do português derivam de plosivas do latim: há casos em que a plosiva /b/ do português resulta de uma semivogal labial do latim, ou seja, da semivogal [w], ortograficamente representado pela letra “v”. São exemplos dessa ocorrência: **b**exiga>*vesica* e **v**ota>*boda*. Em alguns casos, na posição de onset absoluto, a sequência formada por /g/ seguido de /e/ ou /i/ acabou por configurar-se, no português, como um novo fonema /ʒ/: /**g**/entem > /ʒ/ente; /**g**/enius > /ʒ/ênio; /**g**/ingivam > /ʒ/engiva.

As plosivas sonoras, como segmentos simples intervocálicos, ocupam também a posição de onset interno. Vê-se essa confirmação em palavras como *gu*/**b**/ernare, *ca*/**b**/allus, *palpe*/**b**/rae, *tar*/**d**/us, *tra*/**d**/itio, *trep*/**i**/d/o, *bi*/**g**/ae, *um*/**g**/itus, *ri*/**g**/or. Também ocupam o referido contexto as consoantes intervocálicas longas pertencentes a essa classe de segmentos: *a*/**dd**/itione, *a*/**dd**/ere, *a*/**dd**/uctus, *a*/**gg**/ravare, *exa*/**gg**/erare, *su*/**gg**/estum, *a*/**bb**/atem, *a*/**bb**/atissa, *as*/**bb**/atu. Assim como as plosivas surdas geminadas, a partir do português arcaico as plosivas sonoras geminadas deram lugar às suas correspondentes simples, como pode ser observado em *a*/**b**/ade, *a*/**d**/ição e *sá*/**b**/ado.

Em relação aos segmentos simples, as plosivas sonoras desapareceram na posição de onset interno (*ibam* > ia; *regale* > real), ou alteraram-se ou, ainda, no caso específico do /g/, mantiveram-se:

/b/ > /v/ : *fa*/**b**/a > *fa*/**v**/a; *ca*/**b**/allu > *ca*/**v**/alo; *de*/**b**/et > *de*/**v**/e

/g/ seguido de /e/ ou /i/: *re*/**g**/inam>*rai*/ɲ/a; *ma*/**g**/ister>mestre; *le*/**g**/em>lei

/g/ seguido de /a/, /o/ ou /u/: *le*/**g**/umem>*le*/**g**/ume; *ne*/**g**/are>*ne*/**g**/ar

No português arcaico, algumas palavras apresentavam já o segmento /v/ em contexto no qual, considerando a palavra latina, figurava a plosiva /b/. No português contemporâneo, porém, esses mesmos vocábulos, por regressão, voltaram a apresentar o segmento plosivo sonoro referido. O /b/ intervocálico do latim permaneceu em palavras eruditas ou semieruditas.

bi/**b**/ere > be/**v**/er > be/**b**/er

se/**b**/um > se/**v**/o > se/**b**/o

ta/**b**/ulam > tá/**v**/oa > tá/**b**/ua

Cabe aqui fazer uma observação mais específica em relação ao /d/, que no latim aparecia de forma recorrente na posição de onset interno, conforme exemplos anteriormente apresentados. Contudo, na evolução da língua, pode-se referir alguns exemplos que confirmam o apagamento deste elemento, mais especificamente no português arcaico, e que posteriormente o português brasileiro se encarregou de inseri-lo novamente nesse contexto, porém não de uma forma categórica, já que vê-se novos segmentos surgindo na posição referida.

lampa/d/is > lampa > lâmpa/d/a

ni/d/um > não > ni/n/o

Logo, a análise inicial permite atribuir à classe das plosivas sonoras três processos fonológicos recorrentes: a **lenização**, em posição medial, responsável pelo surgimento da fricativa /v/, inexistente no latim¹⁰, advinda do segmento /b/ em contexto intervocálico; a **palatalização**, que propiciou o surgimento de um novo segmento consonantal, a palatal /ʒ/, processo esse ocorrido quando o /g/ se encontra em onset absoluto ou medial, seguido de /e/ ou /i/; por fim, registra-se também o processo de **degeminação** das plosivas sonoras geminadas.

¹⁰ Segundo Maurer Jr. (1959), “mesmo não sendo totalmente uniforme, em latim o /u/ consonântico sofreu processo análogo ao /i/ - a lábio-dental sonora /v/ já estaria no sistema do latim vulgar. Ainda segundo Ilari (1992), “no período do latim vulgar desenvolveu-se a fricativa labial /v/, que o latim clássico desconhecia”. Logo, fica evidente que possa haver indícios de que já no latim vulgar essa consoante fazia-se presente, merecendo esta questão, porém, estudos mais específicos para um melhor esclarecimento.

3.3.3 Fricativas surdas

O sistema consonantal latino apresentava apenas as fricativas /f/ e /s/ no contexto inicial de palavra (*filius, fraternus, fortuna, sinus, subitus, salutem*) e o surgimento do segmento /ʃ/ ocorre apenas no português arcaico, no qual há ainda a presença de africadas alveolar /ts/ e palatal /tʃ/, ausentes no sistema contemporâneo. Estas são as situações que distinguem a primeira fase do português arcaico do português utilizado atualmente (MATTOS e SILVA, 2006), ainda que não considerem necessariamente o contexto de atuação dos referidos segmentos. A surda /ts/ tem origem no /t/ e /k/ palatalizados (/k/ivitatem > /ts/idade > /s/idade) e em alguns casos do /d/ (au/d/io > au/ts/o > ou/s/o). A surda /tʃ/, constituinte apenas do contexto inicial de palavra, é o resultado peculiar e particular do português da evolução dos grupos consonânticos iniciais /kl pl fl/ (/kl/amare > /ʃ/amar; /pl/enu > /ʃ/cheio; /fl/ama > /ʃ/ama), representando a fase mais palatalizada na cadeia de alterações ocorridas nesses grupos, os quais se conservaram totalmente no catalão (*flama*) e no francês (*flamme*) e parcialmente palatalizados no italiano (*fiama*) e no castelhano (*llama*)

No português brasileiro, ocorrem os segmentos surdos /f/ e /s/ na posição de onset absoluto, marcando a manutenção dos elementos já existentes no latim (*filho, fraterno, fortuna, sinuosidade, súbito, saúde*), além da palatal /ʃ/, que surge a partir de grupos consonantais como /kl/, /pl/ e /fl/:

/kl/>/ʃ/: /**kl**/ave > /ʃ/ave; /**kl**/amare > /ʃ/amar

/pl/>/ʃ/: /**pl**/uvia > /ʃ/uva; /**pl**/enu > /ʃ/eio; /**pl**agam > /ʃ/aga

/fl/>/ʃ/: /**fl**/amma > /ʃ/ama; /**fl**/agarre > /ʃ/eirar

Em posição medial, os segmentos que compunham o sistema latino eram os mesmos que marcavam presença em onset absoluto. Confirmam essas informações

palavras como *in/f/antia*, *de/f/ensio*, *pro/f/undus*, *ca/s/eus*, *cau/s/am*, *spon/s/us*. O fonema /ʃ/, em onset interno, possui as seguintes origens:

/kl/, /pl/ e /fl/ precedidos de consoante > /ʃ/: *mas/k/ulu* > *mas/kl/u* > *ma/ʃ/o*;
in/fl/are>*in/ʃ/ar*;

/ks/>/ʃ/: *co/ks/am*>*co/ʃ/a*; *fra/ks/inus*>*frei/ʃ/o*;

/ski/>/ʃ/: *fa/ski/am*>*fai/ʃ/a*

Em relação às geminadas do latim, é possível identificar os segmentos /ff/ e /ss/, presentes na constituição de palavras como *a/ff/ectus*, *di/ff/erentia*, *su/ff/ragium*, *o/ss/eum*, *pa/ss/um*, *gre/ss/us*, que deram origem às homorgânicas simples. A sequência /ssi/ é também motivadora do surgimento do fonema /ʃ/ no sistema consonantal do português (*passionem*>*paixão*), assim como /ks/ e /sk/ (*bu/ks/u*>*bu/ʃ/o*; *mi/sk/ere*>*me/ʃ/er*).

Assim, os processos identificados na evolução do sistema, considerando as fricativas surdas, resumem-se à **palatalização**, pela qual surge a palatal /ʃ/, motivada pelas sequências /kl pl fl/ em onset absoluto ou medial da palavra, e /ks sk ssi/ em onset medial; e a **degeminação** das fricativas geminadas, sempre recorrente nos segmentos “duplos” do sistema latino, os quais não se configuram mais no português¹¹.

3.3.4 Fricativas sonoras

O sistema consonantal latino não apresentava nenhum elemento fricativo sonoro, em qualquer contexto. Segundo Mattos e Silva (2006), em posição inicial, os

¹¹ Ver possíveis casos de geminadas do português na seção 2.2.1.

elementos /v/ e /ʒ/ provêm de um processo de consonantização da semivogal [w] posterior ([w]inu> /v/inho, [w]ano>/v/ão,[w]idere>/v/er), bem como da semivogal [j] ([j]am>/ʒ/á, [j]acere>/ʒ/azer). Ainda, o /ʒ/ em contexto inicial de palavra origina-se também do processo de palatalização sofrido pelo /g/ velar inicial seguido das vogais palatais /e,i/ (/g/ente>/ʒ/ente, /g/eneru>/ʒ/ênero). Já a fricativa /z/ ocorre em latim, na referida posição, apenas nas palavras adquiridas por empréstimo de outras línguas, como o grego (/z/ephyrum>/z/éfiro).

O sistema consonantal do português arcaico, em determinado momento, tinha como componentes as africadas, possivelmente a característica que mais o difere do português usado atualmente. Segundo Teyssier (2007), havia um par de africadas (uma surda e uma sonora): /ts/ e /dz/, bem diferentes e /s/ e /z/ (ver seção 3.2.2).

Exemplos:

/ts/	/s/
cen	Sem
/dz/	/z/
cozer	Coser

Segundo o autor, não havia nenhuma confusão entre as africadas e as fricativas, fenômeno que se verificou no português contemporâneo¹². No caso das palatais, a africada /tʃ/, escrita *ch*, também se distinguiu da simples /ʃ/, escrita *x*, ao passo que hoje o *ch* de *chamar* se pronuncia como o *x* de *deixar*. A essas duas surdas correspondia uma única sonora representada /dʒ/, como em *já*. Este fonema foi inicialmente a africada /dʒ/ que perdeu, num determinado momento, o elemento oclusivo inicial, passando a /ʒ/ (TEYSSIER, 2007, p. 32-33).

¹² Teyssier (2007, p. 46-47).

Na posição medial da palavra, as fricativas sonoras /v/, /ʒ/ e /z/ apresentam-se no português contemporâneo por meio de processos de simplificação das geminadas e sonorização das surdas (MATTOS e SILVA, 2006). Cabe ressaltar, porém, que no caso da fricativa labiodental /v/, além da origem em um processo de sonorização de sua correspondente surda /f/ a partir de um contexto intervocálico, como em *pro/f/ectum* > *pro/v/eito*, e a consonantização de [w] intervocálico (*no[we]* > *no/v/e*, *la[w]are* > *la/v/ar*), há também casos em que a plosiva sonora /b/ intervocálica abriu caminho para o surgimento da fricativa surda /v/ (*de/b/et* > *de/v/e*, *nu/b/em*, *nu/v/em*, *ha/b/ere* > *ha/ver*).

O surgimento da fricativa palatal /ʒ/ no português tem sua origem em processos de palatalização das plosivas sonoras /d/ e /g/ seguidas da semivogal [j], assim como /g/ seguido de vogal /e,i/, fricativa surda seguida de semivogal [sj] e também por um processo de consonantização da vogal /i/. Por fim, a fricativa alveolar /z/ apresenta-se como uma das possibilidades de realização a partir das plosivas surdas /t/ e /k/ seguidas de semivogal [j], ou ainda como resultado específico da plosiva /k/ anterior às vogais palatais /e,i/ (*di/k/is* > *di/z/es*, *pla/k/ere* > *pra/z/er*, *ui/k/es* > *ve/z/es*).

Por ter a classe das fricativas sonoras surgido por inteira na evolução do sistema latino para o português, os processos identificados, a partir dos constituintes referidos, ocorrem motivados por diferentes contextos (onset absoluto e medial de palavra) e segmentos. Faz-se importante ressaltar, no entanto, que a presença das vogais palatais /i,e/ e da semivogal [j] é determinante para os processos de **palatalização** e **consonantização**, porém não apenas na classe das fricativas.

3.3.5 Nasais

As consoantes nasais /m/ e /n/ do latim permanecem inalteradas no PB, em contexto inicial de palavra (*/m/ale* > */m/al*, */m/ensis* > *mês*, */n/idu* > */n/inho*, */n/egatus* > */n/egado*). Esse sistema não apresentava a nasal palatal /ɲ/, salvo algum caso em que a palavra provinha de um empréstimo de origem não-latina.

No contexto medial da palavra, o latim apresentava ainda as geminadas /mm/ e /nn/, que deram origem no PB às suas correspondentes simples (co/mm/unem > co/m/um, fla/mm/am > cha/m/a, a/nn/um > a/n/o, pa/nn/um > pa/n/o). Quanto à nasal palatal /ɲ/, presente no sistema consonantal do português e inexistente no sistema latino, nota-se sua origem principal no contexto medial que apresenta uma nasal alveolar seguida de uma semivogal [nj] (ceco[nj]a > cego/ɲ/a, te/ne/o > te[nj]o > te/ɲ/o, li/ne/a > li[nj]a > li/ɲ/a). Também a sequência /gn/ é motivadora do surgimento da nasal palatal, como é possível perceber em palavras como li/gn/osus > le/ɲ/oso, pu/gn/us > pu/ɲ/o, assim como quando o /n/ é antecedido pela vogal palatal /i/ (vic/in/us > vizi/ɲ/o, v/in/u > vi/ɲ/o).

As nasais do sistema consonantal latino sofrem, então, o processo de **degeminação**, no caso das geminadas, e também de **palatalização**, especificamente nas sequências [nj], /in/ e /gn/, processo este que faz surgir a nasal palatal /ɲ/, inexistente no latim.

3.3.6 Laterais

Em onset absoluto, o sistema consonantal latino apresentava apenas a lateral alveolar /l/, observada em palavras como /l/opus, /l/acus, /l/egatum, /l/iber, /l/ongus, mantendo-se inalterada no grupo de consoantes do PB (/l/obo, /l/ago, /l/egado, /l/ivro, /l/ongo. Assim como ocorreu com a nasal palatal, a lateral palatal /ʎ/ só aparece em onset interno, sendo observada em início de palavra apenas quando a mesma provém de um empréstimo linguístico.

Já na posição medial, além da lateral alveolar, compunha também o sistema latino a geminada correspondente /ll/, presente em palavras como pue/ll/a, ga/ll/inam, caba/ll/um, e que no PB acabou por ser substituída por sua correspondente simples (caba/ll/um > cava/l/o, ga/ll/inam > ga/l/inha). Surge então, no contexto referido, um novo constituinte desse sistema: a lateral palatal /ʎ/, que por sua vez tem origem em sequências como /kl/, /pl/, /gl/, /bl/ e /tl/, desde que as mesmas sejam antecidas por uma vogal:

scopulu > isco/pl/u > esco/ɫ/o

oculu > o/kl/u > o/ɫ/o

apicula > api/kl/a > abe/ɫ/a

tribulo > tri/bl/u > tri/ɫ/o

tegula > te/gl/a > te/ɫ/a

vetula > vet/la > ve/ɫ/a

Ainda, quando a palavra latina apresenta a consoante lateral alveolar seguida de semivogal, no PB tem-se a lateral palatal como produto dessa sequência, conforme podemos analisar em palavras como fi/l/iu > fi[lj]u > fi/ɫ/o, pa/l/ea > pa[lj]a > pa/ɫ/a.

Da mesma forma como o ocorrido com a classe das nasais, as laterais sofreram ora o processo de simplificação da geminada //l/, resultando em sua homorgânica simples /l/, ora o processo de palatalização das sequências /kl/, /pl/, /gl/, /bl/, /tl/ e [lj] intervocálicas, resultando na lateral palatal /ɫ/.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Caracterização do sistema consonantal do latim ao PB

A descrição dos dados apresentada no capítulo anterior permite visualizar-se a constituição do sistema consonantal do PB a partir do sistema latino, considerando-se um constituinte da sílaba (onset silábico absoluto ou medial), objeto de estudo nesta pesquisa, conforme quadro a seguir:

Quadro 8: Sistema consonantal do PB a partir do latim¹³

CONS. DO PB	ORIGEM: LATIM	EXEMPLOS	
		FORMA EM LATIM	FORMA EM PB
p t k	p t k (onset absoluto) pp tt kk (medial)	/p/atria; /t/ristitia; /k/orona a/pp/endix; sagi/tt/arius; bu/cc/am	/p/átria; /t/risteza; /k/oroa a/p/êndice; sagi/t/ário; bo/c/a
b d g	p t k (medial) b d g (onset absoluto) b d g (medial)	sa/p/ere; vi/t/a; a/c/utus /b/onus; /d/ebere; /g/utta palpe/b/rae; tra/d/itio; ri/g/or	sa/b/er; vi/d/a; a/g/ludo /b/om; /d/ever; /g/ota pálpe/b/ra; tra/d/ição; ri/g/or
f s	f s (onset absoluto) f s (medial) ff ss (medial)	/f/ilius; /s/alus pro/f/undus; cen/s/ura a/ff/ectus; o/ss/eum	/f/ilho; /s/aúde pro/f/undo; cen/s/ura a/f/eto; ó/s/eo
ʃ	kl pl fl (onset absoluto) kl pl fl ks sk (medial) ssi (medial)	/cl/amare; /pl/uvia; /fl/amma mas/k/ulu>mas/kl/u; in/fl/are; co/ks/am; fa/sk/iam pa/ssi/onem	/ʃ/amar; /ʃ/uva; /ʃ/ama ma/ʃ/o; in/ʃ/ar; co/ʃ/a; fai/ʃ/a pai/ʃ/ão
	f (medial)	pro/f/ectus	pro/v/eito

¹³ As vibrantes, ao que tudo indica, não sofreram processos na evolução do sistema, uma característica bastante peculiar já que seria a única classe não atingida pelos processos evolutivos da língua. Tanto em posição de onset absoluto como em meio de palavra, os segmentos vibrantes simples e geminados do latim mantêm-se no português, conforme pode-se constatar em palavras como rosam>rosa; ferrum>ferro. Ainda, é importante lembrar as considerações feitas por autores como Grandgente (1952) e Bueno (1967): casos como per+lo>pello (r>l) são considerados assimilação rara.

v	w (onset absoluto) b (medial) V_V	/w/idere ha/ b /ere	/v /er ha/ v /er
3	j (onset absoluto e medial) g (onset absoluto e medial) _ /e/, /i/ d ; g_j (medial) sj (medial)	[j]acere /g/ente ho/ dj /e ba/ sj /um	/ʒ /azer /ʒ /ente ho/ ʒ /e bei/ ʒ /o
z	s (medial) t k _j (medial) k_e,i	ou/ s /are ra/ tj /onem di/ k /ere	ou/ z /ar ra/ z /ão di/ z /er
m n	m n (onset absoluto) mm nn (medial)	/m/ensis ; /n/egatus co/ mm /unem ; fla/ mm /am	/m /ês; /n /egado co/ m /unidade; cha/ m /a
ɲ	nj (medial) in (medial) gn (medial)	Ceco/ nj /a v/ in /u pu/ gn /us	cego/ ɲ /a vi/ ɲ /o pu/ ɲ /o
l	ll (medial) l (onset absoluto)	caba/ ll /um /l/iber	cava/ l /o /l /ivre
ʎ	l_e,j (medial) kl pl gl bl tl (medial)	pa/ le /a; fi/ lj /u oculu > o/ kl /u scopulu > isco/ pl /u tegula > te/ gl /a tribulo > tri/ bl /u vetula > ve/ tl /a	pa/ ʎ /a; fi/ ʎ /o o/ ʎ /o esco/ ʎ /o te/ ʎ /a tri/ ʎ /o ve/ ʎ /ota

O quadro 8 permite visualizar claramente a origem das consoantes que passaram a configurar o sistema consonantal do PB, inclusive daquelas inexistentes no latim. Além disso, o estudo das consoantes na posição de onset absoluto e medial permite a análise da ocorrência dos processos fonológicos responsáveis pelo surgimento dos novos segmentos consonantais, bem como das classes de segmentos a que os processos são aplicados. Vê-se, portanto, que, para o estudo da mudança do sistema consonantal do latim ao sistema consonantal do português, se mostram fundamentais as noções de “classes de segmentos” e de “processos fonológicos”.

Através dos exemplos apresentados no quadro 8, ficam claras as origens das consoantes do PB, especialmente quando há semelhança estrutural entre o vocábulo latino e o português, como, por exemplo, sa/**p**/ere > sa/**b**/er. Tal

correspondência estrutural pode ser decisiva para a corroboração das possíveis origens das consoantes do PB.

Em relação ao contexto silábico, conforme já referido neste trabalho, sabe-se que esse é determinante para a ocorrência de determinados processos fonológicos, identificados na diacronia das línguas. Considerando dois contextos principais, onset absoluto e medial, constata-se que os principais processos ocorreram no contexto medial de palavra, mais suscetível a mudanças. Em onset absoluto, os constituintes sofreram mudanças em situações bastante específicas: sequências que sofreram processo de palatalização (kl pl gl bl tl), semivogais as quais se consonantizaram [w j] e ainda a plosiva sonora /g/ seguida de /e/ ou /i/, também palatalizada.

A partir dos dados analisados, é possível a constituição de um novo quadro, o qual apresenta os processos sofridos pelos elementos consonantais estudados, conforme apresentado a seguir:

Quadro 9: Processos fonológicos ocorridos na diacronia do PB

CONSOANTES DO PB	ORIGEM: LATIM	PROCESSO FONOLÓGICO Latim > PB
p t k	p t k (onset absoluto) pp tt kk (medial)	- DEGEMINAÇÃO
b d g	p t k (medial) b d g (onset absoluto) b d g (medial)	SONORIZAÇÃO - -
f s	f s (onset absoluto) f s (medial) ff ss (medial)	- - DEGEMINAÇÃO
ʃ	kl pl fl (onset absoluto) kl pl fl ks sk (medial) ssi (medial)	PALATALIZAÇÃO
v	f (medial) w (onset absoluto) b (medial) V_V	SONORIZAÇÃO CONSONANTIZAÇÃO FRICATIVIZAÇÃO
ʒ	j (onset absoluto) g (onset absoluto e medial) _ /e/, /i/ d ; g_j (medial) sj (medial)	CONSONANTIZAÇÃO PALATALIZAÇÃO

z	s medial (V_V) t k _j (medial) k_e,i	SONORIZAÇÃO FRICATIVIZAÇÃO
m n	m n (onset absoluto) mm nn (medial)	- DEGEMINAÇÃO
ɲ	nj (medial) i_n (medial) gn (medial)	PALATALIZAÇÃO
l	ll (medial) l (onset absoluto)	DEGEMINAÇÃO -
ʎ	l_e,j (medial) kl pl gl bl tl (medial)	PALATALIZAÇÃO

A partir da visualização do quadro 9, é possível determinar quais foram os processos mais recorrentes na evolução do sistema consonantal latino e a que classes de segmentos foram aplicados. Ainda é possível definir quais consoantes não sofreram nenhum processo fonológico em toda a diacronia da língua, como, por exemplo, aquelas presentes em onset absoluto, excluindo-se desse grupo as já mencionadas, que são alvos de processos de palatalização e consonantização.

A palatalização, por exemplo, ocorre em onset absoluto apenas em um dos grupos: quando as sequências /kl/, /pl/ e /fl/ dão origem à palatal /ʎ/ em início de palavra. Nos demais casos, o referido processo ocorre sempre no interior do vocábulo, assim como a sonorização e a degeminação, características do contexto intervocálico que, portanto, também ocorrem em segmentos presentes no meio da palavra. Referindo apenas alguns dos processos ocorridos na evolução do sistema consonantal latino abordados nesta pesquisa, é possível ratificar a importância de considerar-se o contexto silábico em que os processos são identificados, já que o mesmo pode mostra-se determinante para a efetivação de mudanças nos segmentos fonológicos.

4.2 Teoria Autossegmental e a visão do processo evolutivo do PB por meio de traços distintivos

A Teoria Autossegmental, através da Geometria de Traços, tem o poder de representar a naturalidade das regras fonológicas. Conforme apresentado na seção 2.2.1, a análise autossegmental considera que não há uma relação bijectiva entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza. Logo, há duas consequências que surgem a partir dessa concepção: a) os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento; b) o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem. Além disso, há uma hierarquia entre os traços que compõem determinado segmento (MATZENAUER, 2005, p. 45-46).

Os traços distintivos são extremamente importantes para uma teoria que visa a dar conta do funcionamento das línguas: além de formular generalizações e ainda oferecer meios de distingui-las daquelas possivelmente falsas, têm servido como instrumento formal a fim de mostrar a naturalidade do funcionamento dos sistemas linguísticos (MATZENAUER, 2005, p. 26).

A geometria de traços tem como objetivo representar a hierarquia existente entre os traços fonológicos e o fato de que os mesmos podem ser tanto manipulados, em processos fonológicos, isoladamente como em conjuntos solidários, sendo eles binários ou monovalentes. Nessa formalização, os segmentos são representados com uma organização interna, constituída de *nós hierarquicamente ordenados*, em que os *nós terminais* são traços fonológicos e os *nós intermediários*, classes de traços. O princípio que rege a geometria de traços é que somente conjuntos de traços que tenham um nó de classe em comum podem funcionar juntos em regras fonológicas (ver seção 2.2.1).

A estrutura arbórea possibilita expressar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo, atendendo ao princípio de que as regras fonológicas constituem uma única operação, seja de desligamento de uma linha de associação ou de espraiamento de um traço. Consequentemente, a estrutura apresenta, sob o mesmo nó de classe, traços que funcionam

solidariamente em processos fonológicos. Portanto, os nós têm razão de existir quando há comprovação de que os traços que estão sob o domínio funcionam como uma unidade em regras fonológicas.

O arranjo proposto pela geometria de traços mostra-se bastante satisfatório ao se fazer uma análise com vistas a identificar e/ou descrever os processos fonológicos que ocorrem na estrutura interna de segmentos. É possível definir quais características servem como “gatilho” para determinadas mudanças, além de ser possível supor que tipos de elementos estão mais propensos a sofrer certas modificações na evolução das línguas.

Com base na referida organização, a seguir são apresentados os processos fonológicos ocorridos na diacronia do PB à luz da Teoria Autossegmental, considerando o papel dos traços distintivos.

4.2.1 Sonorização

A sonorização consiste em um fenômeno que afeta as consoantes surdas (ver seção 3.3). Na evolução do latim, especificamente as oclusivas /p t k/ e as fricativas /f s/ são alvo de sonorização. Ocorre que nesse processo há a atribuição do traço [+son], característica acústica proveniente da vibração das cordas vocais, fenômeno que transforma consoantes surdas em sonoras. A sonorização, na evolução do latim ao português, mostra-se como um tipo de assimilação, uma vez que ocorre continuamente com consoantes em posição intervocálica, as quais acabam recebendo o traço de sonoridade característico das vogais que estão em seu entorno. É um fenômeno bastante importante na evolução histórica do português e ainda observável no português contemporâneo.

Quadro 10: Exemplos de sonorização latim>português e português contemporâneo

Latim>PB	Português Contemporâneo
lu/p/um>lo/b/o vi/t/a>vi/d/a pa/k/are>pa/g/ar	Quando o morfema de plural se encontra em situação intervocálica <olhos [z] abertos>.

Nesse processo, o espriamento do traço [+son] pode ser da vogal precedente ou da seguinte e a condição é a existência de dois elementos adjacentes com o traço [+son].

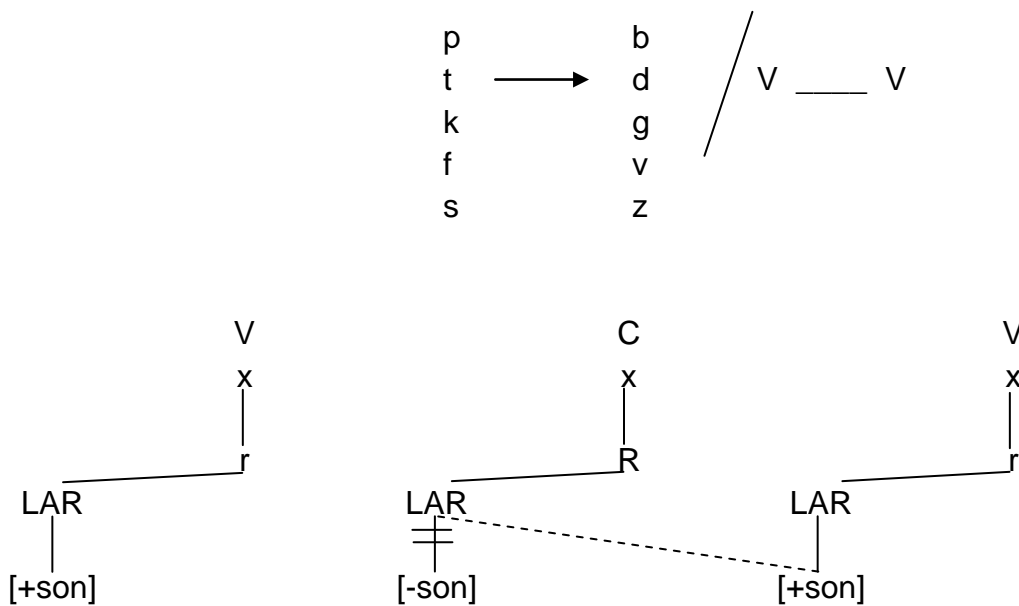


Figura 15 : Espriamento do traço [+son] e sonorização de consoante surda em posição intervocálica

Sendo a sonorização um processo de assimilação, grandes são as contribuições de Borges (1996) na análise diacrônica desse fenômeno. O autor salienta que *a simetria já existente nas oclusivas do latim torna-se pertinente, também, para as constrictivas do português*, já que, segundo ainda Câmara Jr (1979, p.48), o processo *forma mais dois pares opostos de surda e sonora a partir do*

surgimento de uma constrictiva labial sonora /v/, que ficou em simetria com /f/, e uma constrictiva sibilante sonora /z/, que ficou em simetria com /s/. Ainda de acordo com Borges, não apenas o contexto intervocálico mostra-se como responsável para o processo de sonorização. Consoantes sonoras, que também contêm o traço [+soante], como /r/, /m/ e /n/, pertencentes ao ambiente fonológico de palavras que apresentam esse fenômeno, são facilitadoras da sonorização de /s/, por exemplo (ro/s/am > ro/z/a ; spon/s/u > espo/z/o).

4.2.2 Fricativização

A fricativização é considerada um processo de lenização, ou seja, de enfraquecimento, já que uma consoante plosiva se transforma em fricativa, processo no qual há uma alteração no traço [\pm contínuo]: um segmento [-contínuo] passa a ser [+contínuo]. Considerando-se a escala de sonoridade, como a exemplificada no quadro 1 (página 28), vê-se que a lenização implica que o segmento sofra alteração na escala, com aumento de sonoridade. É o que ocorre com a passagem do fonema /b/ para /v/, por exemplo.

O fonema /z/ provém de sequências formadas por plosiva alveolar seguida das vogais /i, e/ ou semivogal [j], especificamente em contexto intervocálico. Por vezes, esse tipo de sequência com a plosiva velar /k/ também dá origem à fricativa alveolar sonora /z/. As referidas sequências seguem o mesmo desenvolvimento, segundo Williams (2001, p. 90), devido a uma confusão decorrida do uso comum em latim vulgar de /k/ mais iode pelo /t/ mais iode.

Assim, toma-se como exemplificação do desenvolvimento dessas sequências o esquema a seguir:

Quadro 11: Desenvolvimento da sequência [tj], após vogal

<p>/t j/ > /ts/ > /dz/ > /z/</p>

A visualização da estrutura arbórea dos segmentos envolvidos nos processos fonológicos esclarecem as etapas gradativas de desenvolvimento das novas consoantes, além da transformação envolvendo aquelas já existentes no sistema. Assim, a seguir é apresentada a estrutura arbórea da sequência /tj/ que, em sua evolução, resultará na fricativa /z/, passando por diferentes estágios: tj > ts > dz > z – todos esses estágios aparecem formalizados por meio da geometria de traços.

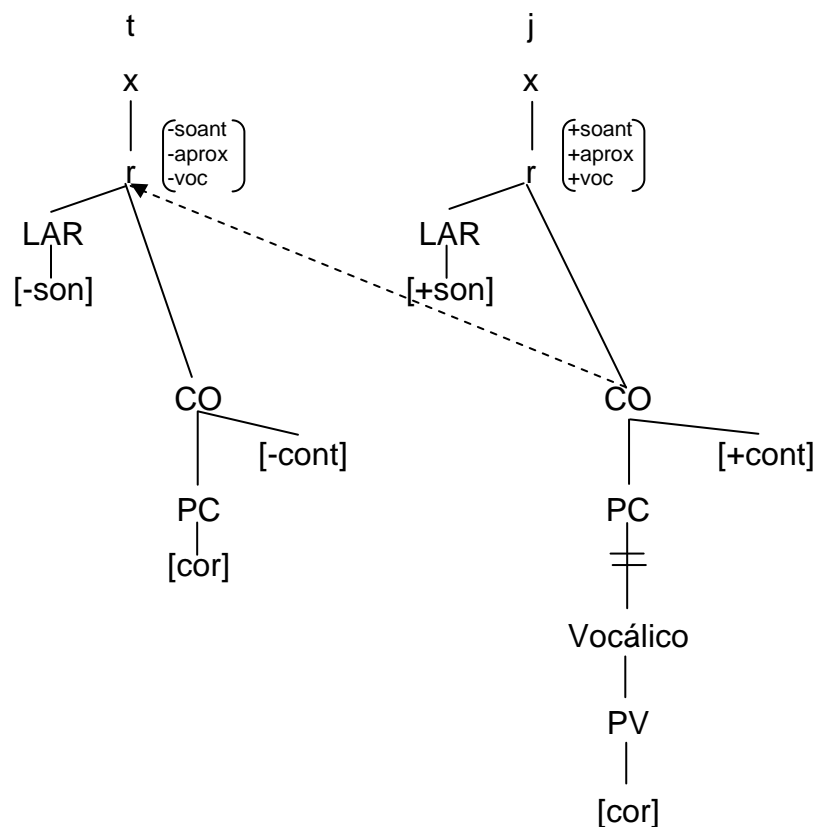


Figura 16: Sequência /tj/ e espraçamento

A sequência /tj/ revela-se como motivadora para o surgimento de uma consoante africada alveolar surda /ts/. Esse processo ocorre a partir do espraçamento do nó CO do segmento vocálico e todos os seus constituintes para imediatamente abaixo da raiz da consoante. Como o espraçamento dá-se do nó

pertencente ao segmento vocálico para a raiz da consoante, os traços [-soant, -aprox, -voc] acabam por induzir, por relação implicacional, o desligamento do nó Vocálico que acompanha o espraçamento, já que esse nó só ocorre quando na raiz o traço [voc] tem o sinal positivo. Dessa forma, tem-se a formação de uma consoante africada alveolar surda /ts/, um segmento complexo que apresenta o chamado efeito de borda, com a sequência dos dois valores de um mesmo traço, nesse caso o [cont].

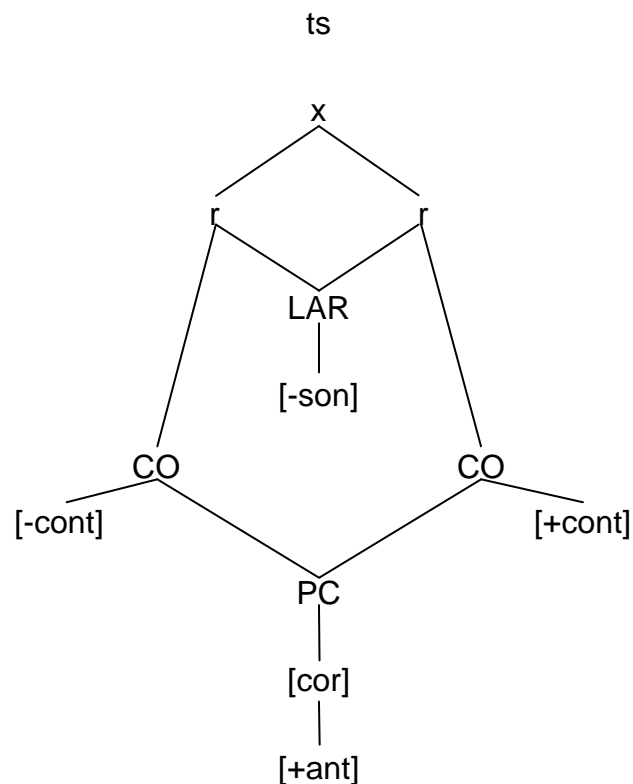


Figura 17 : Consoante africada alveolar surda /ts/

Considerando que a análise da evolução da sequência /tj/ toma o contexto intervocálico (pre*ti*are>pre*za*r) como constituinte desse processo evolutivo, a partir da implementação da africada alveolar surda /ts/, essa consoante tem seu traço [-son] alterado para [+son] por influência dos segmentos vocálicos adjacentes, ocorrendo assim uma assimilação desse traço das vogais. O esqueleto segmental permanece inalterado, mudando apenas o sinal do traço [son], o que propicia o surgimento da africada alveolar sonora /dz/.

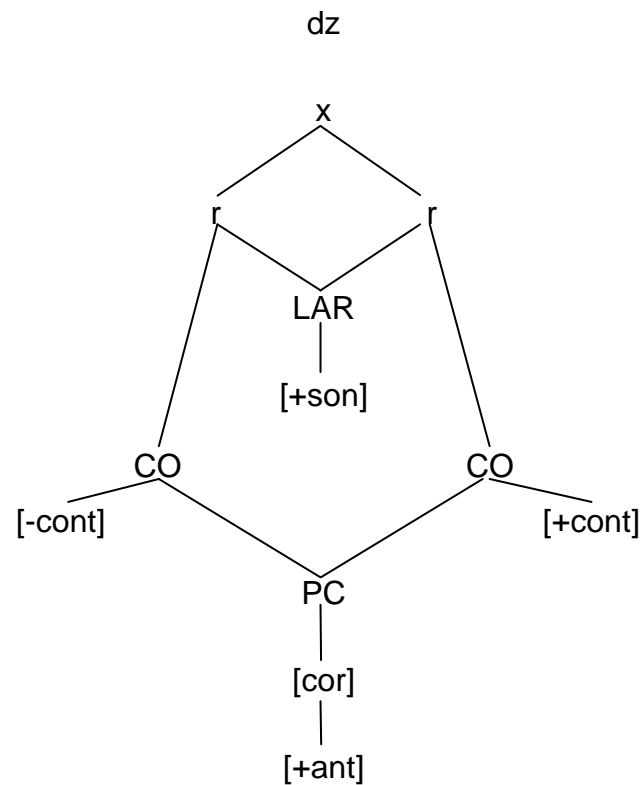


Figura 18: Geometria de traços da africada alveolar sonora /dz/

Os segmentos de contorno, por apresentarem duas bordas, às vezes estão propensos a alterações em sua estrutura, especialmente aquelas que possam atingir sua borda esquerda. Ocorre que a africada alveolar sonora /dz/ tem a sua borda esquerda completamente desligada, provocando uma reorganização na estrutura do segmento resultante, que passa de segmento de contorno a segmento simples: a fricativa alveolar sonora /z/.

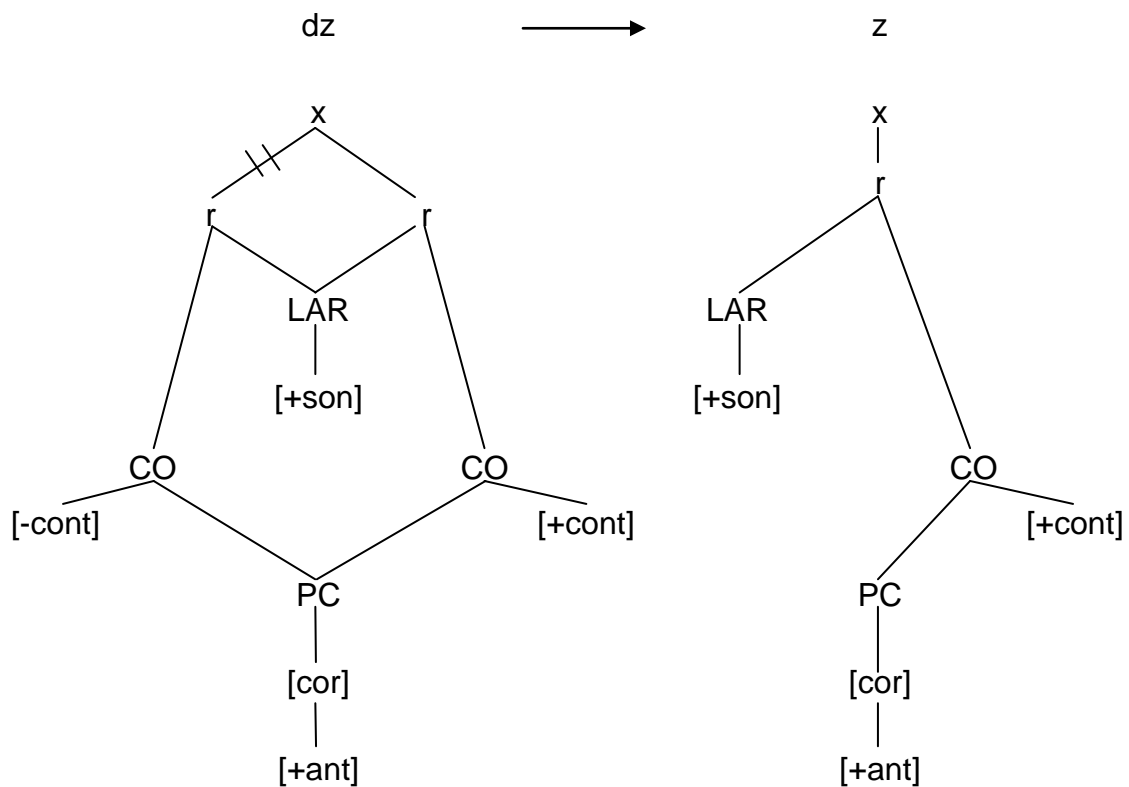
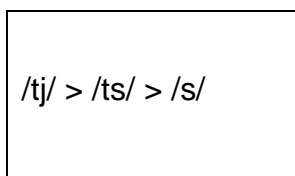


Figura 19 : Desligamento de borda da africada alveolar sonora /dz/ e geometria de traços da fricativa alveolar sonora /z/

A sequência /tj/, quando segue uma consoante, apresenta uma evolução um pouco diferente se comparada ao que ocorre em contexto intervocálico, conforme esquema apresentado no quadro 12. O fato de a sequência /ts/ não ser sonorizada nesse contexto pode ser tomado como evidência de que a sonorização (de que resulta /dz/) ocorre por espriamento do traço [+son] do segmento precedente a /ts/.

Quadro 12: Evolução da sequência /tj/ posterior a consoante



Para o surgimento do segmento /s/ como resultado da evolução apresentada no quadro 12, verifica-se que as duas primeiras etapas assemelham-se ao ocorrido em contexto intervocálico, mostrados nas figuras 16 e 17: um espriamento do nó CO do segmento vocálico [j] para a raiz da consoante /t/ e, por consequência dos traços [-soant, -aprox, -voc] da consoante, o desligamento do nó Vocálico proveniente da semivogal. A partir desse ponto fica evidente a influência do contexto intervocálico nos processos de sonorização: quando a sequência /tj/ e, por consequência do processo evolutivo, a consoante /ts/ não se encontram em contexto intervocálico, não é possível que a africada alveolar surda /ts/ passe a /dz/. Após a implementação da africada, ocorre o desligamento de sua borda esquerda e a reorganização da estrutura segmental: o segmento complexo /ts/ dá lugar ao segmento simples /s/.

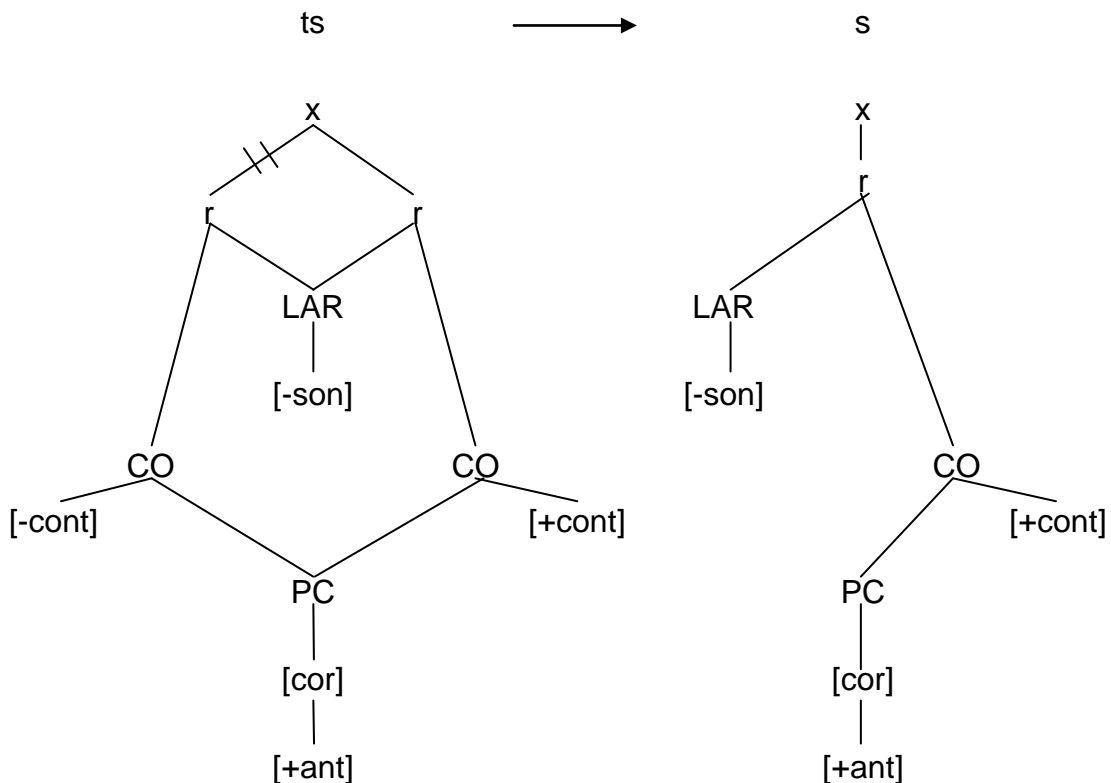


Figura 20: Desligamento de borda do segmento /ts/ e geometria de traços de /s/

O fonema /v/ tem uma de suas origens também em um processo de abrandamento, em que a bilabial /b/, no latim, se encontra em contexto intervocálico e, a partir do processo referido, com o espriamento do traço [+cont] da vogal para a consoante, tem-se o novo segmento: a fricativa sonora /v/.

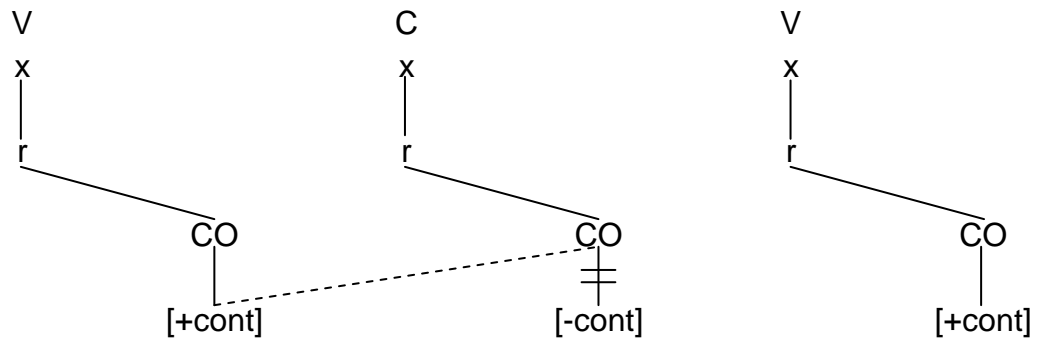


Figura 21 : Processo de fricativização: b → v

Assim como ocorre na análise feita por Borges (1996) em relação à sonorização de /s/, na passagem de b > v o contexto intervocálico não parece ser o único fator determinante para a mudança. Um exemplo trazido pelo autor são as palavras *arbore* > *árvore* e *sorbere* > *sorver*: em seu estudo, Borges constata a presença de consoantes [+cont] no ambiente fonológico de palavras desse tipo, no caso dos exemplos citados seria a consoante /r/, que, *associada ao ambiente intervocálico, facilita ainda mais a assimilação do referido traço* responsável pela mudança em questão. Ainda, é possível considerar também que segmentos com o traço [+soante] são favorecedores do processo aqui referido.

4.2.3 Degeminação

A degeminação, que consiste em uma simplificação de segmentos, é um dos processos mais recorrentes na evolução do latim ao PB, devido ao grande número de consoantes geminadas presentes no sistema consonantal latino e por, no decorrer da evolução do sistema latino, ter-se perdido a oposição de quantidade, existente tanto no sistema vocálico como no sistema consonantal. De acordo com Hora & Lucena (2007), com o passar do tempo, o latim clássico foi perdendo a

distinção entre vogais curtas e longas; em decorrência desse fato, o PB contém apenas uma distinção através do timbre, o que permite a identificação de sete fonemas vocálicos.

Holt (1997) sustenta a tese de que o desaparecimento das consoantes geminadas do latim clássico ocorreu como consequência da perda de contraste entre vogais curtas e longas. O autor defende ainda que o colapso da duração das vogais se deveu ao fato de que os contrastes de qualidade da vogal passaram a ser suficientes para distingui-las. Assim, a distinção tão-somente com base na duração passou a ser menos eficiente do que a distinção por meio de altura e tensão.

Lausberg (1981) diz que as consoantes geminadas eram realizadas nos sons contínuos por meio de uma articulação mais prolongada e nos sons oclusivos através de um retardamento da explosão. Com a perda de oposição entre as vogais longas e curtas, os autores defendem a ideia de ter havido uma reestruturação hierárquica que acabou afetando também os segmentos duplos consonantais existentes que, de forma lenta e gradual, foram simplificando-se a ponto de não mais existirem no PB.

A proposta de análise da Teoria Autossegmental permite a definição de três tipos de segmentos: simples, complexos e de contorno. Conforme explicação já apresentada na seção 2.2.1, entende-se por segmento simples aquele que apresenta apenas um nó de raiz e é caracterizado por, no máximo, um traço de articulação oral. Já o segmento complexo, apesar de também apresentar apenas um nó de raiz, é caracterizado por, no mínimo, dois traços de articulação oral. Os segmentos de contorno apresentam o chamado efeito de borda, opondo-se uma à outra em termos de diferentes valores (+ e -) de um mesmo traço. As africadas, por exemplo, são um dos candidatos naturais para esse tipo de segmento.¹⁴

A análise interna dos segmentos que compõem uma geminada permite ver que estes são idênticos, com o mesmo conjunto de traços. O OCP age proibindo tal adjacência, constituindo-se, então, os segmentos em um único em sua estrutura interna, vinculado a duas unidades temporais no *tier* do esqueleto, ou seja, tendo

¹⁴ Conforme apresentado por Matzenauer (2005).

seu nó de raiz ligado a duas unidades de tempo, conforme pode ser visualizado na figura (22).

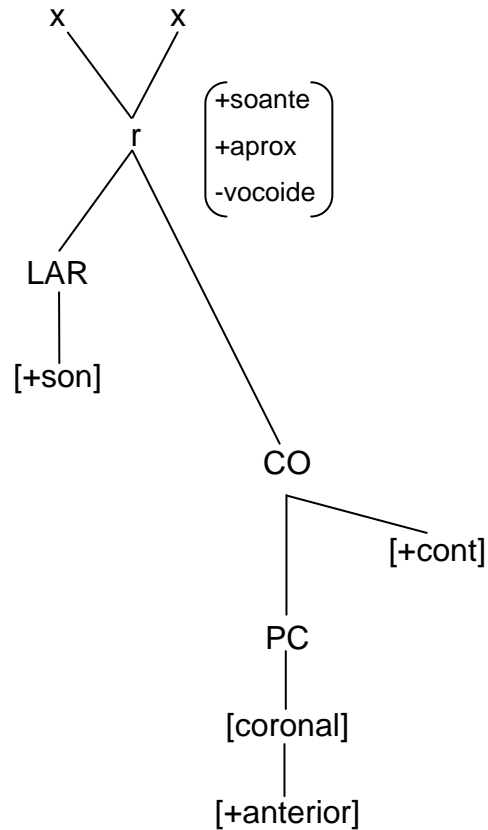


Figura 22: Estrutura arbórea de uma geminada e desligamento da linha do tempo fonológico

De acordo com o exposto, é possível identificar que o fenômeno da degeminação consiste no desligamento de uma unidade de tempo.

4.2.4 Palatalização

O fenômeno da palatalização no sentido de fazer com que determinado segmento se torne palatal, no português dos dias de hoje, tem a característica de ser alofônica, tendo como alvo ou a fricativa em coda silábica ou as plosivas coronais que antecedem a vogal [i] em posição de onset. Assim, a palatalização que afeta as plosivas coronais ocorre em um contexto bastante específico: quando as plosivas /t/

e /d/ são seguidas da vogal alta [i] (vogal palatal), sendo este o gatilho para a mudança estrutural. Na evolução da língua, o processo de palatalização também se fez presente, uma vez que a fonologia do português integra consoantes palatais, os quais não pertenciam à fonologia do latim.

Os segmentos palatais /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/, /ʎ/, na evolução da língua portuguesa, surgiram por meio do processo de palatalização e, ao que muitos estudos indicam, pela mesma motivação, ou seja, a presença de um segmento vocálico palatal. Porém, há também casos em que o gatilho para o referido processo não se restringe à presença de um segmento vocálico palatal: a estrutura silábica, ou seja, a sequência de sonoridade na formação de um constituinte silábico (no caso, o *onset*) é que determina a mudança.

4.2.4.1 O segmento fricativo palatal desvozeado /ʃ/

O segmento /ʃ/, presente no português e inexistente no latim, tem como uma de suas origens as sequências latinas /kl/, /pl/ e /fl/. A palatalização sofrida por esses elementos encontra inicialmente na estruturação da sílaba a sua motivação de ocorrência. Hora (2007) apresenta duas possibilidades de evolução para esses elementos. A primeira, proposta por Williams (1961, p 75), diz que o desenvolvimento do Latim ao Português teria ocorrido de acordo com o seguinte esquema:

Quadro 13: Esquema de evolução das sequências kl, pl e fl segundo Williams (2001)

/k,p,f/ + /l/ > /k,p,f/ + /j/ > /tʃ/ > /ʃ/

Logo,

[klave] > [kjave] > [tʃave] > [ʃave]

A segunda proposta é defendida por Holt (1997, p. 118), com base em estudos de Bourciez (1967) e Lloyd (1987) e em dados empíricos do Aragonês. De acordo com tal proposta, diferente da apresentada por Williams, o desenvolvimento do processo de palatalização das referidas sequências latinas é representado no esquema a seguir:

Quadro 14: Esquema de evolução das sequências kl, pl e fl segundo Holt (1997)

<p>/k,p,f/ + /l/ > /k,p,f/ + /ʎ/ > /ʎ/ > /tʃ/ > /ʃ/</p> <p>Logo,</p> <p>[klave] > [kʎave] > [ʎave] > [tʃave] > [ʃave]</p>

Segundo essa proposta, Holt afirma que tal processo seria composto de cinco etapas, organizadas no seguinte quadro:

Quadro 15: Etapas do processo de palatalização, segundo Holt (1997)

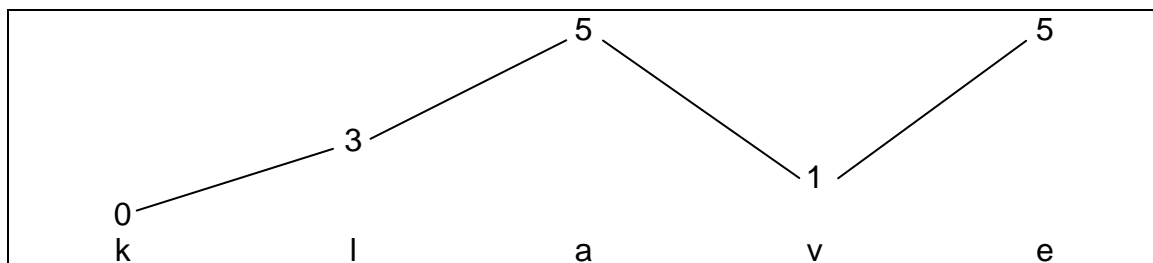
Ordenação de etapas	Resultado
Assimilação regressiva de /l/, na sequência /kl/	/kʎ/
Influência da mudança de /kl/ em /pl/ e /fl/	/pʎ/ e /fʎ/ > /pʎ/ e /fʎ/
Simplificação (elisão da plosiva)	/kʎ/, /pʎ/ e /fʎ/ > /ʎ/
Reinterpretação	/ʎ/ > /tʃ/
Simplificação (elisão da plosiva)	/tʃ/ > /ʃ/

Hora (2007) adota a proposta de Holt em seu trabalho, porém considera-se a primeira – defendida por Williams –, além de mais simplificada, capaz de dar conta mais facilmente do processo evolutivo, levando em consideração principalmente a

estrutura silábica, ou seja, a escala de sonoridade na formação de constituintes da sílaba como motivadora do mesmo. A proposta de Holt, por apresentar em sua estrutura de evolução um segmento inexistente no latim, a palatal /ʎ/, parece um caminho demasiado tortuoso em comparação à proposta de Williams, que mostra a possível influência, já no período arcaico, do segmento [j] no processo de palatalização no português.

Voltando à proposta de Williams, conforme já mencionado, nas sequências consonantais cujo segundo elemento é a líquida lateral //l/, a primeira etapa do processo concentra-se no enfraquecimento da consoante líquida, que passa a glide¹⁵. Considerando escala de sonoridade na formação da estrutura silábica, esse fenômeno é perfeitamente explicável: a segunda consoante do onset complexo tem sua sonoridade aumentada, a fim de alcançar maior distância no grau de sonoridade entre C1 e C2¹⁶ – comparem-se os quadros 16 e 17.

Quadro 16: Sonoridade da sequência /kl/, segundo a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996)



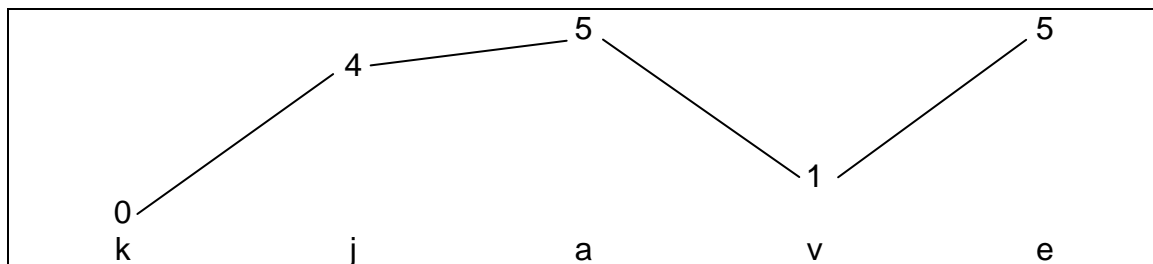
No quadro 17, é possível visualizar o distanciamento de sonoridade provocado, entre os dois elementos do onset, pelo fenômeno de enfraquecimento da líquida. Segundo estudos diacrônicos, no latim, quando uma líquida se apresenta em posição seguinte a um outro segmento consonantal, o //l/ nestes casos é considerado “turvo”, suscetível à vocalização – há, pois, no latim, a tendência à busca de maior

¹⁵ O enfraquecimento de uma líquida para um glide pode ser considerado processo natural também em se considerando a estrutura interna dos segmentos: Matzenauer-Hernandorena (1996) propõe que todas as consoantes líquidas têm potencialmente, em sua estrutura interna, o nó vocálico. Ao superficializar-se o glide, o nó vocálico se atualiza, desligando-se, nesse caso, o traço de ponto ligado diretamente ao nó PC.

¹⁶ Veja-se seção 2.2.2 e quadros 16 e 17.

distância de sonoridade entre segmentos que constituem onset complexo. Ainda, Kolovrat (1923 *apud* CALLOU, LEITE e MORAES, 2002) apresenta a hipótese de /l/, diante de consoante ou em final de palavra, ser “duro”¹⁷ em latim, o que poderia explicar a sua vocalização nessa posição, reforçando o que ocorre quando a líquida se encontra como parte de uma sequência consonantal.

Quadro 17: Sonoridade da sequência /kj/, segundo a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996)



A etapa seguinte consiste na passagem da sequência /kj/ para /ʃ/, que pode ser considerada uma assimilação – é assimilação do traço [coronal] do glide; nesse momento, passa a funcionar a estrutura interna de dois segmentos contíguos (um deles coronal), quando ocupam a mesma posição silábica (onset silábico). É importante salientar que possivelmente tenha havido uma consoante palatalizada /k^j/, que passa para /t^j/, por influência do traço [coronal] do segmento vocálico, para então surgir a africada palato-alveolar /tʃ/. Após a implementação da consoante palatalizada /k^j/, novamente por influência do traço [coronal] do PV da articulação secundária palatal (/k^j/ é uma consoante dorsal palatalizada), o ponto de articulação primária do segmento passa de [dorsal] para [coronal], originando assim a consoante coronal palatalizada /t^j/.

A produção da consoante coronal africada, a partir da forma palatalizada, dá-se em razão da promoção da articulação secundária à primária, bifurcando-se a consoante em duas raízes (CLEMENTS 1989, 1995, BISOL & HORA, 1993), conforme figuras (23) e (24).

¹⁷ Conforme Callou, Leite e Moraes (2002), /l/ “duro” é equivalente a /l/ velar.

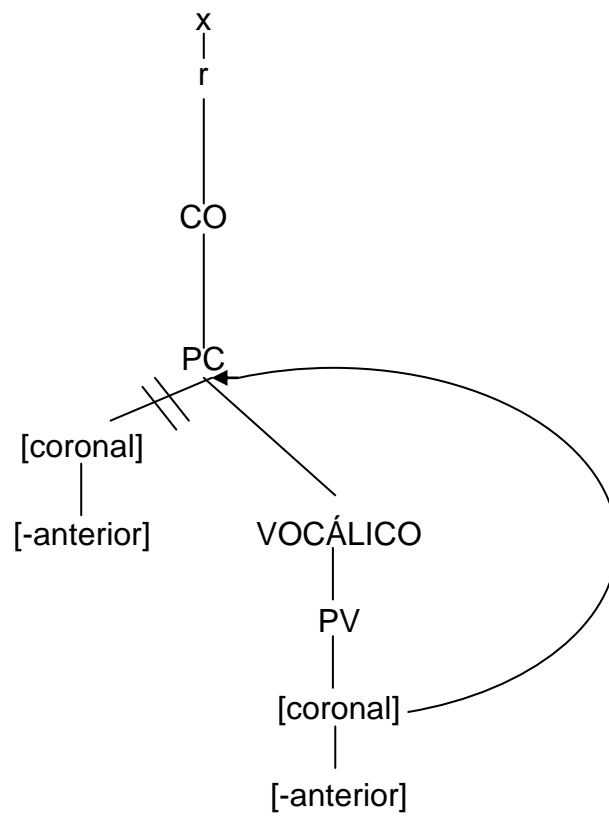


Figura 23: Promoção da articulação secundária

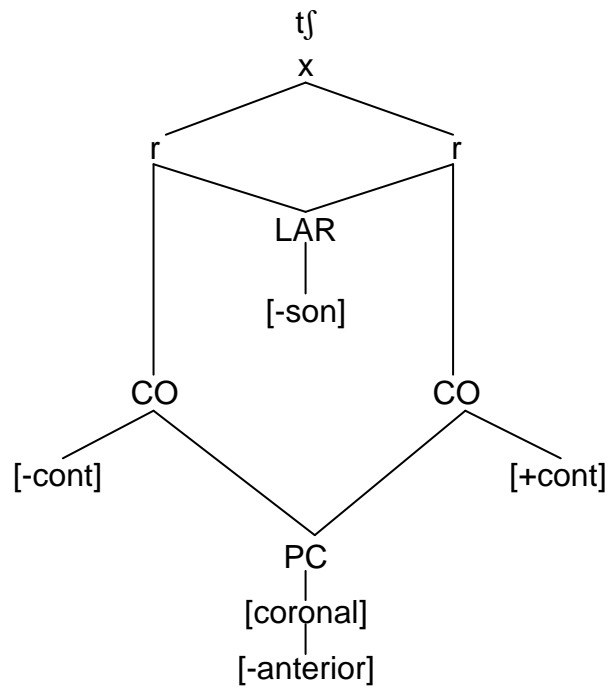


Figura 24: Geometria de traços da africada /tʃ/

Por fim, tem-se a passagem do segmento de contorno /tʃ/ para a fricativa /ʃ/. Nesse caso, a africada tem a sua borda esquerda desligada.

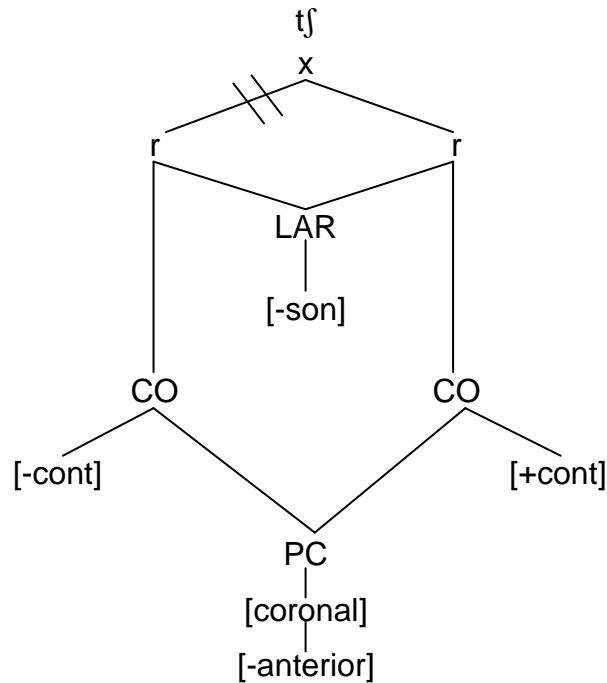


Figura 25 : Desligamento da borda esquerda do /tʃ/

Por influência do processo ocorrido em /kl/, o mesmo parece ter-se efetivado também nas sequências /pl/ e /fl/.

Ainda sobre a fricativa /ʃ/, outra origem desse segmento é a sequência /ssi/, encontrada em menor número. Após a simplificação da geminada /ss/, o espriamento do traço [coronal] da vogal coronal funciona como gatilho do processo de palatalização.

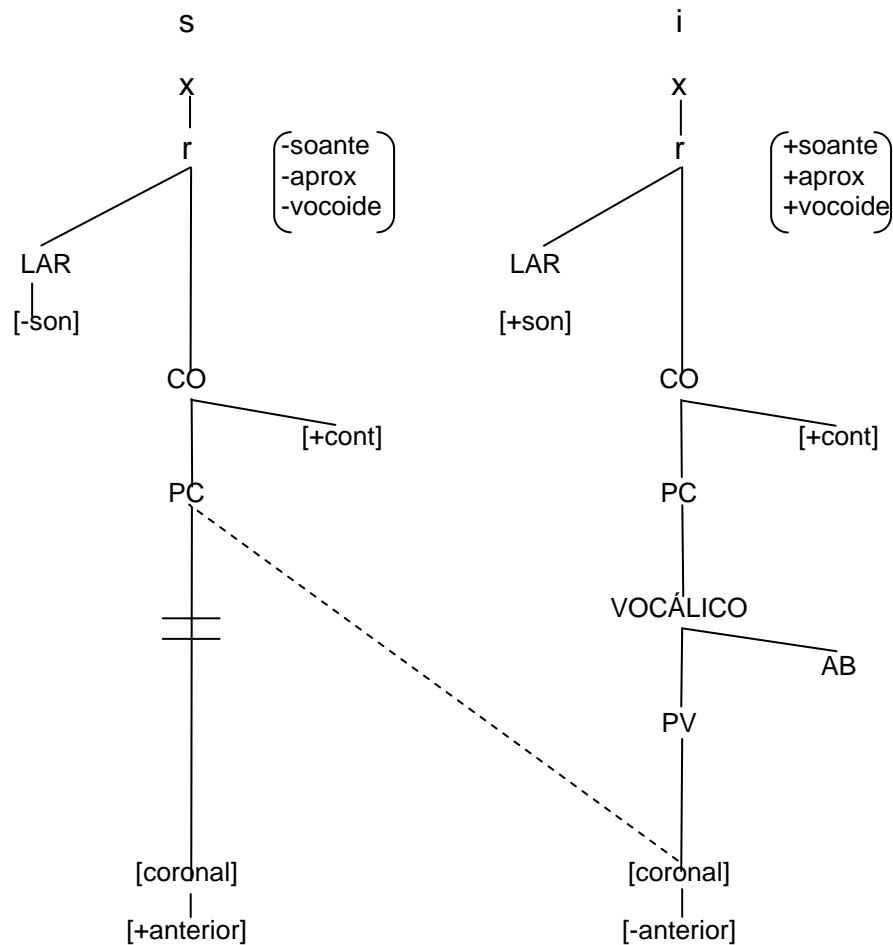


Figura 26 : Espriamento do traço [coronal] da vogal para a consoante

Com o espriamento do traço [coronal], a estrutura reorganiza-se: os traços [coronal] e [-anterior] provenientes do nó Vocálico acabam provocando o desligamento da linha de associação que liga os traços [coronal] e [+anterior] ao PC da consoante e passam a ocupar essa posição. Assim, chega-se à constituição de um novo segmento: a fricativa palato-alveolar /ʃ/, a qual, nesta pesquisa, é considerada uma consoante simples, da mesma forma como o faz Mira Mateus (2000) em resenha sobre Bisol (2005). Segundo a autora, a representação da consoante fricativa palatal com um traço secundário não corresponde à consoante palatal do português, que, segundo ela, é uma consoante simples.

[...] uma consoante complexa não é só caracterizada por dois traços articuladores (a fricativa palatal é coronal e dorsal), mas é também necessário que o segmento formado "tenha constrições simultâneas" (por exemplo, o /r/ velarizado é [+anterior] mas, simultaneamente, possui uma articulação secundária que o torna [+recuado]). [...] Aliás, se tivermos em conta o conceito de subespecificação, as fricativas palatais podem mesmo ser identificadas por um só traço articulador, o coronal ([-anterior]), visto que o dorsal lhes é atribuído por defeito (as subespecificadas são [-recuadas]). Não se justifica portanto a sua representação no modelo de Clements e Hume (1995) como figura na p. 114 (MATEUS, 2000).

Assim, tem-se a constituição da fricativa palato-alveolar conforme (27).

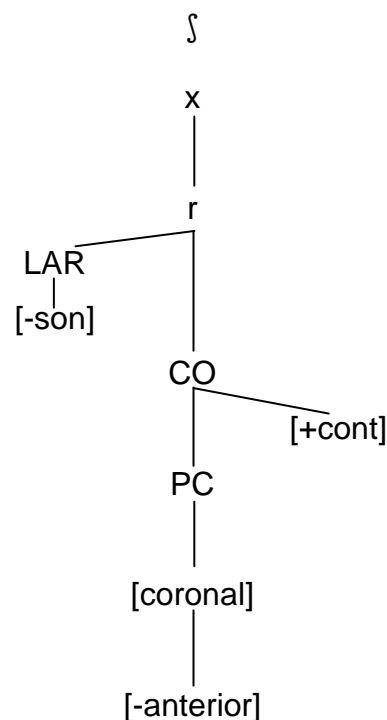


Figura 27: Geometria de traços de /ʃ/

4.2.4.2 O segmento fricativo palatal vozeado /ʒ/

Passando à análise das origens da fricativa alvéolo-palatal /ʒ/, de acordo com Williams (2001 p. 72-101), esse segmento surgiu basicamente a partir de três contextos, apresentados a seguir:

Quadro 18: Contextos de origem de /ʒ/

1º) /g/ inicial ou medial antes de /e/ ou /i/: /ge/ntem> /ʒ/ente; /gi/n/gi/uam>/ʒ/en/ʒ/iva; vi/gi/lantia>vi/ʒ/ilância; fu/gi/o> fu/ʒ/o

2º) /i/ inicial ou intervocálico: /i/urare>/ʒ/urar; cu/i/um>cu/ʒ/o¹⁸

3º) /d/ seguido de /i/, precedido de vogal: ho/di/e>ho/ʒ/e; a/di/utare>a/ʒ/udar; vi/de/o>/vi/di/o>ve/ʒ/o

Novamente, é evidente a presença do segmento vocálico palatal como gatilho para o processo de palatalização, o que permitiu o surgimento da nova fricativa do inventário consonantal do português. Para o primeiro contexto, levar-se-á em consideração o proposto por Williams (2001 p. 72) no que se refere às mudanças ocorridas no processo evolutivo em questão. Segundo o autor, as modificações pelas quais a plosiva velar sonora seguida de vogal média ou alta anterior passou foram as apresentadas no quadro 19.

Quadro 19: evolução da sequência gj, segundo Williams (2001)

[g] > [gj] > [j] > [dʒ] > [ʒ]

A proposta de Williams apresenta um processo que envolve, em dada fase da evolução, a perda de um segmento plosivo /g/ para tão logo este espaço ser preenchido por um segmento de mesma natureza /d/. Esse percurso apresenta-se de certa forma dificultoso em se tratando de resultados de produção dos falantes e as línguas dificilmente percorrem um caminho que exige um cancelamento e, em seguida, a recolocação de um segmento de mesma natureza. Logo, considera-se necessária uma complementação à sua proposta e a configuração da nova proposta de evolução que culmina com a emergência do segmento /ʒ/ é mostrada no Quadro

¹⁸ Ver seção 4.2.5 .

20. Essa reconfiguração apresenta um processo mais extenso do que aquele proposto por Williams, porém em termos de produção, torna-se um caminho mais fácil e natural para o falante.

Quadro 20: Proposta de evolução da consoante velar seguida de vogal coronal

[g + V coronal] > [gʲ] > [j] > [dʲ] > [dʒ] > [ʒ]

Através da representação autosegmental, é possível visualizar a configuração dos elementos envolvidos no processo de palatalização em análise:

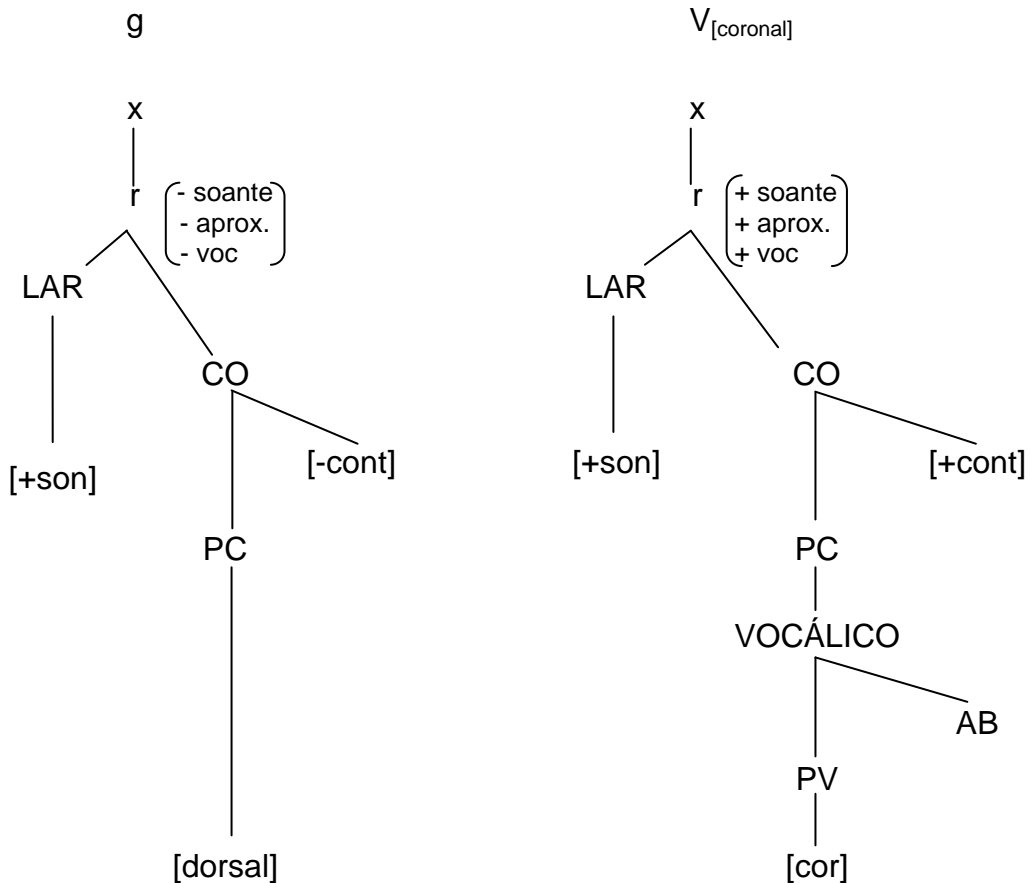


Figura 28: Sequência [g + vogal coronal]

De acordo com o proposto, no contexto apresentado na figura (28), inicia-se o processo que desencadeia uma plosiva velar palatalizada. Para a formação da consoante palatalizada, dá-se o espraimento do nó vocálico da vogal palatal /i/ para o PC, sem desligamento de traços da consoante, o que resulta em uma plosiva velar palatalizada. O resultado é a consoante complexa /gʲ/, contendo uma articulação primária consonantal e uma secundária vocálica, que provém do espraimento do traço [coronal] do PV da vogal para o PC da consoante, como pode ser visto em (29).

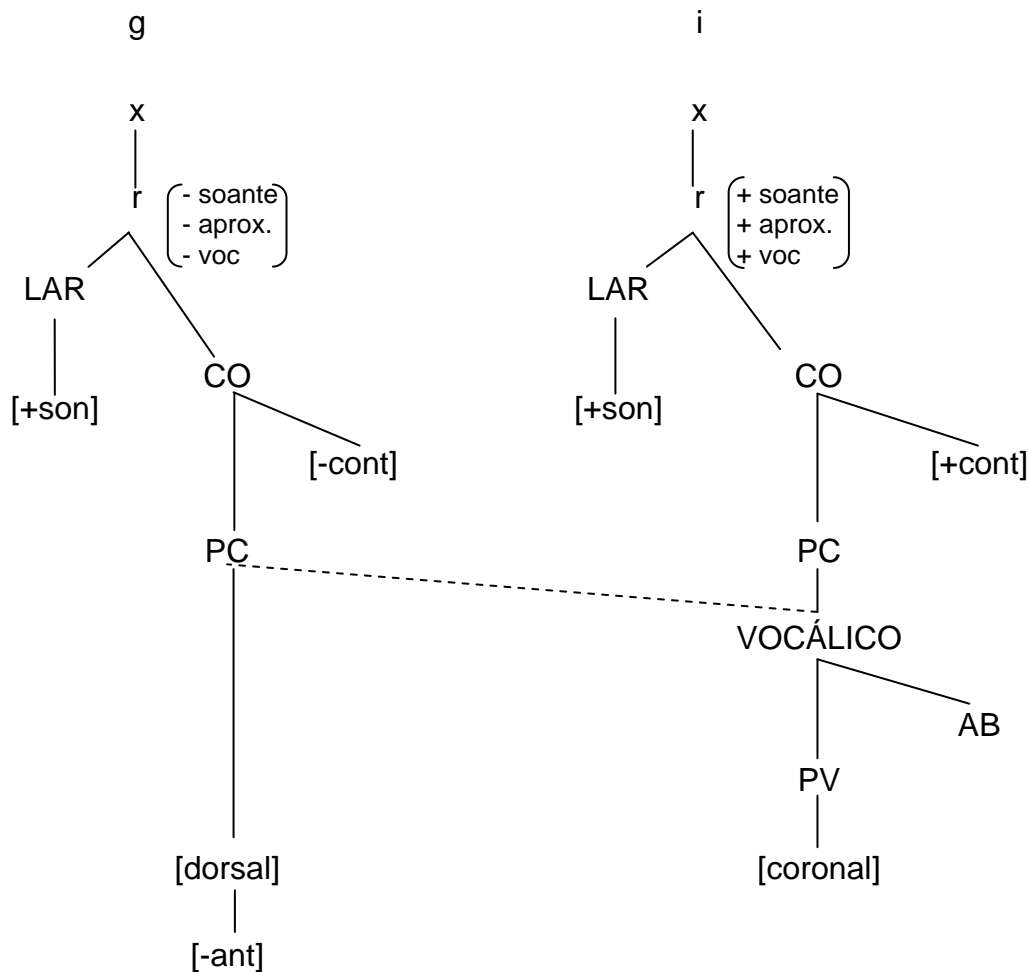


Figura 29: Espraimento do nó Vocálico para o PC

Logo, surge uma nova configuração no contexto em análise: a consoante palatalizada /g^j/, cuja estrutura arbórea é apresentada na figura (30).

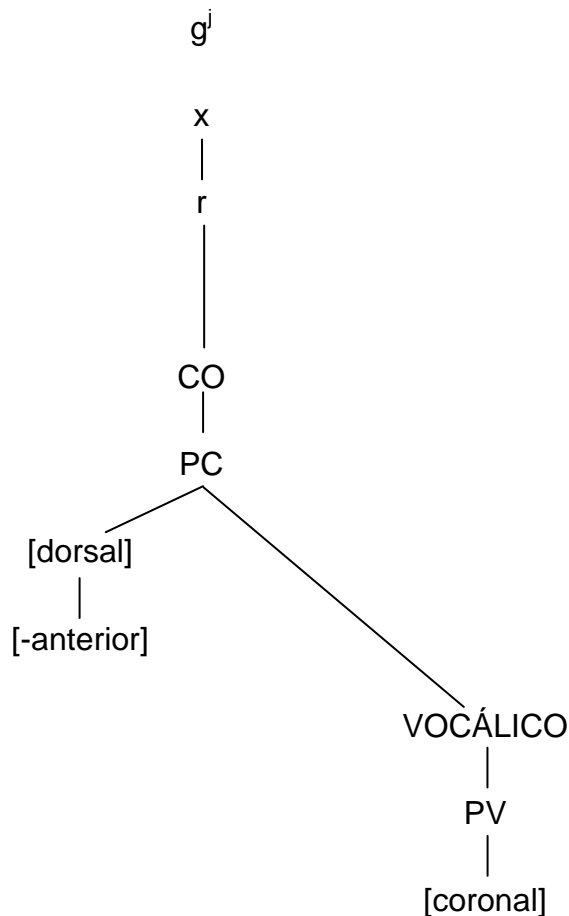


Figura 30: Geometria de traços da consoante palatalizada /g^j/

Assim, os nós Ponto de Vogal e Vocálico acabam sendo inseridos na estrutura interna do segmento consonantal /g/. O próximo passo seria o desligamento da articulação primária da consoante palatalizada /g^j/ – esse desligamento parece ter efeito suspensivo, uma vez que a estrutura desligada pode ser religada, em etapa subsequente da evolução do sistema. Possivelmente seja fenômeno da mesma natureza do que é observado nos segmentos soantes palatais do português /ɲ/ e /ʎ/: as variantes que tais segmentos da língua apresentam podem ser motivadas pela desassociação de um dos traços das consoantes complexas quando da sua realização pelo falante (realização como /l/ ou como /j/ para /ʎ/, por exemplo). Matzenauer (1999), ao tratar das variantes da lateral palatal /ʎ/, aponta

para o desligamento do nó vocálico, o que levaria à realização da constrição consonantal, originando, assim, a líquida lateral //.

No caso da consoante palatalizada /g^j/, o traço [dorsal] da articulação primária fica desligado com efeito suspensivo, suscitando, assim, a produção apenas da articulação secundária, que caracteriza um segmento vocálico. O fato trazido para esta análise como provavelmente inovador é a possibilidade de se considerar todo apagamento como uma suspensão, o que explicaria a possibilidade de, na evolução envolvendo a consoante palatalizada em questão, haver o desligamento de sua borda esquerda, destacando as características vocálicas presentes no segmento e em seguida novamente voltar a se efetivar o mesmo tipo de segmento (complexo), mudando, porém, de [dorsal] para [coronal], resultando assim em uma africada sonora. Em se comparando com a de Williams, essa proposta apresenta uma etapa a mais na evolução da sequência /gj/, mas estruturalmente mostra um caminho mais natural da língua.

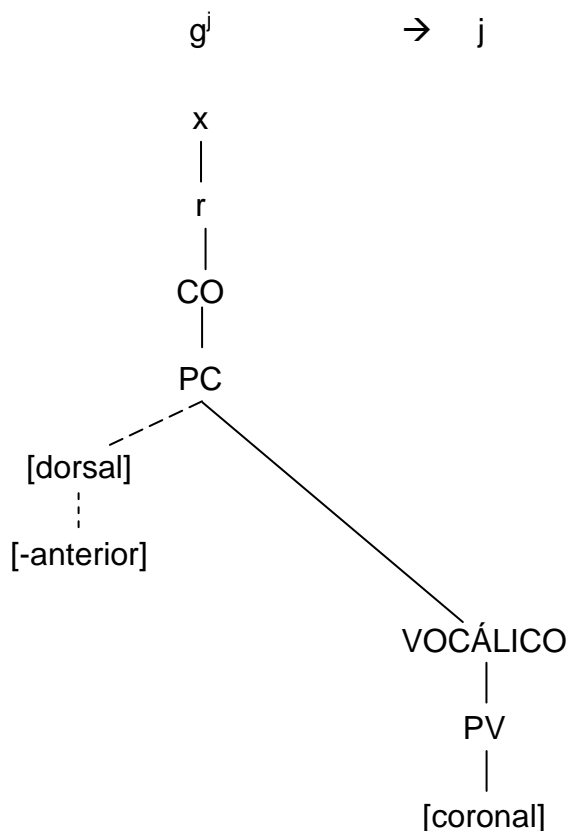


Figura 31: Suspensão do traço [dorsal] e realização da articulação secundária

Segundo Pinheiro (2009), para muitos casos de apagamento de segmentos, a fonologia Autossegmental assume que existem segmentos denominados *default*, que preenchem esses elementos vazios quando toda a sua estrutura é apagada. No português, o *segmento default* é a vogal /i/, que, segundo Cristófaros-Silva (2003), se manifesta foneticamente nessa posição como um glide palatal [j]. Em se considerando “traços de ponto”, o *default* é o [coronal].

A supressão ocorrida na consoante palatalizada /g^j/ atinge apenas seu traço [dorsal], ou seja, sua articulação primária, que é a consonantal. Após essa suspensão e realização apenas vocálica, a língua trata de preencher o espaço “vazio” do segmento, que guarda uma “articulação potencial”, antes ocupado pelos traços consonantais. Esse preenchimento ocorre por recuperação da estrutura interna de /g/, contaminada porém pelo traço [coronal] do glide, e o resultado acaba fazendo surgir o segmento /d^j/.

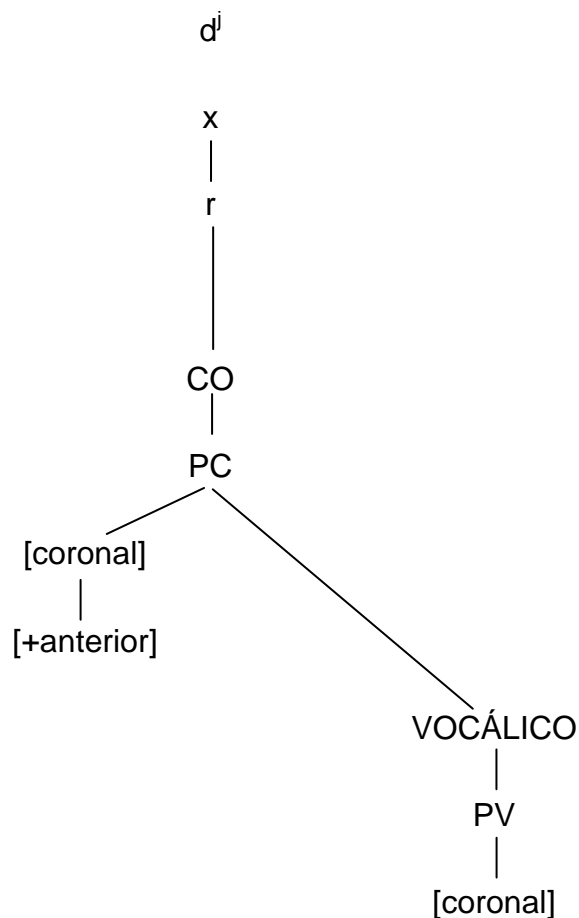


Figura 32: Consoante palatalizada /d^j/

Dessa forma, surge novamente uma consoante palatalizada, porém agora com os traços [coronal] [-anterior], por influência da articulação secundária.

O passo seguinte da evolução em análise é a passagem da consoante palatalizada /dʲ/ para uma consoante africada /dʒ/. Para a consoante complexa /dʲ/ passar à consoante africada /dʒ/, segundo Clements (1991) e Bisol & Hora (1993), há a promoção do traço secundário [coronal] à articulação primária e posteriormente uma cisão no segmento, conforme figuras (34) e (35), respectivamente.

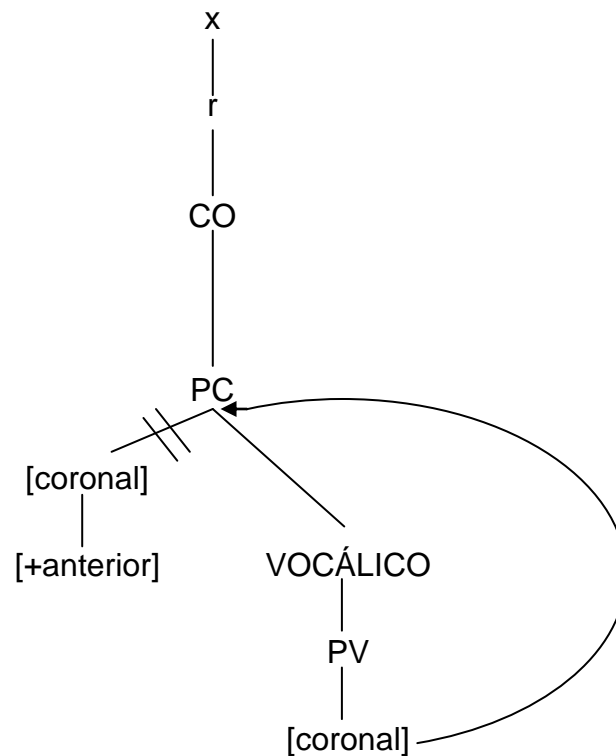


Figura 33: Promoção da articulação secundária

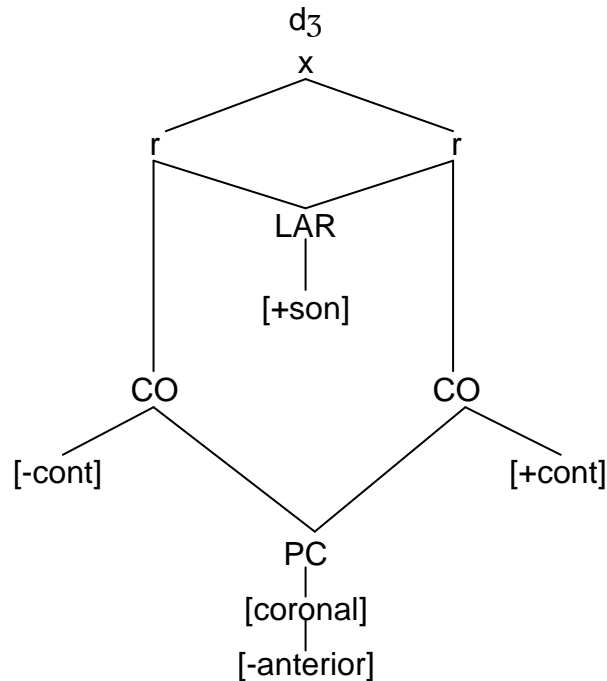


Figura 34: Geometria de traços da consoante africada /dʒ/

O segmento resultante possui sequências de diferentes valores do mesmo traço, o que permite reconhecer o chamado “efeito fonológico de borda” (CLEMENTS e HUME, 1995, p. 254), ou seja, ele comporta-se em relação a uma das bordas de acordo com o valor (+) e em relação à outra borda, conforme o valor (-) de um traço; no caso analisado, isso ocorre com o traço [cont]. Logo, tem-se um segmento de contorno (idem, *ibid.*), confirmando que as africadas são candidatos naturais para esse tipo de segmento.

Porém, pela complexidade de produção desse segmento, houve uma simplificação em sua estrutura ocasionada pela perda do elemento plosivo, no caso o /d/, que tem toda a sua estrutura apagada. A partir desse processo, efetiva-se a realização apenas do elemento fricativo, ou seja, da borda com o traço [+contínuo], passando, assim, de segmento de contorno para segmento simples.

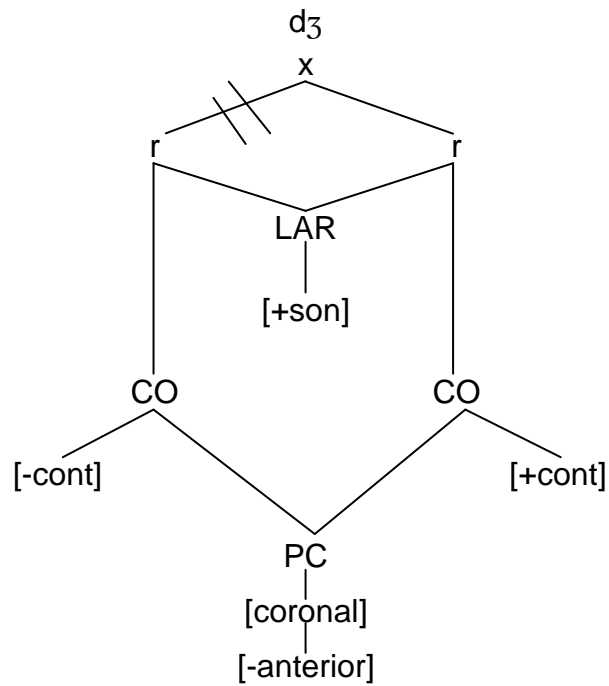


Figura 35: Desligamento da borda esquerda de /dʒ/

Com o desligamento da borda esquerda da africada, dá-se o processo de constituição da fricativa alvéolo-palatal, o que parece corroborar com a ideia de que esse tipo de segmento seja simples e não complexo, com uma articulação secundária vocálica.

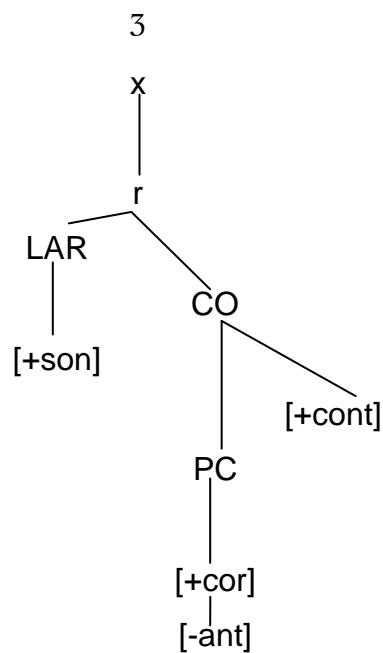


Figura 36: Resultado do apagamento da estrutura do segmento plosivo

O segundo contexto de origem do /ʒ/ proposto por Williams, referido no Quadro 18, ou seja, a partir do /j/ inicial, encontra-se desenvolvido na seção 4.2.5 pois, embora haja o envolvimento de um processo de palatalização, trata-se ainda de um processo de consonantização.

No terceiro caso apresentado no quadro 18, o contexto menos produtivo, visto que os resultados do processo podem ser visualizados em um número bem menor de palavras do que nos dois primeiros, o processo de palatalização assemelha-se ao apresentado por Williams como uma das etapas na transformação ocorrida com a plosiva velar sonora, tendo como um dos estágios da evolução a presença de uma consoante africada, no caso /dʒ/, o que pode ser visto no esquema abaixo.

Quadro 21: evolução da sequência d_i,j

/d/+i,j/ > /dʲ/ > /dʒ/ > /ʒ/

Nesse processo, a primeira regra aplicada é a de assimilação. De acordo com a Fonologia Autossegmental, esse fato é representado como um processo de espriamento do traço [coronal] da vogal seguinte para o PC da plosiva, conforme a figura a seguir:

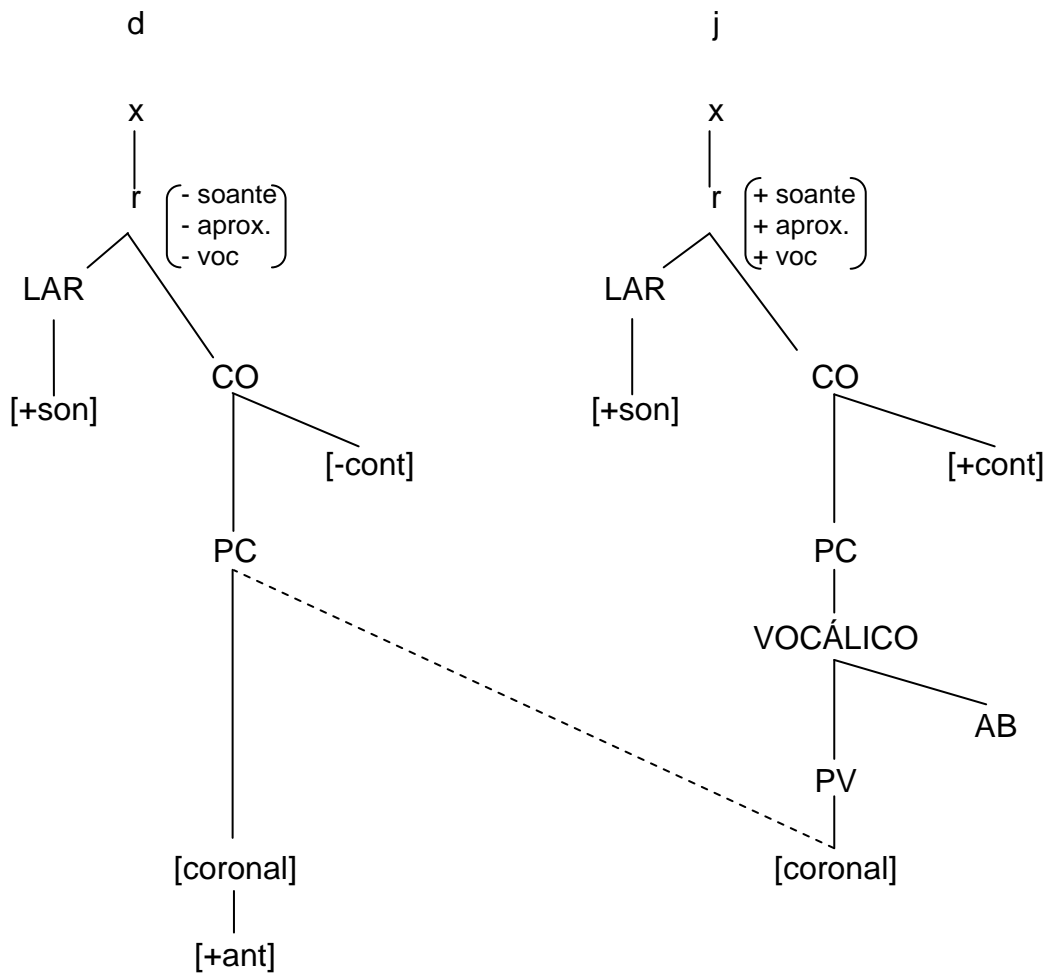


Figura 37: espraçamento do traço [coronal] da vogal seguinte para o PC da plosiva.

Como pode ser visto em (37), o traço coronal da vogal, que é dependente dos nós Ponto de Vogal e Vocálico, espraia para a consoante. Desse espraçamento resulta a forma palatalizada /d^j/ antes do surgimento da forma africada /dʒ/. Como já foi mencionado nesta pesquisa, para a formação da consoante palatalizada, por inserção default, há uma reorganização estrutural do segmento necessária para caracterização da constrição vocálica desse segmento. Resulta, assim, a consoante complexa /d^j/, que contém uma articulação primária consonantal e uma secundária vocálica, proveniente do espraçamento do traço [coronal] do PV da vogal para o PC da consoante (ver figura 32).

Logo, os nós Ponto de Vogal e Vocálico acabam sendo inseridos no segmento consonantal /d/, para que o traço [coronal] proveniente da vogal se mantenha com sua natureza de Ponto de Vogal. Além disso, sendo toda vogal [coronal] também [-anterior], o espraçamento desse traço vocálico faz com que na articulação primária consonantal o mesmo passe a ser [-anterior].

Para a consoante complexa /dʲ/ passar à consoante africada /dʒ/, novamente considera-se o que propõem Clements (1991) e Bisol & Hora (1993): promoção do traço secundário [coronal] à articulação primária e posterior cisão no segmento (ver figuras 33 e 34). A representação em (34) é o resultado do espraçamento do traço [coronal] da vogal /i/ ou da semivogal /j/ seguintes à consoante plosiva coronal: a africada /dʒ/, que possui sequências de diferentes traços, com valores distintos em cada borda “efeito fonológico de borda” (CLEMENTS e HUME, 1995). Como etapa final do processo evolutivo em estudo, a africada /dʒ/ passa a fricativa /ʒ/ a partir da perda total do elemento plosivo de sua estrutura (figuras 35 e 36).

4.2.4.3 O segmento lateral palatal vozeado /ʎ/

Outro elemento surgido no sistema consonantal do português a partir do processo de palatalização foi a lateral palatal /ʎ/. Conforme o Quadro 22, sabe-se que esse segmento tem origem na presença de uma lateral alveolar (simples ou geminada) seguida de vogais altas ou médias anteriores ou, ainda, quando a uma plosiva bilabial, velar ou alveolar surda sucede o segmento lateral alveolar, sempre em posição medial de palavra. O quadro a seguir ilustra tais contextos:

Quadro 22: Contextos de origem do /ʎ/

Origem do /ʎ/:

1º) /l/, /ll/ _/e/, /i/ > /ʎ/ : fi/li/um > fi/ʎ/o; a/lli/um > a/ʎ/o

ou

2º) /kl/, /pl/, /gl/, /bl/, /tl/ > /ʎ/ : auri/k/u/l/a > auri/kl/a > ore/ʎ/a; scopulu > isco/pl/u > esco/ʎ/o; tegula > te/gl/a > te/ʎ/a; tribulo > tri/bl/u > tri/ʎ/o; vetula > ve/tl/a > ve/ʎ/ota

No primeiro caso, há dois contextos diferentes que acabam por seguir o mesmo caminho no processo. Em ambos, o gatilho para a palatalização é a presença de uma vogal palatal /i/ ou semivogal [j], (a consoante lateral pode ser simples ou geminada) ou, ainda, da vogal /e/. Quando o processo envolve a consoante geminada, há uma simplificação desse segmento e, posteriormente a esse fenômeno, ocorre a palatalização, da mesma forma como acontece com o segmento originariamente simples.

A geminada /ll/ é um segmento simples em sua estrutura interna, porém compõe-se por dois tempos fonológicos ligados a um único nó de raiz, por força do OCP, que proíbe sequências de segmentos ligados a duas unidades de raiz (ver seção 2.2.1). A figura (38) apresenta a geometria de traços da geminada /ll/.

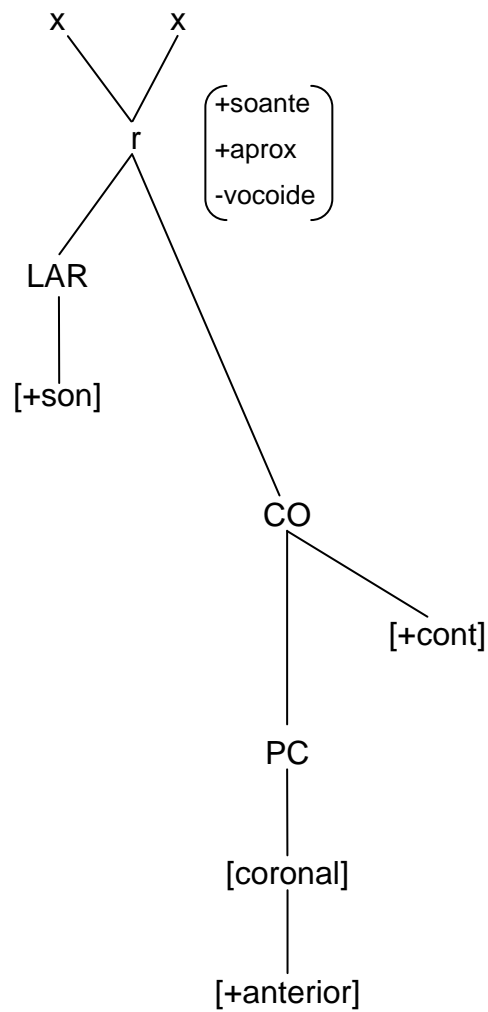


Figura 38: Geminada /r/

Na evolução da língua, houve a perda de distinção pela quantidade, motivando, assim, a simplificação de todas as geminadas existentes. Como este segmento apresenta uma raiz ligada a dois tempos, um deles é desligado e o restante da estrutura permanece inalterada, resultando, assim, na lateral alveolar /l/.

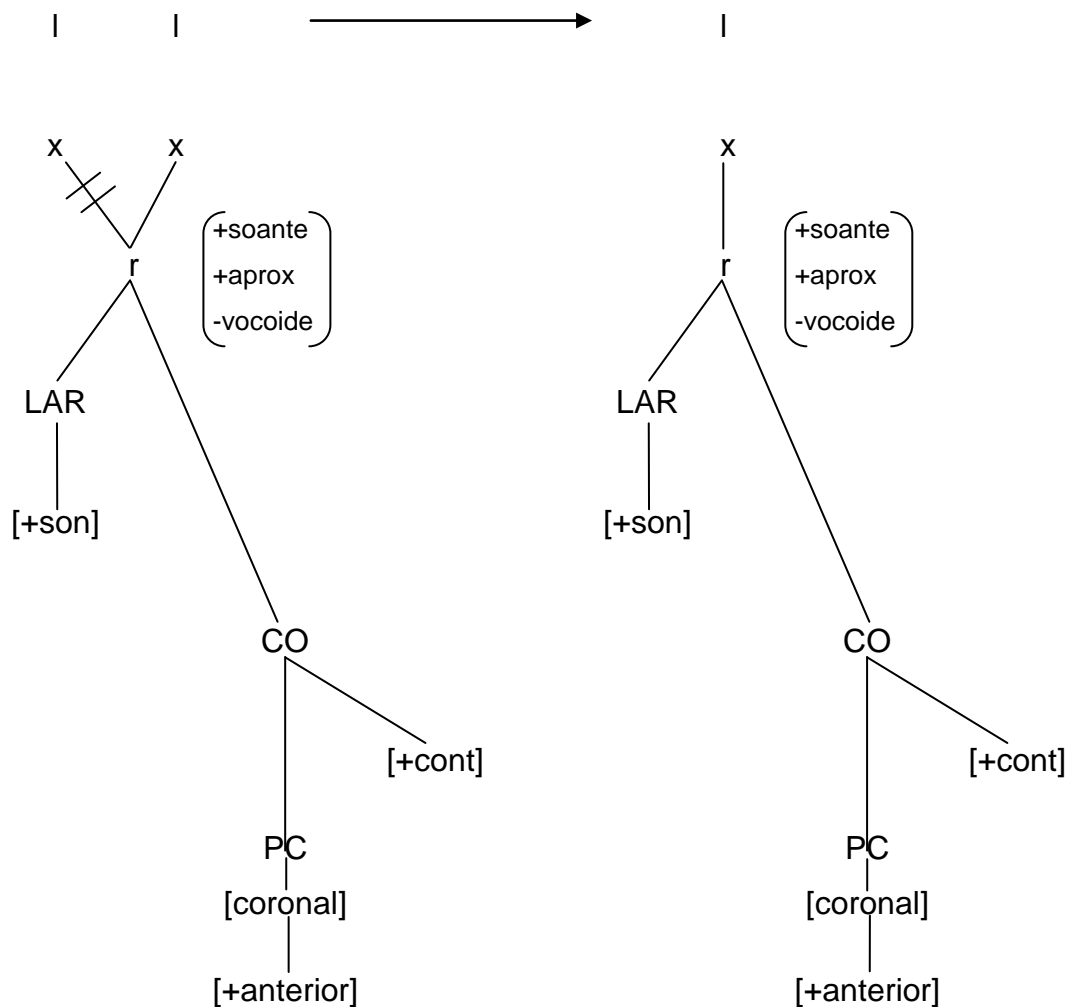


Figura 39: Desligamento de um dos tempos fonológicos da geminada e passagem para consoante simples

Passando à análise do processo de palatalização sofrido pela lateral alveolar /l/, conforme o Quadro 22, é necessário considerar que tal processo ocorre mais uma vez em contexto no qual a vogal /i/ ou a semivogal [j] estão presentes, servindo mais uma vez como gatilho da transformação. De acordo com Wetzels (1992) e Matzenauer (1999), a líquida palatal é considerada um segmento complexo, visto que sua estrutura interna é composta por uma articulação primária consonantal e uma secundária vocálica. Ainda, Wetzels (2000) considera essa consoante como uma geminada fonológica, interpretação fundamentada no fato de que as sílabas que precedem uma soante palatal são sempre leves e que sempre se cria hiato no caso de sequências de vogal + vogal alta que precedem /ɲ, ʎ/ como em “moinho” e

“faúlha”. Além disso, quando /ɲ/ e /ʎ/ estão no onset da última sílaba da palavra, o acento não pode cair na antepenúltima sílaba, como em “alcunha” (*álcunha).

Adotando a proposta de complexidade do segmento em sua estrutura interna, quando um segmento lateral alveolar /l/ é sucedido de por /i/ ou [j], há o espraiamento do nó Vocálico do contexto seguinte para o PC da consoante, tornando-a um segmento com duas articulações, como vê-se na figura (40).

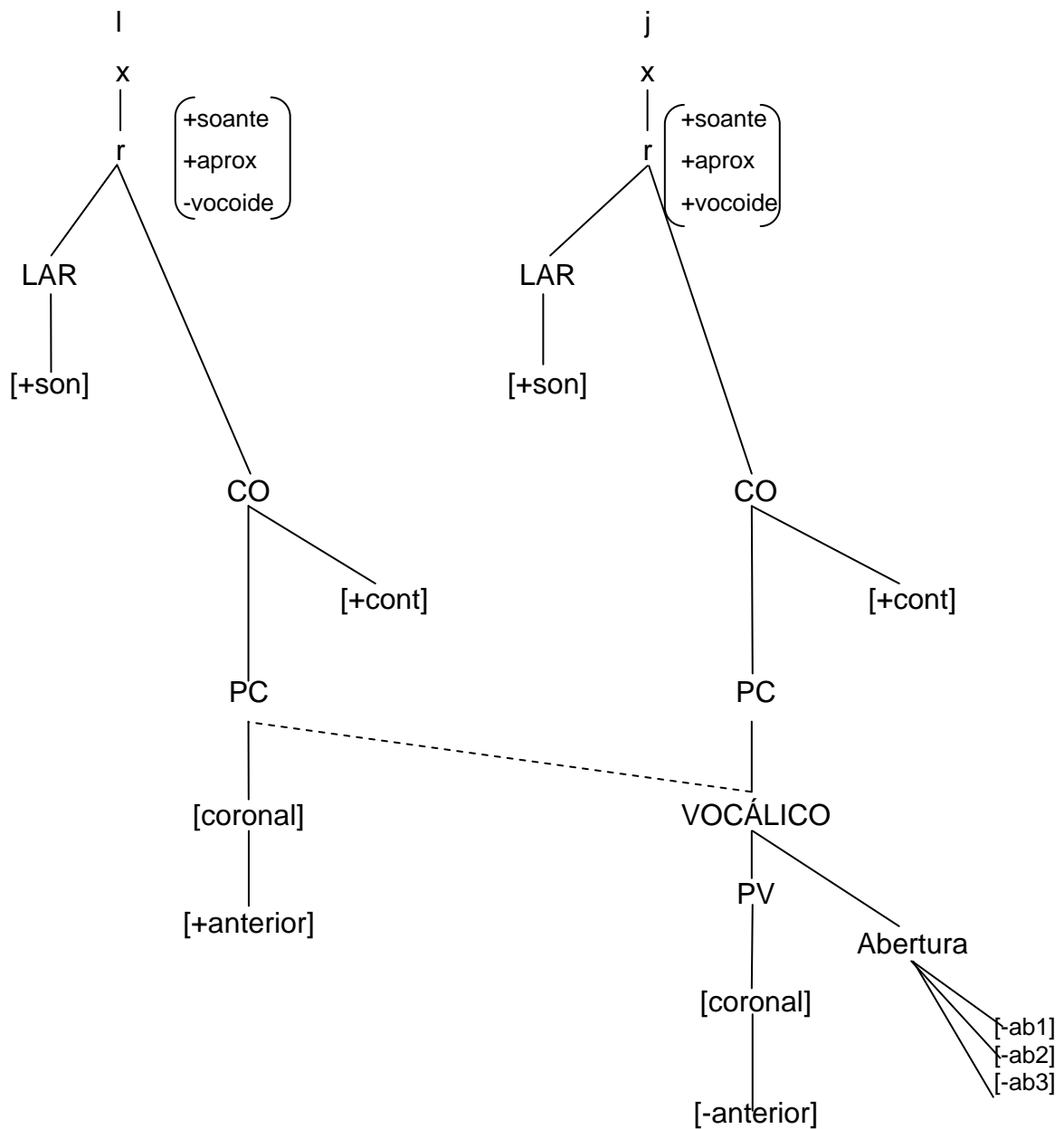


Figura 40: Espraiamento do nó Vocálico para o PC da consoante

Assim, tem-se como resultado a constituição de um segmento complexo, ou seja, um segmento com uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica. A estrutura da lateral palatal considerada como segmento complexo permite entender-se por que, na aquisição da fonologia do português, muitas vezes no lugar do segmento consonantal é produzido um glide [j]: é apenas o nó Vocálico dessa estrutura consonantal que se manifesta (MATZENAUER, 1999; GONÇALVES *et al.*, 2006).

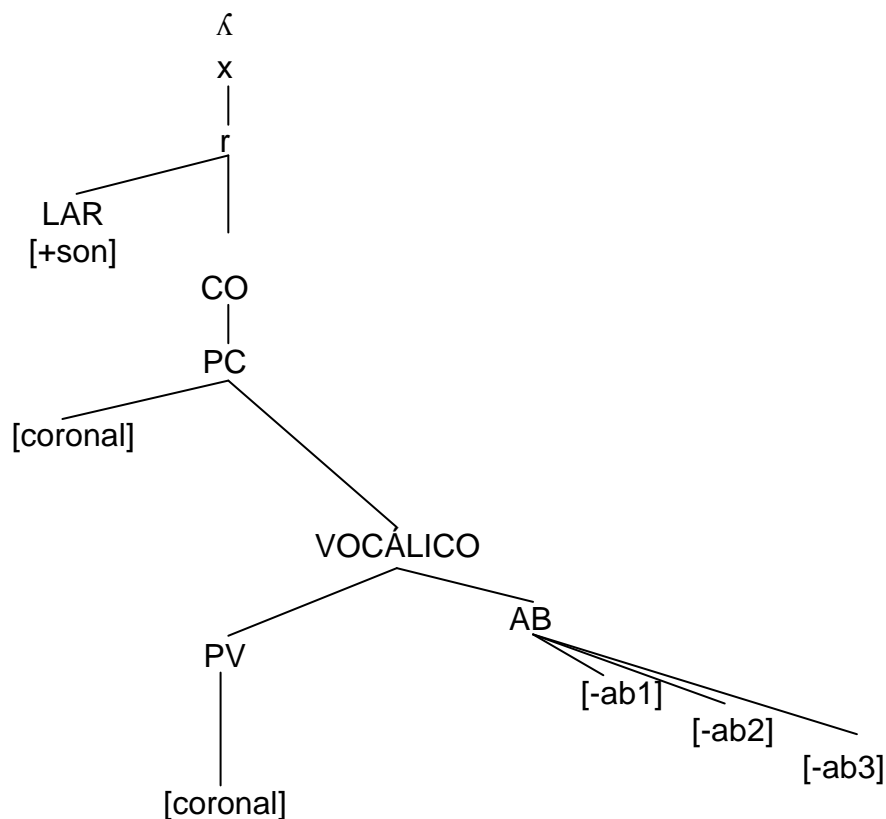


Figura 41: Líquida palatal

No segundo caso apresentado no Quadro 22, tem-se a evolução de grupos consonantais para a lateral palatal. Será aqui adotada a mesma proposta de análise inicialmente apresentada para a sequência /kl/ para ilustrar o processo ocorrido no surgimento da fricativa surda /ʃ/, defendendo-se que as demais sequências – /tl/ e /pl/ –, por influência de /kl/, sofreram as mesmas mudanças.

As sequências de consoantes das quais surgiu o /ʃ/ são /kl/, /gl/, /pl/, /bl/, /tl/. É interessante destacar que, considerando-se a escala de sonoridade de Bonet &

Mascaró (1996) e sabendo-se que essas sequências figuram em contexto medial de palavra e inicial de sílaba, depois de um processo de desaparecimento da vogal que originariamente se encontrava entre as consoantes que posteriormente passam a ficar adjacentes, tais sequências apresentam um mesmo valor crescente de sonoridade (de 0 a 3), sem exceção, já que o primeiro elemento é sempre uma plosiva e o segundo é a lateral alveolar. Essa constatação serve como reforço para a consideração de que as sequências consonantais podem copiar o processo sofrido por outras do mesmo tipo.

Quadro 23: Sonoridade das sequência consonantais, de acordo com a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996)

3 0 a u r i k l a	3 0 t e g l a	3 0 i s c o p l u
	3 0 t r i b l u	3 0 v e t l a

Tomando a sequência /kl/ como inicial para a análise aqui proposta, na figura (42) são apresentados os segmentos que compõem a sequência, bem como o gatilho para o processo de palatalização motivador do surgimento da lateral palatal /ʎ/, como uma das possibilidades dessa mudança.

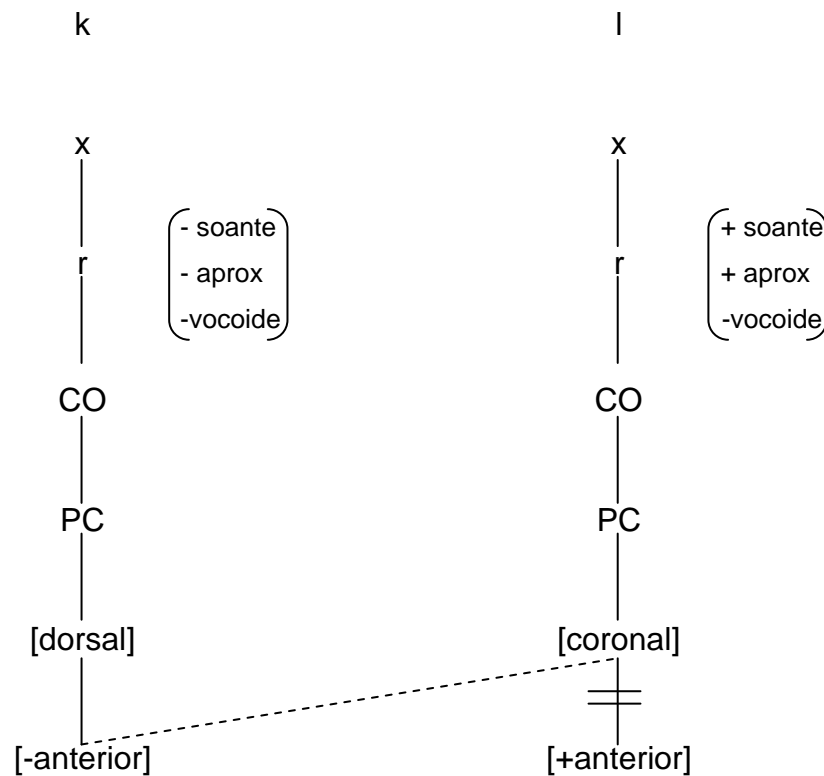


Figura 42: Sequência /k/ e espraçamento de traço [-anterior]

No momento em que a lateral recebe a propriedade [-anterior], é engatilhado o processo de atualização de um nó Vocálico potencial, pertencente à estrutura interna do segmento, o que ocorre quando, na raiz, há a especificação do traço [+soante] (MATZENAUER, 1996)¹⁹. O resultado dessa operação, pela manutenção e atualização do nó Vocálico potencial na estrutura das líquidas, é o segmento /ʎ/, cuja estrutura interna é complexa, com uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica. Posteriormente, por uma reorganização em razão de uma restrição fonotática, que exige que o segundo elemento de um onset complexo apresente a coocorrência de traços [+coronal, +anterior], a sequência /kʎ/ é desfeita com o apagamento de /k/.

¹⁹ Matzenauer (1996) defende que o segmento cuja raiz integra a coocorrência [+soante, +aprox] possui, potencialmente, o nó Vocálico em sua geometria. Tal estrutura explica por que é tão frequente – na aquisição, na variação e na mudança linguística – o emprego de glides em lugar de consoantes líquidas.

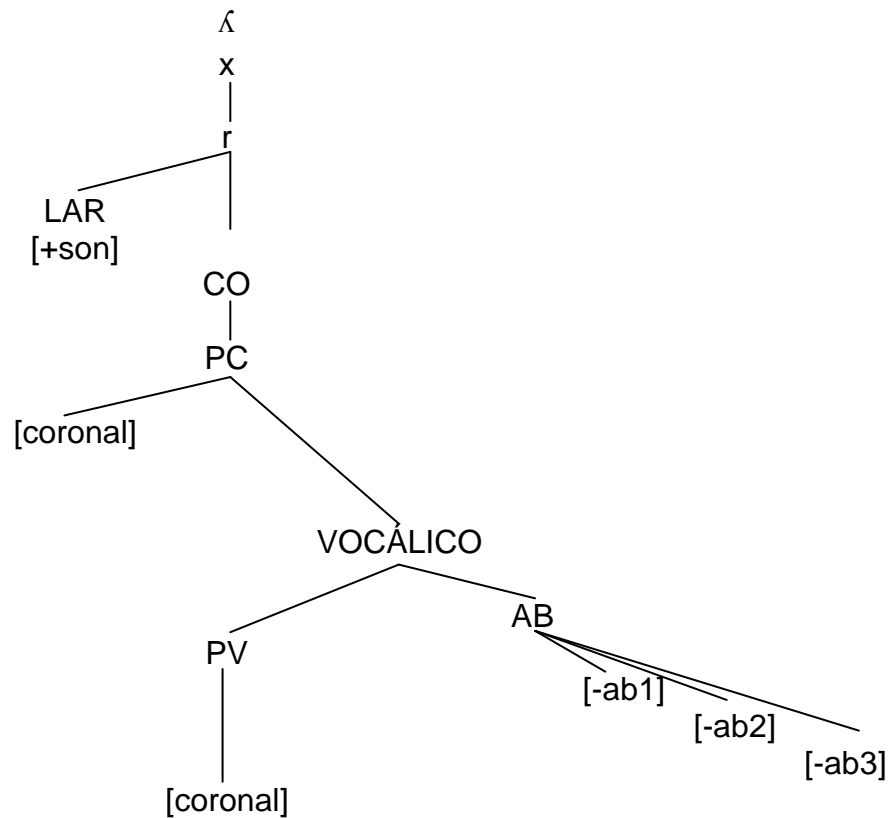


Figura 43: Geometria de traços do segmento /ʎ/

Teyssier, porém, sugere uma evolução que segue um caminho um pouco diferente. Segundo o autor, a partir da síncope da vogal /u/, há o surgimento do grupo consonantal /kl/, como vê-se em palavras como *o/k/ulum* > *o/kl/lu*, *api/k/ula* > *api/kl/a* e *auri/k/ula* > *auri/kl/a*. O mesmo ocorre quando a vogal se encontra entre outras plosivas, como /t/, /g/, /p/ e /b/ e a lateral alveolar /l/, conforme os exemplos do quadro :

Quadro 24: Exemplos de apagamento da vogal

sco/p/ulu	isco/pl/u
te/g/ula	te/gl/a
tri/b/ulo	tri/bl/u
ve/t/ula	ve/tl/a

De acordo com Teyssier (2007,p.13), apesar da ausência de documentos linguísticos entre os anos 409 e 711, é possível identificar a linha geral de evolução da língua, que permite visualizar a transformação do latim imperial em proto-romance e o surgimento de certas fronteiras linguísticas. Uma delas é a que acabou separando os falares ibéricos ocidentais, de onde surgiu o galego-português, de falares do centro da Península, de onde provém o castelhano, por exemplo. O autor supõe que provavelmente nessa época tenha ocorrido a evolução do grupo consonantal /kl/ e, segundo ele, após a síncope da vogal /u/, a plosiva /k/ passa a iode formando uma nova sequência /jl/.

Possivelmente, em uma primeira etapa, a sequência presente no referido contexto tenha sido //l/. O /k/ passaria a //l/, primeiramente, por um processo de assimilação: a lateral alveolar espraia todo o seu nó de raiz para a plosiva, formando assim um segmento idêntico, conforme a figura (44).

Borges (1996) apresenta em seu trabalho vários casos em que na diacronia é possível considerar-se a ocorrência de assimilações totais de traços entre segmentos adjacentes, como n > l e r > l. No primeiro contexto, assim como o caso aqui analisado, a formação de uma sequência consonantal tendo como um dos segmentos a lateral //l/ ocorre a partir da queda de uma vogal interveniente.

n > l: molinariu > *molnariu > *mollairo > moleiro
 lunula > *lulla > lula
 coronula > *corolla > corola
 esmolina > *esmola > esmola

r > l: per+lo > pello > pelo

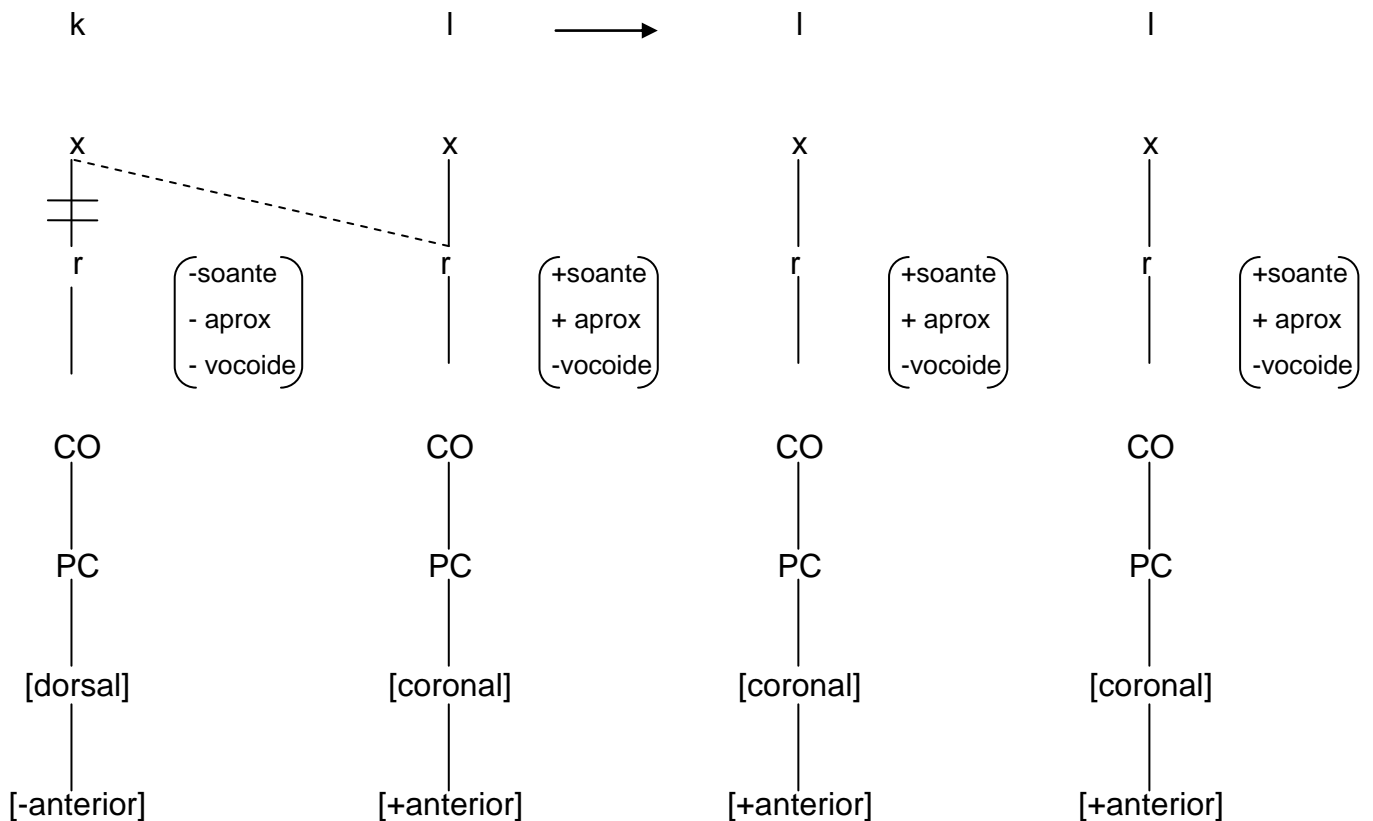


Figura 44: Processo de assimilação-espraiamento do nó de raiz do /l/

Quando a lateral alveolar /l/ espraia todo o seu nó de raiz para a plosiva, ocorre o desligamento de todo o esqueleto que está imediatamente abaixo e que caracteriza o segmento /k/, mantendo-se apenas a unidade de tempo fonológico, a qual, por sua vez, se liga ao nó de raiz do segmento imediatamente adjacente /l/, formando-se então uma sequência de duas consoantes idênticas, o que seria a primeira etapa do processo que culminará em uma palatalização. Porém, sabe-se que uma sequência desse tipo viola um princípio fundamental da Fonologia Autossegmental: o Princípio do Contorno Obrigatório, mais conhecido como OCP; por isso, como segunda etapa do processo em questão teria-se uma dissimilação.

Então, por dissimilação, o traço de raiz [-vocoide] do primeiro /l/ passaria a [+vocoide], motivado pela necessidade de não haver violação ao OCP. Segundo Matzenauer (2005, p.66), muitas são as línguas que fazem uso do processo de dissimilação para não incorrer em uma violação ao Princípio do Contorno Obrigatório. A mudança de valor do traço [vocoide] do segmento implica a inserção

de um nó Vocálico potencial em razão do traço [+soante] e [+aprox] presente na raiz, fazendo surgir a semivogal [j], que mantém o traço [coronal], porém agora imediatamente abaixo do nó ponto de vogal, e o traço [anterior], especificado agora como [-anterior] também em razão da mudança do traço [vocoide] na raiz do segmento (toda vogal é [-anterior]). O processo pode ser visualizado nas figuras a seguir.

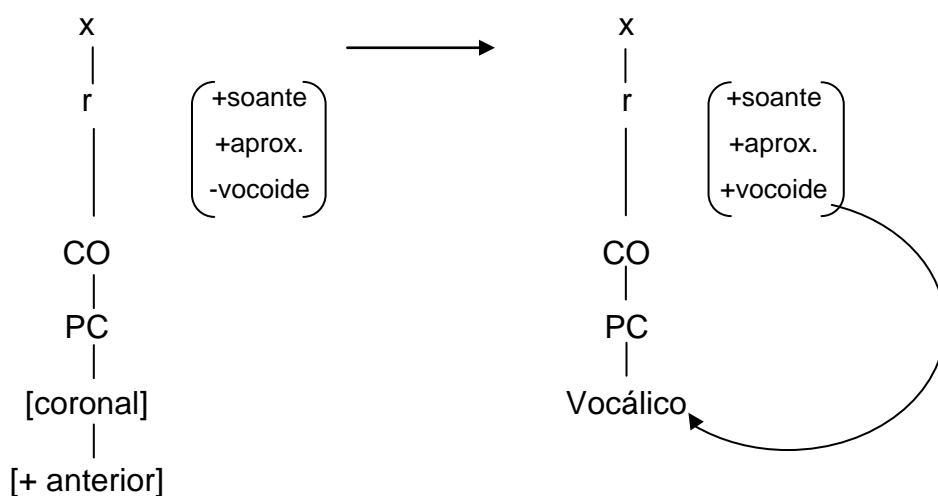


Figura 45 : Dissimilação/mudança do traço [vocoide] e atualização do nó Vocálico

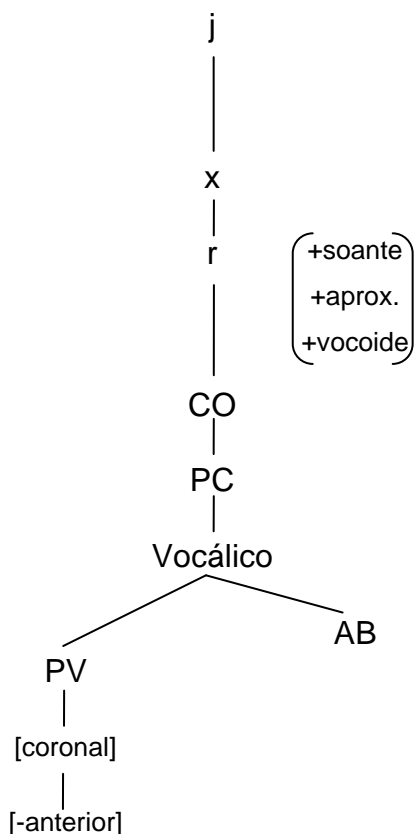


Figura 46 : Estrutura arbórea do segmento /j/

Após essa segunda etapa, na qual o primeiro segmento da sequência /ll/ passa a [j], tem-se uma nova sequência: /jl/. A última etapa do processo de evolução da sequência /kl/ configura o surgimento de um novo segmento: a lateral palatal /ʎ/. O processo pode ser visualizado na figura a seguir, que mostra os segmentos constituintes da sequência /jl/, bem como o gatilho do processo: a presença da semivogal palatal [j], que espraia seu nó vocálico para a consoante lateral /l/.

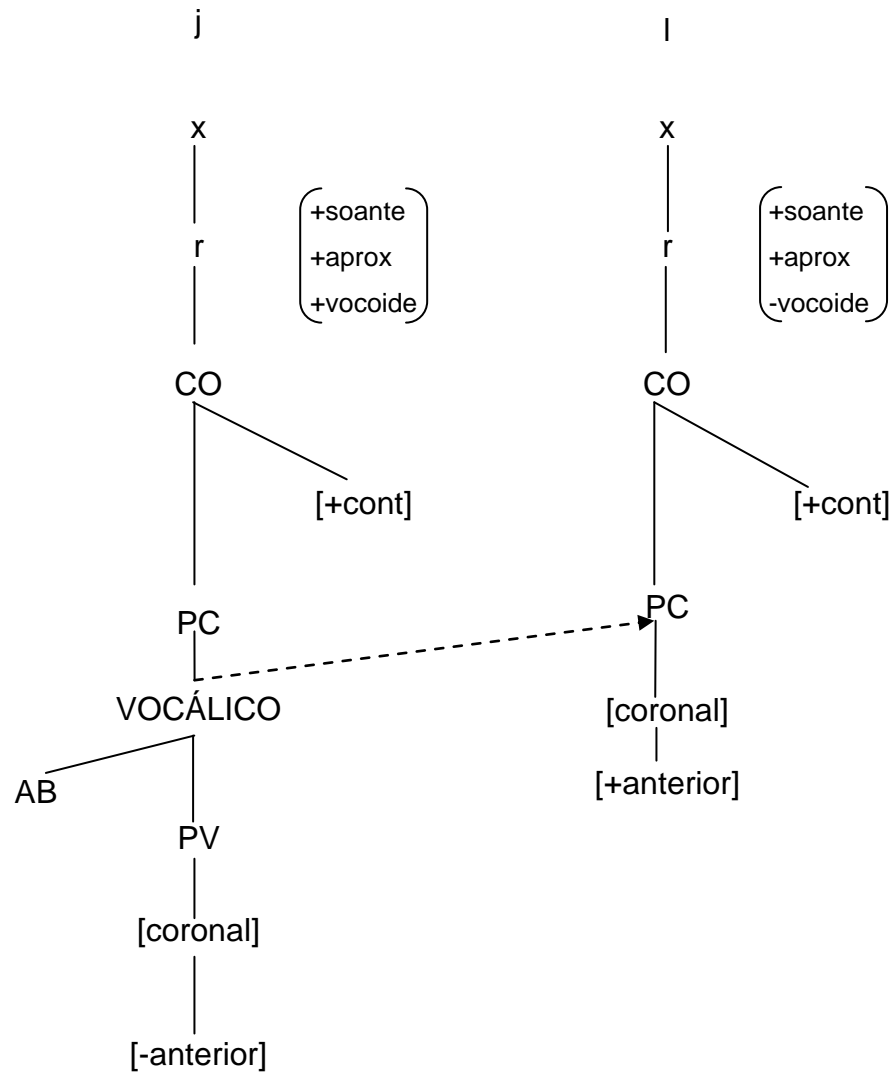


Figura 47: Espraiamento do nó vocálico de /j/ para /l/.

Após o espraiamento do nó Vocálico da semivogal palatal, é desencadeada uma reorganização das estruturas envolvidas, culminando em um novo segmento, o /ɬ/, que possui em sua estrutura interna uma dupla articulação: uma consonantal e uma vocálica, conforme visto na figura (47) – desliga-se a estrutura do segmento [j] acima do nó Vocálico; esse nó Vocálico passa a ficar vinculado à estrutura da consoante lateral, dando origem à lateral palatal /ɬ/.

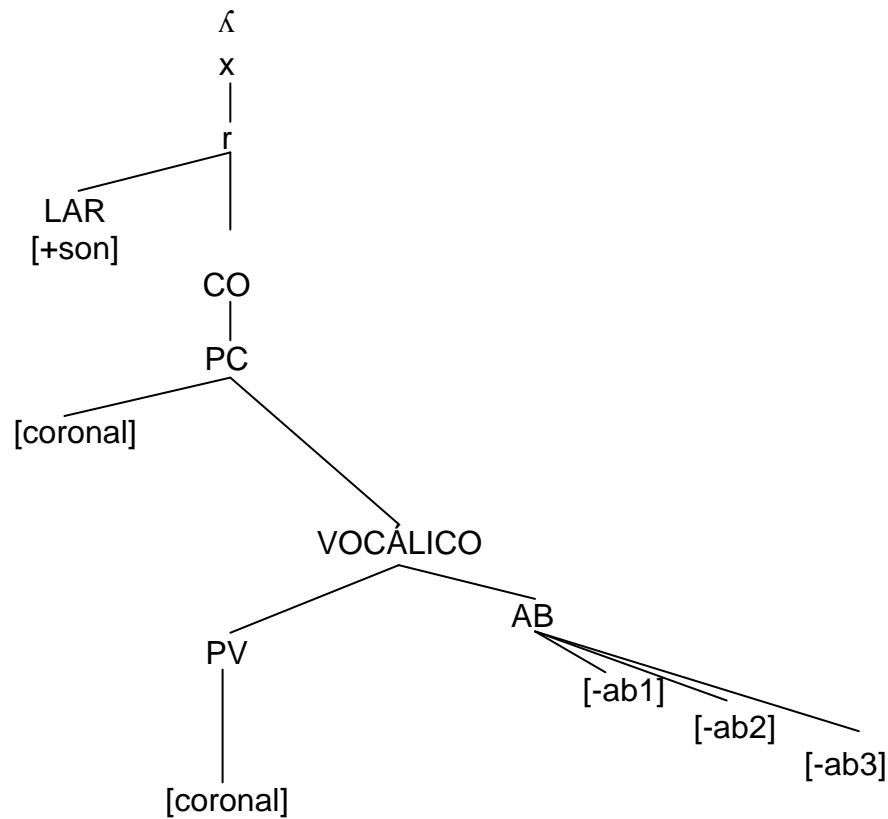


Figura 48: Geometria de traços da lateral palatal /ʎ/

Apesar da escassez de registros escritos os quais comprovem que a proposta sugerida por Teyssier retrata fielmente o caminho seguido pela evolução de sequências do tipo /kl/, segundo o autor essa evolução é comum a todos os falares hispânicos, porém com conseqüências bem diferentes dependendo das regiões: em galego-português /j/ passa a /ʎ/ (conforme apresentado na última análise); já em castelhano, segundo o autor, a sequência passa à africada /dʒ/, em uma etapa do processo de evolução desse sistema.

Quadro 25: Resultados da evolução de *kl* e *tl*, no galego-português e no castelhano, segundo Teyssier (2007, p.13)

Latim clássico	Latim vulgar	Galego-português	Castelhano
oculum	oc'lu	olho	ojo
auricula	auric'la	orelha	oreja
vetulum	vet'lu	velho	viejo

4.2.4.4 O segmento nasal palatal vozeado /ɲ/

Como último segmento provindo de um processo de palatalização, tem-se a nasal palatal /ɲ/, também inexistente no sistema consonantal latino. Os contextos favorecedores para a implementação desse novo segmento podem ser visualizados no quadro a seguir.

Quadro 26: Origens da nasal palatal /ɲ/

1º - nasal coronal alveolar seguida de semivogal palatal [nj]
2º - vogal palatal seguida de nasal coronal alveolar [jn]
3º - plosiva velar sonora seguida de nasal coronal alveolar [gn]

Como pode ser visto no Quadro 26, nos três contextos há a presença de uma nasal coronal alveolar e, nos dois primeiros, a presença de um segmento vocálico palatal. Conforme será apresentado no decorrer da análise, o terceiro contexto apresenta uma evolução na qual o segmento vocálico também toma parte no processo.

Em contexto intervocálico, a sequência /nj/ origina a nasal palatal /ɲ/. O processo é parecido com o ocorrido com a lateral alveolar seguida de segmento vocálico palatal (figura 40). Nota-se que o /ɲ/ também é considerado um segmento complexo, como propõe Matzenauer (1994), apresentando em sua estrutura uma articulação primária consonantal e uma articulação secundária vocálica. Na figura a seguir, é possível visualizar a estrutura dos segmentos envolvidos no contexto em

questão, bem como identificar o gatilho do processo de palatalização aqui apresentado.

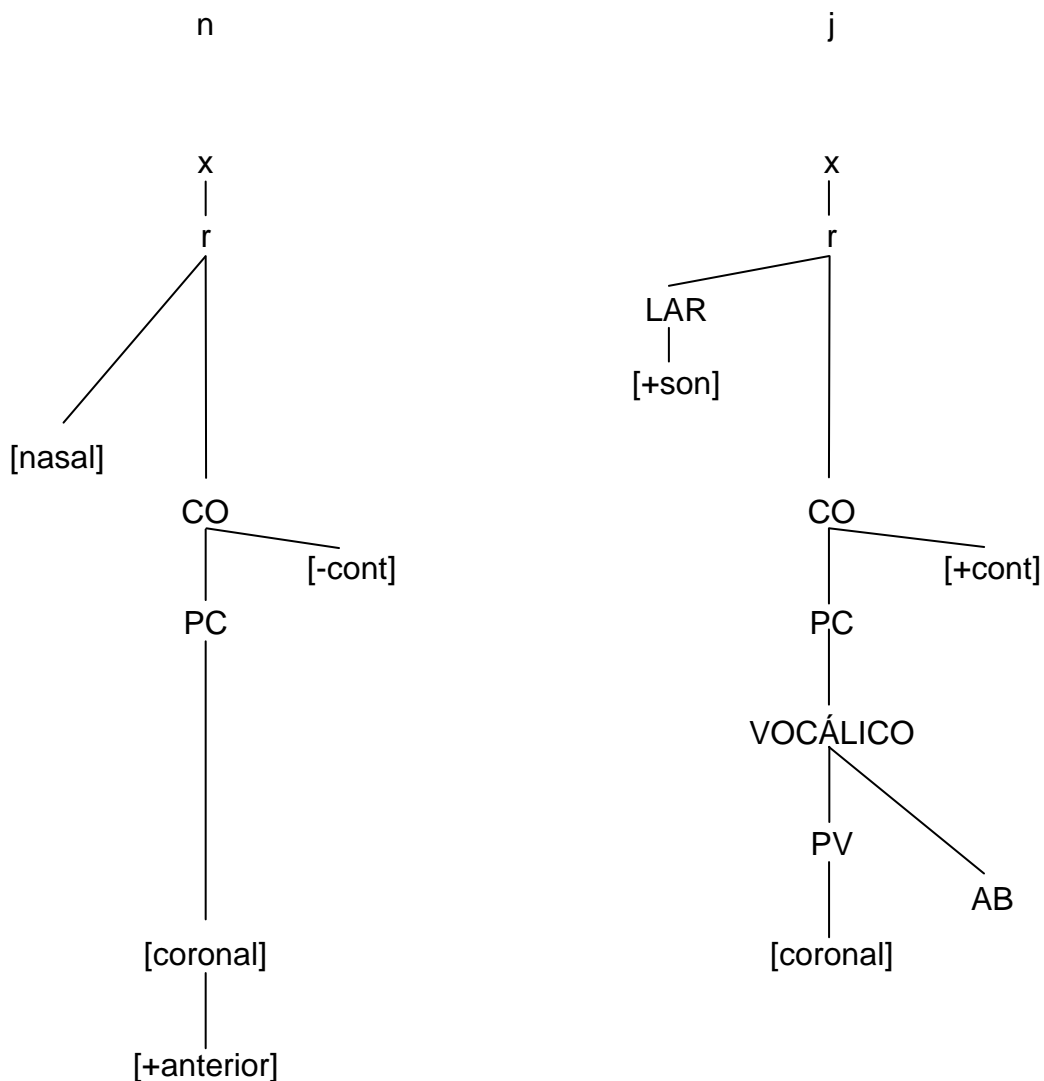


Figura 49: Geometria de traços da sequência /nj/

Novamente adotando a proposta de complexidade da estrutura interna da consoante palatal nasal, o processo de palatalização em análise dá-se a partir do espriamento do nó Vocálico do segmento palatal para o PC da consoante nasal

precedente, dando origem, assim, a um segmento com dupla articulação: um consonantal e outra vocálica, conforme figuras a seguir.

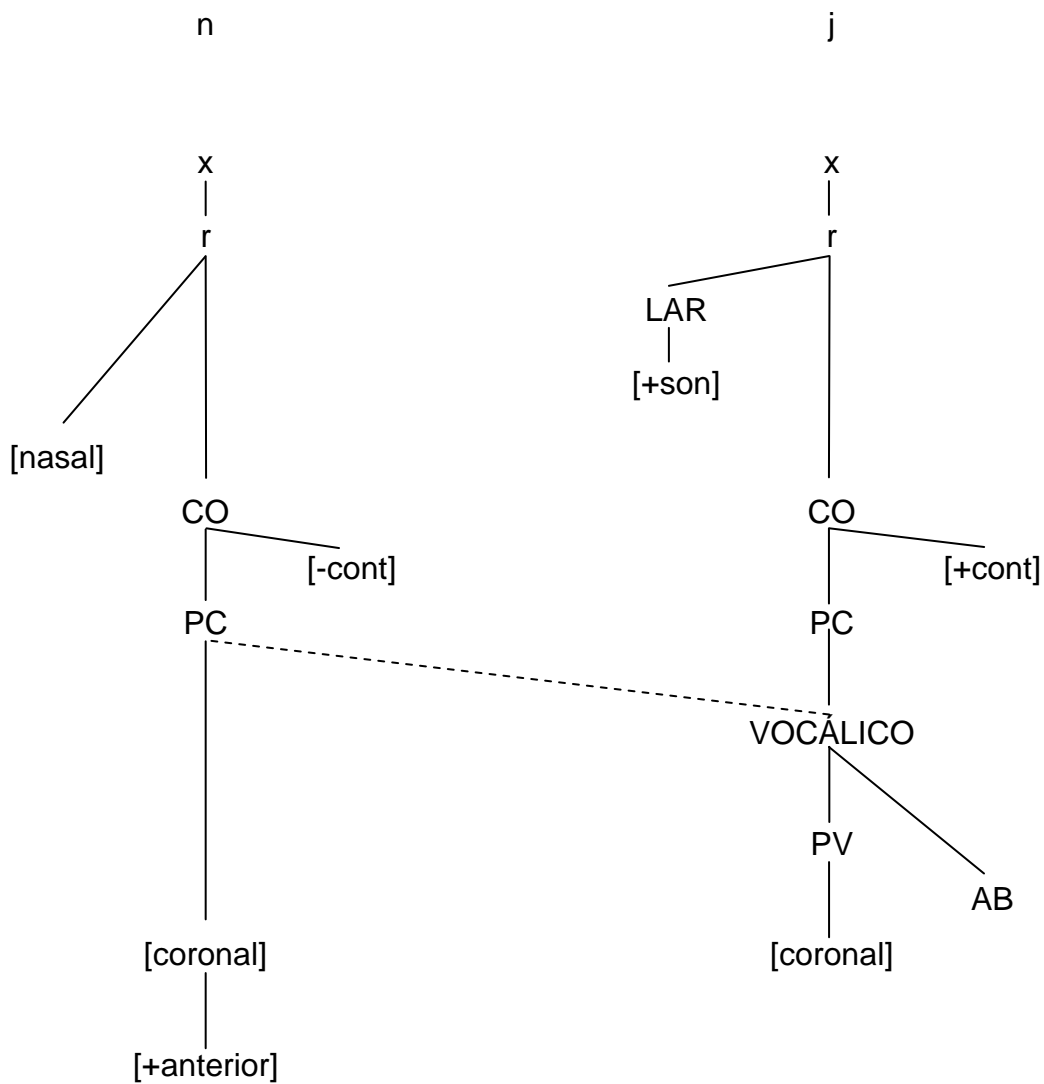


Figura 50: Espriamento do nó Vocálico

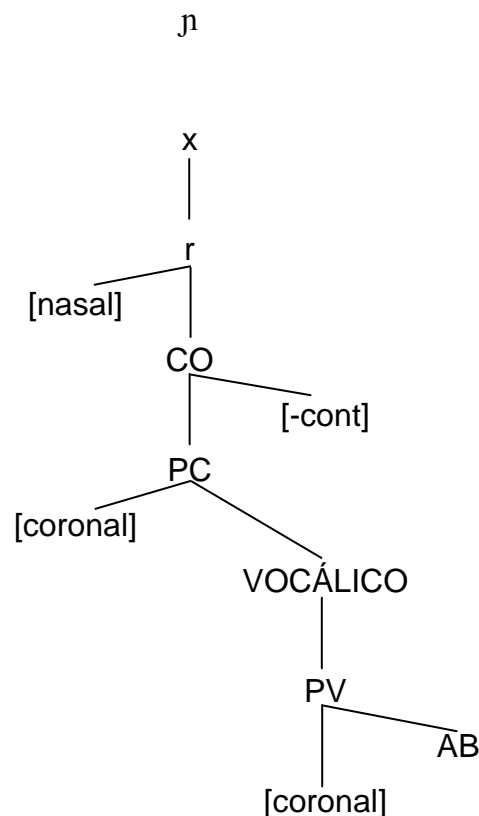


Figura 51: Geometria de traços da consoante nasal palatal

O segundo contexto apresentado como uma das origens do /ɲ/ – /in/ – assemelha-se ao que foi referido na análise da sequência /nj/, seguindo, assim, a mesma linha no processo de palatalização, havendo apenas uma inversão na posição dos segmentos (CV – VC) – a origem da palatalização continua sendo o vocoide. Já a terceira origem proposta no Quadro 18 apresenta a sequência /gn/ e sobre ela é importante expor algumas considerações em relação a sua evolução.

De acordo com Ilari (2008), em grupos consonantais nos quais a segunda consoante é uma dental, especificamente no período latino, os mesmos tendem a desfazer-se pela queda da primeira consoante, que pode assimilar-se à segunda, vocalizar-se ou simplesmente cair; dentre os grupos referidos por Ilari, encontra-se a sequência /gn/, o último foco de análise sobre as origens da nasal palatal /ɲ/. O autor, porém, não especifica exatamente qual o caminho foi percorrido pela sequência /gn/ até o surgimento do novo segmento palatal em análise.

Já Williams (2001, p.94), quando trata especificamente da sequência /gn/, apresenta os seguintes estágios do processo de evolução:

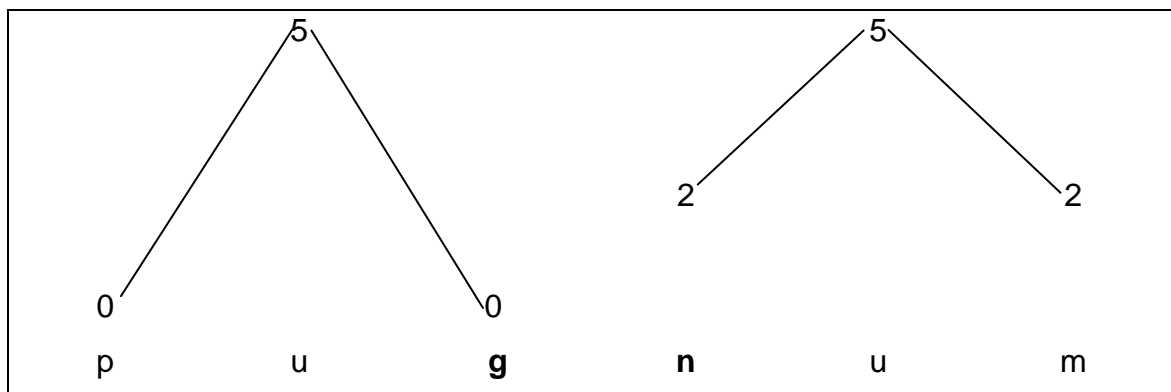
Quadro 27: Estágios da evolução de /gn/

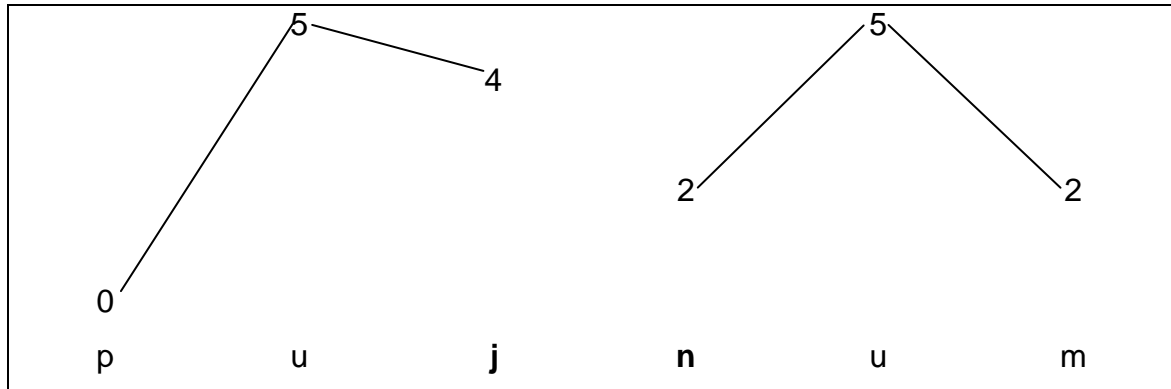
[gn] > [jn] > [jñ] > [ñ]

Assim, temos confirmada a informação referida por Ilari, de que, em grupos como /gn/, uma das possibilidades da cadeia evolutiva é a vocalização do primeiro segmento, neste caso o /g/. As etapas do processo evolutivo de /gn/, apresentadas por Williams, servirão como base para a análise aqui proposta.

O primeiro processo pelo qual a sequência /gn/ passa é a vocalização da plosiva velar /g/. Cabe, neste momento, ressaltar que a palatalização como resultado do processo evolutivo de /gn/ ocorre quando este se encontra em contexto intervocálico, o que implica que a plosiva /g/ ocupa a posição de coda de sílaba. Considerando a organização dos segmentos de acordo com a escala de sonoridade, temos a seguinte configuração para as sequências /gn/ e /jn/:

Quadro 28: Sonoridade das sequências /gn/ e /jn/, de acordo com a Escala de Sonoridade de Bonet & Mascaró (1996).





Nessa configuração, vê-se que do núcleo silábico /u/ para /g/ há uma queda brusca no valor da sonoridade (de 5 a 0). Essa diferença brusca de sonoridade sinaliza uma certa dificuldade de pronúncia da sequência, caracterizando-a como uma estrutura marcada, já que, conforme Clements (1990), a sílaba ideal deve mostrar uma descida leve de sonoridade do núcleo para a coda. Com a vocalização, passa a haver maior harmonia entre os elementos da rima (sonoridade de 5 a 4), facilitando, assim, a sua produção, eliminando o status de marcação identificado.

Oliveira (2006) analisa alguns processos sofridos pelos ditongos existentes no latim e também apresenta casos nos quais o vocábulo latino precisou adequar-se ao molde silábico do português, bem como ao molde silábico mais harmônico, fazendo surgir, assim, “novos ditongos” a partir da vocalização das oclusivas pós-vocálicas, as quais passam a se comportar como semivogais.

Quadro 29: Vocalização das plosivas pós-vocálicas

regnu > reino	conceptu > conceito
factu > *faitu > feito	absentia > ausência

Como é sabido, na parte decrescente de uma sílaba, ou seja, na coda, o português admite apenas os segmentos /r/, /l/, /S/ e /N/ como primeiro elemento e, caso haja uma ramificação, apenas o /S/ como segundo elemento consonantal, além

das semivogais. Uma sequência do tipo /gn/, com a plosiva na posição de coda, fere os princípios de boa formação de sílaba do português e o caminho percorrido na evolução da língua encontrou a vocalização como método de readequação ao molde silábico do português.

Assim, com essa reconfiguração de segmentos, tem-se a sequência /jn/, referida por Williams (2001), com a vocalização da plosiva em coda. A partir desse ponto, para o surgimento da nasal palatal, o processo de palatalização é desencadeado e segue os mesmos passos dos dois primeiros contextos de origem do /ɲ/ apresentados até aqui.

4.2.5 Consonantização

Na variante culta do latim, havia ditongos crescentes formados pelas semivogais [j] ou [w] seguidas de alguma vogal, como, por exemplo, nas palavras [j]am e [w]inu. Porém, já na variante popular latina, as semivogais mencionadas consonantizaram-se.

Segundo Mattos e Silva (2006), a consonantização da semivogal [j] do latim é uma das origens da fricativa alveolar /ʒ/, assim como a intensificação sonora da semivogal [w] é entendida como uma das raízes da fricativa labial /v/, consoantes estas inexistentes no sistema latino. O processo de consonantização remete a uma alteração do traço de raiz do fonema vocálico [+vocálico] → [-vocálico].

Para a análise da evolução da semivogal [j], considera-se o que refere Ilari (2008, p.80) quando trata do desenvolvimento de uma consoante palatal a partir do [j]. Segundo o autor:

Período latino: o i-semivogal adquire uma pronúncia acentuadamente palatal, confundindo-se na pronúncia com o g(e,i).

Período românico: resultam as mesmas três situações descritas para g(e,e): a palatalização involui no sardo, que conserva a semivogal; na România oriental desenvolve-se numa africada /dʒ/; na România ocidental chega-se a uma fricativa.

Para uma melhor visualização do que propõe Ilari, o autor apresenta um quadro semelhante ao que segue.

Quadro 30: Resultado da evolução da semivogal [j] - adaptado de Ilari (2008, p. 81)

Latim vulgar	sardo	romeno	italiano	francês	espanhol	português
<i>iugu</i>	<i>juu</i>	<i>jug</i>	<i>giogo</i>	<i>joug</i>	<i>yugo</i>	<i>jugo</i>
	/j/	/dʒ/	/dʒ/	/ʒ/	/j/	/ʒ/

Corroborando com Ilari, Williams (2001, p.72) afirma que o /j/ inicial do latim clássico passa a /ʒ/ no português. No latim vulgar, o som da semivogal e o proveniente do /g/ inicial seguido de /e/ ou /i/ do latim clássico se tornaram idênticos. Logo, temos a seguinte configuração para esse processo evolutivo:

Quadro 31: Evolução da semivogal [j]

$j \rightarrow /d^j/ \rightarrow /dʒ/ \rightarrow /ʒ/$

Como já mencionado, a realização da semivogal inicial [j] acabou, em certo momento, sendo a mesma de /g/ seguido de /e/ ou /i/, cujos processos envolvidos em sua evolução (ver seção 4.2.4, que trata da palatalização), na medida do possível, acabam sendo os mesmos na evolução do [j] inicial. Assim, por influência do referido contexto, tem-se a realização da semivogal [j] de forma mais palatalizada, formando antes da africada a consoante palatalizada /d^j/.

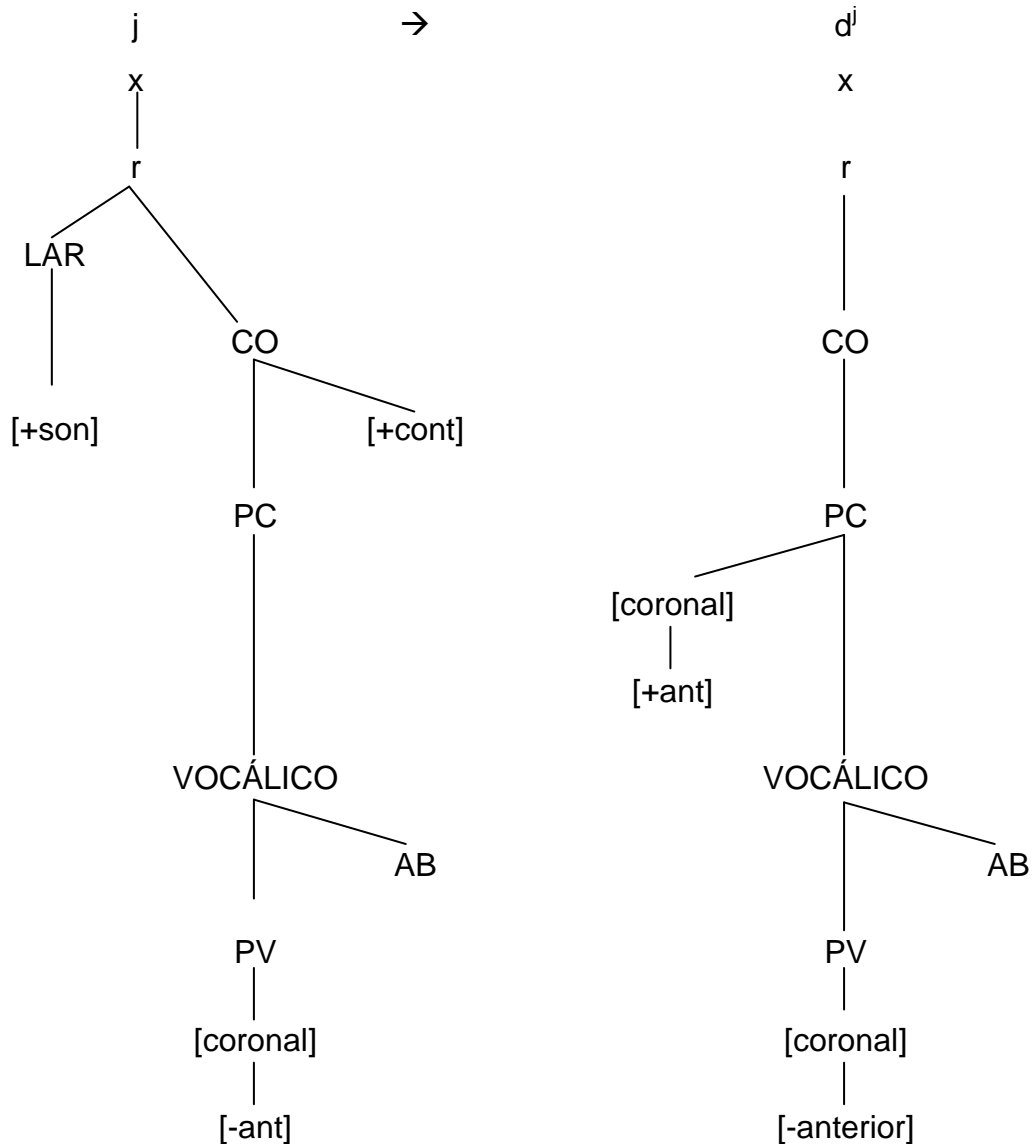


Figura 52: Realização de [j] como consoante palatalizada /dʲ/

Após a realização da consoante palatalizada /dʲ/, há a passagem da consoante palatalizada /dʲ/ para uma consoante africada /dʒ/ através de uma promoção do traço secundário [coronal] à articulação primária e posteriormente uma cisão no segmento, conforme figuras (33) e (34), respectivamente. Por fim, a africada sofre um desligamento de toda sua borda esquerda, passando assim de segmento de contorno /dʒ/ para segmento simples /ʒ/ (ver seção 4.2.4, que trata

detalhadamente do processo de palatalização envolvendo as etapas de evolução de [j] para /ʒ/).

Em relação à semivogal [w], Ilari (2008) apresenta o seguinte quadro de resultados da evolução desse segmento nas línguas românicas:

Quadro 32: Resultados da evolução de [w] nas línguas românicas- Ilari (2008, p. 81)

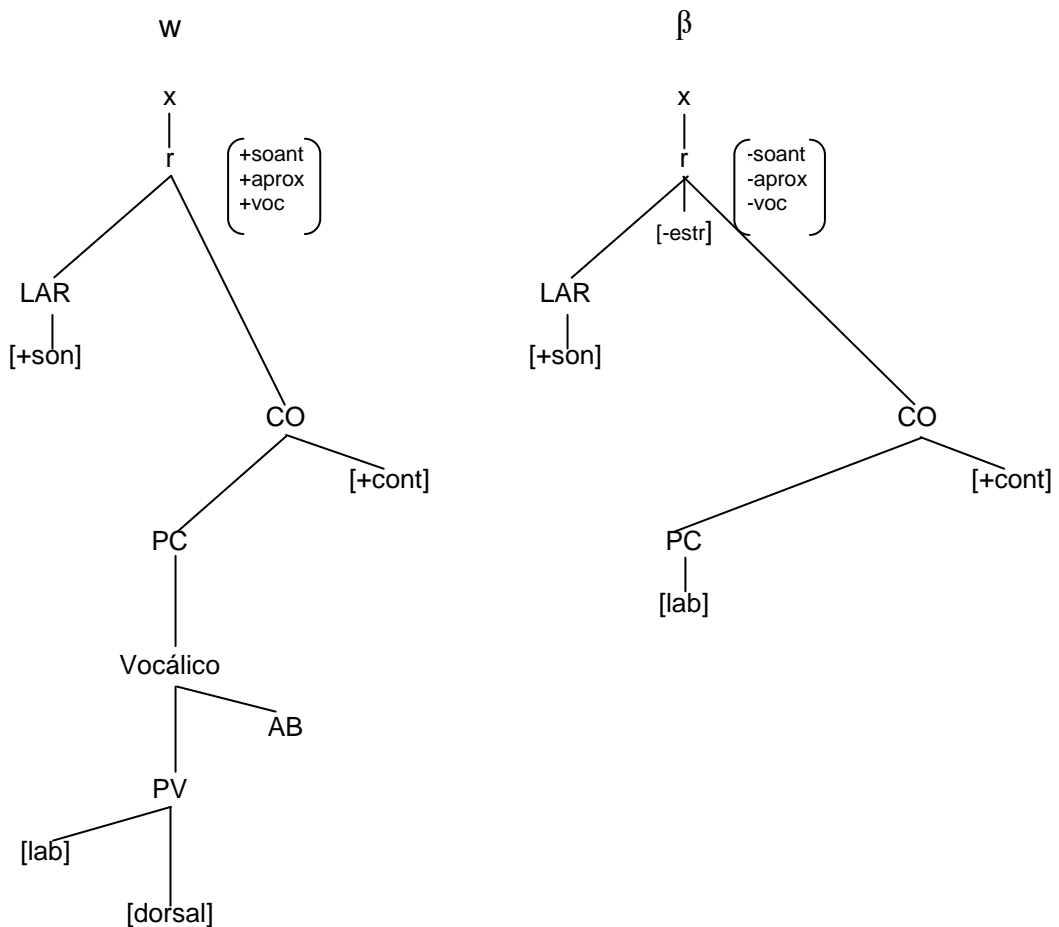
Latim vulg. [cláss]	sardo	romeno	italiano	francês	espanhol	português
<i>Vinu</i> [winu]	<i>vinu</i>	<i>vin</i>	<i>vino</i>	<i>vin</i>	<i>vino</i>	<i>vinho</i>
[v] [u]	/b/	/v/	/v/	/v/	/β/	/v/

Como pode ser visto no Quadro 4 (ver seção 3.2.2), o galego-português (primeira fase do português arcaico) apresentava em seu sistema uma fricativa bilabial /β/, porém a ausência da fricativa labiodental sonora /v/ também é percebida. Já na segunda fase do português arcaico, há uma inversão nessa apresentação: o sistema passa a ter como constituinte a fricativa labiodental sonora e perde a fricativa bilabial. A partir dessas configurações e do Quadro 32, nota-se que a evolução da semivogal [w] não ocorreu diretamente para /v/, mas primeiramente para uma fricativa bilabial sonora /β/ e posteriormente para a fricativa labiodental sonora, o que também é referido por Ilari. Logo, temos a seguinte configuração para a evolução da semivogal [w]:

Quadro 33: Evolução da semivogal [w]

w > /β/ > /v/

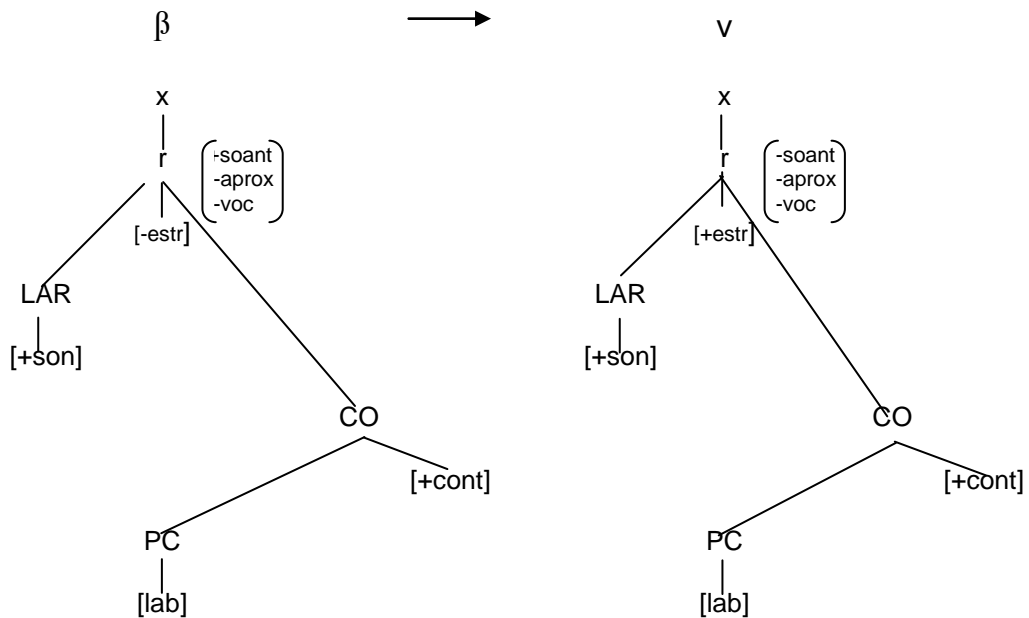
Nas figuras (53) e (54) são apresentados os esquemas arbóreos dos segmentos [w] e /β/ para facilitar a compreensão das etapas envolvidas no processo de consonantização da semivogal /w/, que é um processo de fortalecimento e implica alteração nos traços da raiz: [+soant, +aprox, +voc] passam a [-soant, -aprox, -voc].



Figuras 53 e 54: Geometria de traços de [w] e /β/.

Na transformação da semivogal [w] em /β/, os traços dependentes do nó LAR e o traço imediatamente dependente do nó CO permanecem os mesmos: [+son] e [+cont], respectivamente. O traço de ponto permanece [lab], no entanto, como alterou o traço [voc] na raiz (passou a ser [-voc]), o traço de ponto do segmento não

mais está sob o nó PV (como ocorria no caso do segmento [w]), mas se tornou imediatamente dependente do nó PC na consoante /β/.

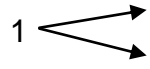
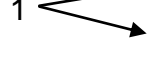
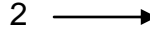


Figuras 55 e 56: Geometria de traços das fricativas /β/ e /v/

De acordo com os quadros do sistema consonantal das duas fases do português arcaico, apresentados por Mattos e Silva (2006), a plosiva bilabial /b/ e a fricativa bilabial /β/ eram fonemas distintos, tanto que se reconhece uma oposição /b/:/β/ na primeira fase do galego-português, a qual desaparece na segunda fase, mantendo-se posteriormente apenas a oposição /b/:/v/. A mudança da fricativa bilabial sonora para fricativa labiodental sonora ocorre a partir da perda do traço [estridente] de /β/, como pode ser visualizado nas figuras (55) e (56). Assim, vê-se novamente que a estrutura arbórea dos segmentos permanece inalterada, havendo apenas a alteração do valor de um traço imediatamente ligado à raiz da fricativa bilabial sonora, justamente aquele que fazia a distinção entre os segmentos.

Considerando as análises apresentadas nesta pesquisa, de acordo com a Fonologia Autossegmental, é possível afirmar que o processo evolutivo das

consoantes do latim ao PB ocorreu por dois tipos de operação: 1) desligamento e 2) espraimento.

- 1  a) desligamento de linha de associação
- 1  b) mudança de traço / incorporação do valor oposto
- 2  c) espraimento de nós / traços

Além disso, conforme referido no início deste trabalho, a consideração do contexto silábico na efetivação das transformações dos segmentos é notavelmente importante, visto que certos processos, como a sonorização e a degeminação, por exemplo, só ocorrem, nos dados aqui analisados, em contextos silábicos específicos. Ainda com base na análise aqui apresentada, é possível constatar o quão determinante das características evolutivas da Língua Portuguesa tem sido o processo de palatalização, visto que se apresenta como o mais produtivo dentre os processos apresentados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma busca pela descrição e análise de fenômenos fonológicos ocorridos na evolução do sistema de uma língua sem dúvida não é uma tarefa fácil, devido à falta, muitas vezes, de material concreto (audível) para análise. Na escassez de manifestações de fala obtidas no momento histórico em análise, o pesquisador precisa lidar com dados escritos que tentam representar a fonologia e, muitas vezes, com a produção oral da língua analisada, mas que, como é sabido, nem sempre é capaz de representar o seu todo, tornando-se, assim, mais desafiadora uma pesquisa desse tipo. Porém, a mesma acaba por ser igualmente recompensadora pela sensação de se conseguir, ao final de um estudo como este, fazer emergirem mais alguns centímetros do iceberg que é a nossa língua.

A fonologia diacrônica possui uma incrível capacidade de esclarecer que variações consideradas meros desvios do considerado padrão na língua são, na verdade, repetições do que constantemente vem ocorrendo como etapas na evolução de um dado sistema. Além disso, uma pesquisa desse tipo permite um delineamento a respeito dos caminhos que a língua tende a seguir, tomando como base princípios gerais que guiam sua evolução.

Assim, retomando a proposta inicial deste trabalho, que consistia na descrição e análise dos fenômenos fonológicos ocorridos na evolução do sistema consonantal do Latim ao PB com o suporte da Teoria Autossegmental, considera-se esse objetivo como tendo sido alcançado: todas as etapas evolutivas foram explicadas e os processos puderam ser formalizados de acordo com o modelo teórico seguido. Dentre os processos verificados, como a sonorização, a fricativização, a degeminação, a consonantização e a palatalização, este último apresenta-se como o mais produtivo na evolução do sistema consonantal latino até a constituição do PB.

As orientações teóricas eleitas confirmam-se como muito adequadas à análise pretendida nesta pesquisa. Através da hierarquização de traços proposta pela Teoria Autossegmental, tornou-se possível não só a explicitação das características individuais dos segmentos constituintes dos sistemas estudados, mas também deixou clara a relação e a influência que os traços distintivos têm entre si.

Além disso, nos casos em que a motivação para a mudança não se mostrou relacionada à estrutura interna dos segmentos, a Teoria da Sílabas confirmou que, em dadas situações, a escala de sonoridade na estruturação dos constituintes silábicos é determinante para o tipo de fenômeno que ocorreu na língua. Para os fenômenos discutidos nesta dissertação, a Teoria Autossegmental mostrou-se preponderante, considerando-se que os processos responsáveis pela formação do sistema consonantal do PB implicaram alteração de traços distintivos. A Teoria da Sílabas teve relevância para o presente estudo em se considerando especialmente a escala de sonoridade, fundamental em determinadas sequências de consoantes.

A análise apresentada nesta pesquisa foi capaz de explicitar detalhadamente os momentos evolutivos dos segmentos analisados, permitindo um olhar mais preciso para algumas transformações que, por vezes, se imaginara ocorrerem de maneira mais direta (por exemplo, [w] > /v/), mas que se mostravam estruturalmente mais custosas se consideradas dessa forma (por exemplo /kl/ > /ʃ/). Os dados permitiram esclarecer que tais transformações possuem etapas intermediárias que mostram o caminho natural seguido pela língua em sua constante transformação. É o caso da proposta apresentada na seção 4.2.4.2 que, complementando uma análise referida por Williams (2001), acrescentou uma etapa que se mostrou determinante para a percepção da naturalidade do processo de palatalização da sequência /gj/.

Ainda, a pesquisa confirmou a assimilação como um fenômeno bastante recorrente na diacronia da língua portuguesa, estando de acordo com o estudo apresentado por Borges (1996). Apesar de o presente trabalho não possuir a aquisição como tema de abordagem, permite de certa forma compreender o motivo de as consoantes palatais serem geralmente as últimas adquiridas pela criança, assim como Borges conclui em seu estudo. Segundo o autor, ao mesmo tempo em que a gramática do português foi enriquecida a partir de mudanças motivadas por ambientes fonológicos particulares, como foi no caso da inclusão das palatais no sistema, esses novos fonemas acabam por ser de difícil aquisição pelas crianças, talvez em razão da própria complexidade de constituição desses segmentos, fato que pôde ser observado através da explicitação das etapas envolvidas no processo de palatalização.

A presença de um segmento vocálico palatal em boa parte dos casos analisados na seção que tratou da palatalização marca a característica influenciadora que o mesmo possui sobre algumas consoantes. Na diacronia, é perceptível essa influência sobre segmentos como /s/, /t/, /l/, /g/, por exemplo; no português atual continua sendo observada, porém mantém-se especificamente no nível da variação das plosivas /t/ e /d/.

Assim, conclui-se este trabalho ratificando a importância de estudos que tratam da evolução da língua e que relacionam aspectos diacrônicos com aspectos sincrônicos. De posse de dados desse tipo, é possível que os pesquisadores inclusive consigam explicar mais claramente certas ocorrências verificadas na língua ou, então, possam projetar o curso que determinado uso pode tomar, já que muitas etapas evolutivas como aquelas aqui apresentadas tendem a repetir-se, seja no nível da variação ou no sentido de efetivar uma mudança. Ainda, espera-se que esta pesquisa tenha apresentado informações suficientes para um melhor conhecimento de como a Teoria Autossegmental e a Teoria da Sílabas podem dar conta da análise referente aos processos fonológicos ocorridos na língua.

Pela dificuldade de encontrar-se material que exponha, através de uma teoria fonológica, o processamento estrutural de mudanças fonológicas, entende-se que este estudo possa contribuir significativamente para a explicitação das etapas envolvidas nos processos fonológicos que motivaram mudanças, como o apagamento e a inserção de segmentos no sistema consonantal, partindo do latim até a constituição do sistema de consoantes do PB, trazendo, assim, novos subsídios para um melhor conhecimento da história da língua.

6 BIBLIOGRAFIA

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. D.E.L.T.A., São Paulo, v.5, n.2 p. 185-168, ago. 1989.

_____. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M.H.M. (org) *Gramática do Português Falado*. v. 7: Novos Estudos. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1999. p. 701-742.

_____. Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro (org.). 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005

_____. ; HORA, Dermeval da. Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, p. 61-80, 1993.

BONET, E.; MASCARÓ, J. On the representation of contrasting rhotics. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996 (ms).

BORGES, P. R. S., Comparação entre o processo fonológico de assimilação encontrado na diacronia e na aquisição do português, 1996. 169f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística Aplicada) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul , Porto Alegre, 1996.

BOURCIEZ, E. Éléments de linguistique romane. 5e. Ed. Paris, C. Klincksieck, 1967.

BUENO, S. A formação histórica da língua portuguesa. São Paulo: Saraiva, 1967.

CALLOU, D.; LEITE, Y. & MORAES, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B & RODRIGUES, A. (orgs.) *Gramática do português falado*. v. VIII: novos estudos descritivos. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2002.

CÂMARA JR, J. M. Problemas de linguística descritiva. Petrópolis: Vozes. 1969

_____. História e estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão, 1976²⁰.

²⁰ Foram consultadas também as edições de 1979 e 1984.

CASTRO, I. (ed.) Sete ensaios sobre a obra de J.M.Piel. Lisboa: Instituto de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa, 1988.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. The sound pattern of english. New York: Harper and Row, 1968.

CLEMENTS, G. A unified set of features for consonants and vowels. Cornell University, 1989a (ms).

_____. On the Representation of Vowel Height. Cornell University, 1989b (ms).

_____. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, J.; BECKMAN, M. (orgs.). Papers in laboratory phonology1. Cambridge: CUP, p. 283-333, 1990.

_____. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory, n. 5, p. 37-76, 77-123, 1991.

_____. HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (org.). The Handbook of Phonological Theory. London: black-well, 1995.

_____. KEYSER, S.J. CV Phonology: a generative theory of the syllabe. Linguistic Inquiry Monograph, Cambridge, Mass.: MIT Press, n.9, 1983.

COUTINHO, I.L. Gramática histórica. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

CRISTÓFARO-SILVA, T. Fonética e fonologia do português. São Paulo: Contexto, 2003.

GONÇALVES, J. S. S. A relação líquidas/glides na aquisição da linguagem à luz das teorias fonológicas. In: VII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2006.

GRANDGENT, C. H. Introducción al latin vulgar. Madri: Fênix Artes Gráficas, 1952.

HARRIS, J. Syllable Structure and Stress in Spanish. A non linear analysis. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1983.

HORA, D. LUCENA R. M. Democão de fidelidade na evolução do português: uma abordagem baseada em restrições. Revista da ABRALIN, v. 6, n. 2, p. 57-83, jul./dez. 2007.

HOLT, David Eric. *The role of the listener in the historical phonology of Spanish and Portuguese: an optimality-theoretic account*. Tese (Doutorado em Linguística). Georgetown University. Washington, D.C., 1997.

ILARI, R. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.²¹

KAHN, D. *Syllable – based generalizations in English phonology*. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge: Mass: MIT, 1976.

LAUSBERG, H. *Linguística Romana*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

LLOYD, P. *Del Latín al Español. Fonología y Morfología Históricas de la Lengua Española*. Madrid: Gredos, 1993.

LOPEZ, B.S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. Tese (Doutorado, PhD) – Los Angeles: University of California, 1979.

MAIA, C.. *História do Galego-Português, Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: INIC, 1986.

MATEUS, M.H.M. *Resenha: Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. DELTA vol.16 n.1 , São Paulo 2000.

MATTOS E SILVA, R.V. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Como se estruturou a língua portuguesa? Perspectiva histórica da fonologia e da morfologia da língua portuguesa*. Museu da Língua Portuguesa – Estação da Luz. Disponível em: <<http://www.estacaodaluz.org.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2007

MATZENAUER, C.L. *Relações implicacionais na aquisição da fonologia*. In: *Letras de Hoje*, v.31, nº2, p.67-76. Porto Alegre: EDIPUCRS, junho, 1996.

_____. *Aquisição da fonologia e aplicações teóricas: um estudo sobre as soantes palatais*. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). *Aquisição da Linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____. *Introdução à teoria fonológica*. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

²¹ Também foi consultada a edição de 2008.

_____. A geometria de traços na representação das palatais na aquisição do português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 29, nº 4, p.159-167, dezembro 1994.

_____; MIRANDA, A. R. M. Aquisição de fonemas e alofones: bottom-up ou top-down?. *Veredas (UFJF)*, v. Psicol, p. 112-124, 2008.

MAURER JR., T.H. Gramática do latim vulgar. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MONARETTO, V. N. O. A vibrante: representação e análise sociolinguística. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, universidade Federal do rio Grande do Sul, 1992.

_____. Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica. Porto Alegre, 1997. Tese (Doutorado em Letras). PUC/RS, 1997.

_____; QUEDNAU, L.; HORA, D. As consoantes do português. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

NESPOR, M. ; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

OLIVEIRA, A. M. Inserção e apagamento [w] em posição de coda: uma análise pela Geometria de Traços, 2006. 148f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro , Rio de Janeiro, 2006.

PINHEIRO, N. L. A. O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais , Belo Horizonte, 2009.

REZENDE, A. M. *Latina essentia: preparação ao latim*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, Harry; SMITH, Van Der. *The structure of phonological representations (part II)*. Foris, Dordrecht, p. 337-383, 1982.

_____. On the major class features and syllable theory. In: ARONOFF, M.; OEHRLE, R. *Language sound structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, p. 107-136, 1984.

SILVA NETO, S. *Fontes do latim vulgar: o Appendix probi*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

_____. História da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Portugal, 1952.

_____. História do latim vulgar. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

_____. Introdução ao estudo da filologia portuguesa. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

TARALLO, F. Tempos Linguísticos: Itinerário Histórico da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

TEYSSIER, P. História da língua portuguesa. São Paulo: Martins Fontes, 2007²².

WETZELS, W. L. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 23, p. 19-55, 1992.

_____. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. Probus, The Netherlands, n.9, p. 203-232, 1997.

WETZELS, W. L. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. Revista de Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: v. 9, nº 2, pp. 5-15 jul./dez. 2000.

WILLIAMS, E. B. Do latim ao português. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

ZÁGARI, Mario Roberto L. Os falares mineiros. In: AGUILERA, Vanderci Andrade. A Geografia Linguística no Brasil: caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL, 1998.

_____. Fonologia diacrônica do português. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988.

²² Também foi consultada a edição de 1982.